

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA COGNITIVA

TACIANA FEITOSA DE MELO

**PROCESSOS IMAGINATIVOS DE ESTAGIÁRIA SOBRE A EXPERIÊNCIA DE
INTERVENÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA**

Recife
2018

TACIANA FEITOSA DE MELO

PROCESSOS IMAGINATIVOS DE ESTAGIÁRIA SOBRE A EXPERIÊNCIA DE
INTERVENÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

Dissertação de Mestrado apresentada à Pós-graduação em Psicologia Cognitiva da Universidade Federal de Pernambuco, para obtenção do Título de Mestre em Psicologia Cognitiva.

Área de Concentração: Cultura e Cognição

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Ana Karina Moutinho Lima

Recife

2018

Catálogo na fonte
Bibliotecário Rodrigo Fernando Galvão de Siqueira, CRB4-1689

M528p Melo, Taciana Feitosa de.
Processos imaginativos de estagiária sobre a experiência de intervenção
em psicologia clínica / Taciana Feitosa de Melo. – 2018.
137 f. : il. ; 30 cm.

Orientadora : Prof^a. Dr^a. Ana Karina Moutinho Lima.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH.
Programa de Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva, Recife, 2018.
Inclui referências, apêndices e anexo.

1. Psicologia cognitiva. 2. Imaginação - Psicologia. 3. Psicologia étnica.
4. Semiótica. I. Lima, Ana Karina Moutinho (Orientadora). II. Título.

153 CDD (22. ed.)

UFPE (BCFCH2019-084)

TACIANA FEITOSA DE MELO

**PROCESSOS IMAGINATIVOS DE ESTAGIÁRIA SOBRE A EXPERIÊNCIA DE
INTERVENÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia Cognitiva.

Aprovada em: 05/03/2018.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Ana Karina Moutinho Lima (Orientadora)

Universidade Federal de Pernambuco

Profa. Dra. Wedna Cristina Marinho Galindo (Examinadora Interna)

Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Luca Tateo (Examinador Externo)

Aalborg University, Dinamarca

Deus, Seu enorme cuidado e inspiração me levaram a acreditar naquilo que era um sonho impossível, inalcançável e até ilusório. Você não só acreditou em mim, como também, me confiou o conhecimento necessário para a conclusão de mais uma etapa em minha vida. A honra é e sempre será Sua.

Miguel Breckenfeld, com você vivo a missão de acreditar no improvável, anunciar o impossível e levar em nós o sobrenatural do amor. O desafio de protestar com nossa aliança em uma cultura infiel, o desafio de sermos NÓS em um mundo tão cheio de EU's. O desafio de morrer pra si pra fazer a vontade de Deus. Cremos que o Amor torna Perfeito a quem escolhe amar. E esse Amor tem nos aperfeiçoado dia a dia e continuará nos aperfeiçoando, nos tornando perfeitos um para o outro. Te amo marido!

Ana Cristina (Minha mãe), você brilha na minha vida. Te agradeço por cada luta que você enfrentou por mim, por cada vez que você escolheu perseverar e não desistir! Nossa... como aprendo com seu amor. Hoje sou mais feliz, pois aprendi a viver a vida com FÉ e ALEGRIA, sempre. Te amo!

João Paulo, Mariana, Ana Paula, João Marcelo, Ana Carolina e João Guilherme (Meus irmãos), como somos diferentes, mas quando nos encontramos ou mesmo de longe (Mari nos E.U.A), a alegria de vocês é a minha alegria, as lágrimas eu choro também porque não importa o que venha na vida, somos irmãos e o amor corre para além de nossas veias. Amo vocês!

AGRADECIMENTOS

Um agradecimento especial e carregado de emoções à **Karina Moutinho** (Minha orientadora amada e magnífica), que me olhou nos olhos quando eu era apenas uma menina sonhadora e encantada pela Psicologia. Com seu talento, provocou em mim essa paixão pela pesquisa e me acolheu com carinho e generosidade nos momentos mais desafiadores. Os nossos caminhos foram traçados há muitos anos e só tenho gratidão por isso. Você é especial pra mim!

Denise e Geison Vasconcellos, meus líderes e pastores da vida, da alma e do coração. São minhas figuras de afeto, que me proporcionaram a base de amor necessário para que eu me sentisse segura para voar, e cá estou. Essa conquista passa por vocês, sem dúvida. Obrigada meus amores!

Pompéia Villachan, Paulo André e Alice (Minha afilhada), uma segunda família que Deus me apresentou e me revelou que a vida é mais cheia de amor do que eu imaginava. Á vocês, dedico cada passo em minha vida porque sei que todo apoio, amor e suporte me foi dedicado por vocês. Amo demais essa família especial em meu coração.

Benedito (Padrasto), com sua paixão por quadros e pela Psicanálise, me incentivou com paciência e, principalmente, deixando a minha vida mais feliz com seu bom humor.

Marcia e Angelo (Meus sogros), obrigada por todo suporte nos momentos mais difíceis, mostrando que somos uma família que decide caminhar junta, ligados por esse elo eterno de amor e cumplicidade.

Bruna, Marília e Nathalia (Cunhadas), vocês são beleza pura em minha vida e sou mais feliz e realizada em ter uma família tão doce e parceira como a nossa.

Aos professores e professoras do Programa de Pós-graduação em Psicologia Cognitiva da UFPE, pelas discussões, construções e trocas através de comprometimento e dedicação inenarráveis por parte desse maravilhoso elenco, especialmente: Selma Leitão, que me apresentou o querido Bakthin; Maria Lyra, que me recebeu tão bem no LabCCom e me apresentou a Psicologia Cultural Semiótica; Alina Spinillo, que me provocou reflexões através de leituras sugeridas; Mauricio Bueno, com tanta doçura apresentou a Estatística de forma leve e até, desejável, e por fim, Marina Pinheiro, que não posso deixar de abordar, mesmo que de forma breve, a enorme relevância de suas colocações na minha trajetória

acadêmica. Com as mais variadas habilidades, esses professores me ensinaram a tomar a Psicologia como um espaço de amor e a mim cabe levar adiante essa história.

Aos colegas de turma, **Alisson, Edilson, Ingrid, Adriana, Soraya, Jackeline, Luciana, Fernanda, Emanuel, Ariane, Dani, Epitácio e Germano**, que tornaram o aprendizado gostoso, com muito entusiasmo e apoio. Conduzimos nossa trajetória – cada qual em suas particularidades, mas vinculados em respeito e gratidão.

LabCCom, grupo empenhado no aprendizado e desafios em leituras e discussões, em especial **Tatiana Valério, Graciana Azevedo e Nathaly**, com muito amor me acolheram, me ensinaram, me inspiraram em cada etapa dessa jornada. Vocês são inteligentes, lindas e amáveis.

Ao **Eikasia**, na pessoa de **Karina, Gessivania, Ingrid e Josene**. Meninas lindas, transbordantes de alegria e entusiasmo, obrigada pelo apoio, pelo suporte, pelas palavras bonitas e por torcerem por mim. Somos uma linda equipe!

Jaán Valsiner, mestre no ensino, dono de um talento incomparável e uma pessoa brilhante. Conhecer você e a PCS mudaram minha vida. Obrigada por tanta riqueza em vida, em produção, em desenvolvimento.

Elsa de Mattos, radiante e maravilhosa, me ensinou em pouco tempo sobre preciosidades teóricas e conselhos que guardo no coração. A você, meu afeto e carinho!

Filipa Krolo, sua disponibilidade me fez dar saltos importantes na busca incansável nessa temática dos processos imaginativos. Obrigada por sua beleza!

Anaysa e Diego (Meus irmãos do coração). Obrigada por serem meus sócios em profissão e na vida. Me apoiaram com palavras de ânimo, com suporte e valorizando esse caminho que vem se constituindo ao longo desses 7 anos de amizade/irmandade. Amo vocês!

Alice, Aline, Anne, Claryssa, Karla, Suellen e Karinne, se vocês não existissem, eu nem sei que graça teria. Me fazem olhar a vida com olhos de paz, aventura e conquista. Me reencantam na amizade e no aprendizado, me ensinando que a essência disso tudo, tem um propósito sublime. Como é feliz o indivíduo que encontra abrigo nos amigos. Amo vocês!

Karol Matoso e Cathy Durães, vocês foram fofas ao acolherem minhas angústias, meus estresses e sou grata porque na vida, os amigos coroam a nossa vivência, mostrando que esse laço transcende nossas expectativas. Vocês são meu mentoreio, minha amigas!

Eliana Almeida, seu turbilhão de força me revigora a alma com a noção de não desistir e acreditar que meus sonhos são possíveis sim. Nossas conversas, nossos encontros no consultório e na vida, nossa Lulu linda, me abrem o coração para agradecer a você. Estamos juntas, sempre!

CERCCA, que lugar! Que grupo! Obrigada por toda recepção, por todo acolhimento, por todo comprometimento que envolve a missão de vocês. Terão meu reconhecimento e apoio sempre.

Fernanda Wanderley e Joelma Correia, queridas e amadas do meu coração. Gratidão transborda porque serão minhas referências enquanto professoras e psicólogas em todo empenho para a promoção de uma Psicologia comprometida com a relevância social e emocional de nossas crianças. Vocês são maravilhosas!

Carlos Henrique Ferraz, uma vez orientador, para sempre carregará esse título. Meus primeiros passos em pesquisa foram abraçados por você e hoje estou aqui para agradecer. Sua confiança e conhecimento me mostraram que há sempre algo novo e belo a ser decifrado pelos olhos do pesquisador.

O imaginativo não é necessariamente o irreal. A função adequada da imaginação é a visão de realidades que não podem ser exibidas em condições existentes de percepção sensorial. A imaginação suplementa e aprofunda a observação; somente quando se transforma em fantasia torna-se um substituto da observação e perde a força lógica (DEWEY, 1910, p. 224).

RESUMO

A imaginação como elemento importante ao desenvolvimento humano e no que tange aos processos educacionais, tem sido mais recentemente destacada. Os estudos desenvolvidos por Sloan, que fala da emoção imaginativa, Held e Warnock, que defendem um educar para imaginar, são mencionados por Girardello (2011), que destaca um avanço no campo acadêmico para reconhecer a importância da imaginação na Educação. Nesta direção, o presente estudo tem por objetivo apresentar como se dão os processos imaginativos desenvolvidos por uma jovem, por nós chamada de Rosa, concluinte da graduação em Psicologia na Universidade Federal de Pernambuco, em relação as suas primeiras experiências de estágio em Psicologia Clínica. Tomamos como referencial teórico estudos recentes da Psicologia Cultural Semiótica que esclarecem a relação sujeito mundo em acordo com a unidade quadrática desenvolvida por Valsiner (2014) a partir dos estudos de Stern. A proposição de imaginação que adotaremos é apresentada por Tateo (2015, 2017), na qual a dinâmica dos processos imaginativos envolve o recurso às noções de *Gegenstand*, Direcionalidade e Resistência. Nossa análise foi realizada com base nos fragmentos das três entrevistas realizadas com a participante, bem como de suas produções através do *Scrapbook*, tendo a primeira entrevista sido realizada antes da intervenção da estagiária e a segunda e terceira entrevista, realizadas depois desta primeira experiência de intervir num atendimento supervisionado. Os resultados indicam que a imaginação pode ser uma possibilidade para iluminar a discussão sobre a formação do estagiário e contribuir com o esforço de um campo fundamental para a Ciência, que envolve a conclusão de um processo educacional e de futuros profissionais. Com a experiência investigada da participante Rosa, foi possível oportunizar, através da imaginação, o alcance de melhorias significativas quanto ao estágio, que permitem o vislumbre da dinâmica, cheia de tensões e incertezas ligadas ao papel do estagiário.

Palavras-chave: Imaginação. Estágio. *Gegenstand*. Psicologia cultural semiótica

ABSTRACT

The imagination as an important element to human development and in what concerns the educational processes has been more recently highlighted. The studies developed by Sloan, who speaks of imaginative emotion, Held and Warnock, who advocate an educar to imagine, are mentioned by Girardello (2011), who highlights an advance in the academic field to recognize the importance of imagination in Education. In this direction, the present study aims to present as the imaginative processes developed by a young woman, by us called Rosa, concluding her graduation in Psychology at the Federal University of Pernambuco, in relation to her first experiences of internship in Clinical Psychology. We take as theoretical reference recent studies of Semiotic Cultural Psychology that clarify the subject world relation in agreement with the quadratic unit developed by Valsiner (2014) from the studies of Stern. The proposition of imagination that we will adopt is presented by Tateo (2015, 2017), in which the dynamics of the imaginative processes involves the use of notions of *Gegenstand*, directionality and resistance. Our analysis was based on the fragments of the three interviews conducted with the participant, as well as their productions through the *Scrapbook*, with the first interview being carried out before the intervention of the trainee and the second and third interviews, after this first experience of intervening supervised care. The results indicate that imagination can be a possibility to illuminate the discussion about the formation of the stage and contribute to the effort of a fundamental field for science, which involves the completion of an educational process and future professionals. With Rosa's experience, it was possible to create an imaginative way of achieving significant improvements in the stage, which allows a glimpse of the dynamics, full of tensions and uncertainties related to the trainee's role.

Keywords: Imagination. Internship. *Gegenstand*. Semiotic cultural psychology

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Processes of generalization and hypergeneralization in affective regulation of the flow of experience (Valsiner, 2012)	26
Figura 2 - Quadratic unity of inside◊outside and past◊future (Valsiner, 2014)	34
Figura 3 - The dynamics of directionality/resistance (Valsiner, 2014)	35
Figura 4 - <i>Gegenstand</i> has a whole (Tateo, 2017)	36
Figura 5 - Resistência em sistema <i>Gegenstand</i> (Valsiner, 2017)	38
Figura 6 - Dinâmica do processo imaginativo através da Direcionalidade e Resistência para entrevista 1 de Rosa – Antes do primeiro atendimento psicoterápico	62
Figura 7 - Dinâmica do processo imaginativo através da Direcionalidade e Resistência para entrevista 2 de Rosa – Antes do segundo atendimento psicoterápico	69
Figura 8 - Dinâmica do processo imaginativo através da Direcionalidade e Resistência para entrevista 2 (b) de Rosa – Antes do segundo atendimento psicoterápico	70
Figura 9 - Dinâmica do processo imaginativo através da Direcionalidade e Resistência para entrevista 3 de Rosa – Antes do terceiro atendimento psicoterápico	76
Figura 10 - Adaptada de Valsiner (2013, p. 206) – Inter/Out de Rosa	77
Figura 11 - Irreversibilidade do tempo (Valsiner, 2014)	78
Figura 12 - Primeiro <i>Scrapbook</i> de Rosa - Caixa de surpresas	81
Figura 13 - Segundo <i>Scrapbook</i> (a) de Rosa – Atendimento com adolescente	85
Figura 14 - Segundo <i>Scrapbook</i> (b) de Rosa	85
Figura 15 - Terceiro <i>Scrapbook</i> de Rosa – “Não sei”	88

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Síntese das etapas de construção de dados	50
Quadro 2 - Primeiro <i>Scrapbook</i> de Rosa	83
Quadro 3 - Segundo <i>Scrapbook</i> de Rosa	87
Quadro 4 - Terceiro <i>Scrapbook</i> de Rosa	89

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	16
2	BREVE RETROSPECTIVA PARA O ESTUDO DA IMAGINAÇÃO	19
3	PSICOLOGIA CULTURAL SEMIÓTICA (PCS)	24
3.1	CULTURA.....	25
3.2	SEMIÓTICA	26
3.3	AMBIVALÊNCIA NAS EXPERIÊNCIAS HUMANAS.....	27
3.4	HIPERGENERALIZAÇÃO DOS SIGNOS	27
3.5	CAMPOS AFETIVOS.....	29
3.6	INTERNALIZAÇÃO E EXTERNALIZAÇÃO.....	30
4	UMA FUNÇÃO MENTAL SUPERIOR CHAMADA IMAGINAÇÃO	32
4.1	DINÂMICA DA IMAGINAÇÃO.....	35
4.2	DINÂMICA DA IMAGINAÇÃO: <i>GEGENSTAND</i> (GG)	36
4.3	RESISTÊNCIA	40
4.4	DIRECIONALIDADE	41
4.5	TRAJETÓRIA DE VIDA.....	42
5	O ESTÁGIO SUPERVISIONADO NO CONTEXTO DE INTERVENÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA: BREVE APRESENTAÇÃO DO CENÁRIO BRASILEIRO	44
6	O PRESENTE ESTUDO	47
6.1	OBJETIVO GERAL:	47
6.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS:.....	47
7	METODOLOGIA	48
7.1	PARTICIPANTE	48
7.2	INSTRUMENTOS	48
7.3	CONTEXTO DA INSTITUIÇÃO.....	49
7.3.1	Brincar	49
7.3.2	Universidade Federal de Pernambuco - UFPE	50
7.4	PROCEDIMENTO	51
7.5	PROCEDIMENTO PARA ANÁLISE DE DADOS	52

8	ANÁLISE E DISCUSSÃO	54
8.1	SOBRE ROSA	54
8.2	ANÁLISE PROCESSUAL DA IMAGINAÇÃO NA DINÂMICA DA DIRECIONALIDADE E RESISTÊNCIA.....	57
8.2.1	Entrevista 2: Rosa/ Após o primeiro atendimento clínico de caráter psicoterápico.	66
8.2.2	Entrevista 3: Rosa/ Após o segundo atendimento clínico de caráter psicoterápico..	73
8.3	ANÁLISE DO <i>SCRAPBOOK</i> PELA PERSPECTIVA DA SEMIÓTICA CULTURAL.	80
8.4	CONSOANTE COM A PROPOSTA TEÓRICO-METODOLÓGICO DA PSICOLOGIA SEMIÓTICO-CULTURAL	82
9	CONCLUSÕES	92
	REFERÊNCIAS	95
	APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO .	101
	APÊNDICE B – ENTREVISTAS ABERTAS E SEMIESTRUTURADAS DA PARTICIPANTE ROSA.....	102
	APÊNDICE C – KIT <i>SCRAPBOOK</i> DA PARTICIPANTE ROSA.....	108
	ANEXO A – PERFIL CURRICULAR DOS COMPONENTES OBRIGATÓRIOS, COMPLEMENTARES E ELETIVOS DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA PELA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO-UFPE	109

1 INTRODUÇÃO

É sabido que o estágio é uma prática de aprendizado por meio do exercício de funções referentes à profissão que será exercida no futuro e que adiciona conhecimentos práticos aos teóricos aprendidos ao longo do curso (MILANESI, 2012). Os estudantes são frequentemente convidados a imaginar experiências ainda não concretizadas, para lidar com as situações que envolvem as práticas que deverão ser exercidas. A exemplo disso, tem-se a dúvida sobre o que fazer na situação de realizar atendimento psicoterápico, no contexto de estágio clínico, além da condição de ser estagiária, mas, ao mesmo tempo, ter uma atuação tipicamente profissional, que é constantemente pensada e discutida entre os estagiários de Psicologia. Logo, tornar-se psicólogo/a é uma antecipação imaginativa por via dos processos semióticos, em que os estagiários são afetados significativamente por tal experiência, que marca um momento especial do desenvolvimento dos estudantes, que é a conclusão de um processo de formação.

A prática de estágio clínico envolve a reconstrução do passado e a antecipação do futuro, através da imaginação para significar o momento presente. Pois, na relação estagiário – cliente, um universo se estende em possíveis ações para serem tomadas, que se configuram em direcionalidades que regulam e norteiam as práticas de estágio, advindos de todo arsenal histórico na vida dos estudantes. A potencialidade do estudo da imaginação é de explorar esse tema em função de esta ser uma situação nova, que requer adaptação em relação a uma experiência a ser vivida, extremamente necessária no processo de formação em Psicologia, e única para qualquer estudante da graduação. É na transição entre uma ocasião conhecida e outra ainda desconhecida, que o estudante se move para construir um arranjo significativo de sua experiência.

Dessa forma, pelas lentes dos estudos contemporâneos de Tateo (2015, 2017), a imaginação é um elemento constitutivo desde as situações mais comuns da vida, até as que exigem mais complexidade e ambivalência. Dessa forma, ao invés da imaginação ser algo que as pessoas fazem apenas em certos momentos excepcionais de ficção, de ilusão ou lidando com coisas irreais, ela se torna criadora do mundo concreto das ações.

A imaginação pode então, envolver a experimentação de novas ideias, novas soluções e novas ações, sem restrições da vida objetiva e concreta, assim, a imaginação é um aspecto fundamental na organização e regulação da nossa história. Isso posto, a imaginação é um fenômeno crucial para a Ciência (LATOUR & WOOLGAR, 1986). O poder dela está no seu

incrível potencial para enriquecer e melhorar a forma como as pessoas experimentam e se relacionam com o mundo.

A partir da noção de que as experiências humanas são organizadas e culturalmente reconstruídas no âmbito pessoal e social (VALSINER, 1998), exploramos, para desenvolver este estudo, o aporte teórico da Psicologia Cultural Semiótica. Esta abordagem sugere a construção constante de significados pelas pessoas em seus mais diferentes contextos culturais e históricos, através da mediação semiótica e no tempo irreversível (VALSINER, 2002). Os principais fundamentos teóricos do nosso estudo estão ancorados em conceitos centrais da Psicologia Cultural Semiótica, cujo interesse é compreender o processo dinâmico da imaginação no desenvolvimento humano, através de experiências afetivas e cognitivas, nas quais as pessoas são reguladas e orientadas semioticamente para o futuro (VALSINER, 2007).

Para nossa pesquisa, a imaginação, é concebida como proposto por Tateo (2016), que a conceitua como um processo simbólico fundamental, no qual se dá a criação de signos linguísticos e icônicos. Nesta perspectiva, todo o sistema psicológico humano pode considerar contextos do passado, presente e do futuro através da imaginação, de modo a possibilitar os sujeitos a estruturação da vida pelas antecipações prospectivas. É uma modalidade de pensar a história dos sujeitos pela via da criação, da inovação e da antecipação, não apenas pela via da reprodução literal do real.

Consideramos pois, a imaginação como um processo socialmente mediado (PELAPRAT & COLE, 2011; TATEO, 2015; ZITTOUN & GILLESPIE, 2016). Isto exigiu que nossa abordagem analítica fosse sensível a como a imaginação é realizada através da interação entre a participante e suas condições contextuais de estágio. A análise feita nos permitiu compreender a imaginação como um processo importante, onde os resultados da ação são vinculados aos conceitos propostos por Tateo (2017) de *direcionalidade*, *resistência* e *Gegensand*. Desse modo, o presente estudo é composto por nove capítulos no qual serão sequenciados a seguir:

Capítulo 1: Mostra a introdução, composta por uma breve apresentação de como surgiu o interesse pela temática do processo imaginativo no cenário do estágio.

Capítulo 2: Contém a revisão histórica e filosófica sobre a imaginação, no qual, foi traçada uma breve retrospectiva acerca do surgimento e tratamento da noção de imaginação na Filosofia e como essa herança deságua na tradição psicológica.

Capítulo 3: Apresenta os fundamentos teórico-metodológicos da Psicologia Cultural Semiótica. Nessa sessão, exibiu-se conceitos e noções da Psicologia Cultural Semiótica elencados para nosso estudo, abordando a mediação semiótica como processo fundante para a proposta apresentada sobre a imaginação. Nesse capítulo, é apresentado ao leitor como a Psicologia Cultural Semiótica tem proposto uma compreensão ao estudo dos processos imaginativos através de alguns de seus princípios.

Capítulo 4: Trata os principais estudos sobre a Imaginação e como os autores contemporâneos da Psicologia Cultural Semiótica as têm compreendido. Em nossa pesquisa, os estudos da imaginação através da definição feita por Tateo (2015), são mais explorados no tocante à articulação da dinâmica defendida pelo autor acerca da relação sujeito – objeto - pelos conceitos de *Gegenstand*, Direcionalidade e Resistência.

Capítulo 5: Possui uma apresentação geral sobre a concepção de estágio no Brasil, destacando o processo imaginativo em que a estudante está envolvida na condição de estágio supervisionado.

Capítulo 6: Expõe o objetivo geral do estudo, bem como, os objetivos específicos, que estão diretamente relacionados às questões de pesquisa que foram mobilizadas na construção deste estudo.

Capítulo 7: Aponta a metodologia: participantes, instrumentos, delineamento, procedimento, cenário investigado, onde esses pontos do processo metodológico ajudam na compreensão da forma adotada para conhecer e inferir em nosso estudo e sobre os objetivos que nossa pesquisa se propõe.

Capítulo 8: Finalmente, temos no capítulo 7 a análise e discussão do estudo de caso de Rosa.

Capítulo 9: Temos as considerações finais, com apresentação das principais mobilizações a partir do estudo realizado.

2 BREVE RETROSPECTIVA PARA O ESTUDO DA IMAGINAÇÃO

Apesar de sua importância, até o início do século XX a imaginação seguiu o destino de muitos outros conceitos, que foram negligenciados pela psicologia, como, por exemplo, intencionalidade, vontade, apercepção (CORNEJO, 2015; VALSINER, 2014). Na tradição racionalista, todos os processos cognitivos que não derivavam das categorias da razão e do determinismo, eram rejeitados. O valor científico apoiava-se na revelação do mundo pelo quantificável, e desse modo, alguns fenômenos perderam espaço e foram tomados como desqualificados para a compreender o sujeito psicológico. Neste sentido, as emoções, a imaginação, a criatividade, seriam tratados como temas para outros pensadores, como os filósofos e os artistas:

O mundo era possuidor de uma estrutura e de uma ordem hierárquica definidas e essencialmente imutáveis. Estrutura e ordem no interior das quais também a posição do homem estava claramente definida. O mundo natural, como também o mundo social, não eram vistos como históricos e muito menos como resultado da atividade do homem. Por isso mesmo, ao homem cabia, diante do mundo, muito mais uma atitude de passividade do que de atividade, devendo adaptar-se a uma ordem cósmica cuja natureza não podia alterar. Por seu lado, o conhecimento verdadeiro tinha um caráter muito mais contemplativo do que ativo, pois ao sujeito não cabia mais do que desvelar a verdade existente no ser. Deste modo, tanto o conhecimento como a ação tinham como pólo regente a objetividade (mundo real), esta marcada por um caráter essencialmente a-histórico (TONET, 2005, p. 39-40).

As discordâncias científicas à época revelavam um mundo que estava logicamente e estatisticamente organizado, através da matematização, no qual a vida interior passou a ser uma questão de tratamento através categorizações (CORNEJO, 2016). A imaginação era entendida como indeterminada, compreendida como um fenômeno periférico que ajudava a razão à medida que favorecesse as faculdades intelectuais nobres. Dessa forma, a imaginação progressivamente transformou-se em uma faculdade de reprodução de imagens, que trabalhava quando nenhum objeto perceptual estava presente.

Até o século XVI, a imaginação era apresentada por estudiosos em termos amplamente desfavorável, que não contribuía para os fundamentos do conhecimento. Aristóteles colocava a imaginação em uma posição mediadora entre percepção e intelecto. Hume, Locke e Kant apoiaram, o que ajudou no estabelecimento do papel mediador da imaginação ao distinguirem entre a imaginação reprodutiva, ligada à memória, e produtiva, alinhada com o pensamento.

As grandes compreensões racionalistas do sujeito psicológico ainda vigentes na atualidade concebem a imaginação possuindo um papel inferior, na qual essas teorias psicológicas se ampliamna visão de mundo mecanicista (CORNEJO, 2016). A importância de se recuperar as dimensões negligenciadas na tradição psicológica a respeito do ser humano, como o lugar dos afetos, o lugar do corpo, da criatividade, e a própria imaginação, podem vir a possibilitar um campo extraordinário de problematização acerca deste fenômeno.

Como salienta Cornejo (2016), os filósofos Vico (1725) e Kant (1781), e o poeta Goethe (1820) desenvolveram ideias defendendo a imaginação como um aspecto fundamental para o conhecimento da vida. Kant, como ressalta Cornejo (2016), defendia a imaginação como tendo uma atribuição de tornar viável à razão, enquanto Goethe teve uma proposta de imaginação vinculada às experiências de vida e aos sentimentos. Já Vico, defendeu que o mundo, em sua construção cultural, é resultado de processos imaginativos.

Goethe, ainda de acordo com Cornejo (2016), entende que os seres humanos conhecem o ambiente por seu valor expressivo, através das funções anteriores à razão, como a imaginação. Dessa forma, a apreensão não racional da natureza sugere certas maneiras de agir no ambiente:

Jamais se reflete o bastante sobre o fato de que a linguagem é propriamente apenas simbólica, figurada, e de que jamais exprime diretamente os objetos, mas somente por reflexos. Tal é especialmente o caso quando se trata de seres que apenas se aproximam da experiência e que podem ser chamados antes atividades que objetos, estando no reino da doutrina da natureza em contínuo movimento. Não podem ser fixados, embora devam ser descritos; é por isso que se tentam todos os tipos de fórmulas, para se aproximar deles ao menos alegoricamente. (CORNEJO, 2015, p. 134)

Apenas com os trabalhos de Vico (1668-1744), a imaginação ganha uma proposta inovadora nas discussões intelectuais. A ideia de Vico era apresentar a imaginação como um conceito fundamental para entender a relação histórica do sujeito no mundo (CUNHA, 2015). Desta forma, para Vico, a atividade imaginativa é uma maneira de desenvolver uma gama de significado e adquirir conhecimento a partir dos sentidos, no qual: “os humanos são criadores de humanidade” (TATEO, 2017, p. 16).

A partir dessa herança filosófica na psicologia do século XX, a imaginação vai assumir uma função de extrema importância no desenvolvimento humano, sendo compreendida como parte fundamental da vida, e não somente como processo subjacente a

outros processos cognitivos. Nesse cenário, Lev Semenovitch Vygotsky (1896-1934), viabilizou um olhar sobre a imaginação como um processo mental superior dentro das discussões da Psicologia.

Além de Vygotsky na Psicologia, temos destaque para os estudos feitos por Piaget (1990), e Valsiner (2002). Na perspectiva de Vygotsky (1998b), a imaginação tem o aspecto construtivo como princípio para a criação do novo, tendo por base a inadaptação das pessoas no curso da vida, o que gera necessidades e resignificações, de tal modo que a imaginação expande conhecimentos e alarga experiências. Ele se refere a ela como uma “função vitalmente necessária” (p.15).

Desse modo, Vygotsky (1998b) propõe que o processo de desenvolvimento da imaginação, assim como o processo de desenvolvimento de outras funções psíquicas superiores, está ligado à linguagem, à forma psicológica principal de sua comunicação com aqueles que a rodeiam, ou seja, à forma fundamental de atividade coletiva social da consciência. Ele admite que, como uma função psíquica superior, a imaginação acontece na consciência com o objetivo de criar uma imagem fantástica que se refere ao passado e ao futuro.

Em seu livro *Imaginação e criação na Infância*, publicado no Brasil originalmente em 2009, Vygotsky reconhece que a imaginação encontra-se em relação direta com a riqueza e variedade da experiência concentrada pelo homem, uma vez que essa experiência é o equipamento com que a fantasia ergue seus edifícios, ou seja, quanto mais rica for a experiência humana, mais abundante será o material de que a imaginação iria dispor para sua expansão.

Dessa forma, Vygotsky (1998a) compreende que a imaginação amplia a experiência do homem, sendo esta uma condição absolutamente necessária à quase toda função do ser humano. Levando em consideração toda a riqueza da obra de Vygotsky, é importante destacar que este autor, apesar de ter escrito um manuscrito sobre a imaginação, não conseguiu se debruçar exaustivamente a este tema, devido a sua morte precoce. Entretanto, Vygotsky não deixou de evidenciar o esforço necessário para que a compreensão sobre a imaginação acontecesse:

[...] a imaginação é uma condição totalmente necessária para quase toda atividade mental humana. Quando lemos o jornal e nos informamos sobre milhares de acontecimentos que não testemunhamos diretamente, quando uma criança estuda geografia ou história, quando, por meio de uma carta, tomamos conhecimento do que está acontecendo a uma outra pessoa, em

todos esses casos a nossa imaginação serve à nossa experiência (VYGOTSKY, 1930, p. 25).

A posição fundamental de Vygotsky se refere à imaginação assumindo um papel de extrema importância no desenvolvimento humano, tornando-se um meio de expandir a experiência do homem, no qual o torna capaz de criar e imaginar o que não viu, conceber, baseado em histórias e descrições de outros, o que não foi experimentado pessoalmente e diretamente, além de “não está fechado no círculo estreito de sua própria experiência, mas pode mover-se longe de seus limites, com a ajuda da imaginação” (VYGOTSKY, 2009, p.20).

Vygotsky aponta então, que o processo de imaginar é necessário na formação dos conceitos; e a função mais importante da imaginação seria a capacidade de ampliação das experiências, conforme relatos de estudos que ele apresenta em suas obras:

Uma menina, que enterrou os pés na terra e estava parada, imóvel com os braços colados ao corpo, disse: “Sou uma árvore. Não está vendo? Estou crescendo. Olhe os galhos, as folhinhas”. As mãos dela começam a se levantar devagar, os dedinhos se abrem. “Não está vendo como o vento me balança?” – E a “árvore” começa a inclinar-se e tremular com as folhinhas-dedinhos (VYGOTSKY, 2009, p. 99). Outros estudos sobre a imaginação, pode ser visto no artigo *Mind the Gap: Imagination, creativity and Human Cognition*, Pelaprate e Cole (2011), trazem estudos sobre a percepção, onde a imaginação era compreendida como algo que preenche, ou seja, na falta de combinações perceptuais, a imaginação supriria tal lacuna através de formações de imagens. É nesses estudos que a imaginação ainda tem sido muitas vezes considerada como uma característica secundária da mente humana, subordinada ao processo do pensamento racional e lógico (SEPPER, 2013; TATEO, 2015).

Muitas conotações do pensamento atual, defendem a noção de que a imaginação pode nos fornecer uma visão especial da natureza da verdade (TATEO, 2015). Como um processo de reprodução literal de imagens, a imaginação, nessa perspectiva, originaria conceitos a partir da condição perceptual e biológica do sujeito. Tal compreensão, retira o papel criador da experiência e o lugar dela enquanto um processo de organização da vida, de forma holística. O ofício da imaginação é superar o apreendido pela percepção, e criar novas realidades, no que concerne ao campo das ações e possibilidades humanas.

Outro estudo nesta direção, é seguido pelo cientista Barry Van Veen, da Universidade Wisconsin-Madison, nos Estados Unidos, publicado em 2014¹. Os resultados foram publicados na revista *NeuroImage*. Os pesquisadores examinaram a atividade cerebral de pessoas por meio de eletroencefalografia, método que utiliza sensores para medir a atividade elétrica que flui do cérebro. Eles rastrearam a atividade elétrica no cérebro de pessoas que imaginavam cenas como viajar em uma bicicleta mágica, ao mesmo tempo em que prestaram atenção aos detalhes de formas, cores e texturas.

Os pesquisadores descobriram que durante a imaginação, havia um aumento do fluxo de informação do lobo parietal para o lobo occipital, e a informação visual captada pelos olhos tenderia a fluir do lobo occipital. Diferente da perspectiva que será mais detalhada posteriormente, acredita-se que a imaginação tem seus constructos biológicos e psicoquímicos no cérebro sim, contudo, será enaltecido neste estudo, o lugar das construções semióticas em que o sujeito se prospecta no futuro a partir de construções de imagens reconstruídas e sígnicas no campo da experiência.

No próximo capítulo, será considerado alguns pontos importantes que Valsiner (2007b) tem mostrado ao longo de suas publicações durante os últimos anos, acerca dos processos de desenvolvimento humano. Este autor defende que tais processos estão alicerçados em sistemas semióticos, com impactação afetiva, os quais são criados e transformados nos contextos históricos e culturais que circundam os seres humanos. Nesse terreno, encontra-se a imaginação enquanto uma potencialidade de criação e não como uma capacidade restritiva da psique. Numa atividade que orienta as ações para o futuro, a imaginação é tomada como o processo cognitivo chave para desdobramentos de conhecimentos diversos acerca do novo, do não conhecido e do futuro. Desse modo, a base do nosso estudo se fundamenta nas explicações sobre a imaginação proposta por Valsiner (2014) e seus contemporâneos (TATEO, 2015, 2017; ZITTOUN ET AL, 2012, ZITTOUN & GILLESPIE, 2016).

¹ Informação obtida em <https://exame.abril.com.br/ciencia/imaginacao-e-realidade-fluem-em-sentidos-opostos-no-cerebro-diz-estudo/>, 21 Abril de 2017.

3 PSICOLOGIA CULTURAL SEMIÓTICA (PCS)

A Psicologia Cultural Semiótica (PCS) destaca-se como uma proposta teórica que se refere a compreensões das experiências do sujeito e apoia-se nas reflexões sobre a Semiótica de Charles Peirce. A PCS tem-se destacado como um campo interdisciplinar, integrando a Psicologia histórico-cultural, a Semiótica e as Ciências Naturais, na constante indagação entre o lugar da cultura no desenvolvimento humano, e os desdobramentos que os indivíduos provocam na cultura, de modo a funcionar como mútuos, recíprocos e dependentes (COLE, 1995; VALSINER, 2000, 2007, 2009).

A proposta da PCS é ancorada no pensamento sócio-histórico e, dessa forma, se afasta dos paradigmas positivistas que enaltecem a dicotomia indivíduo e ambiente. Até o séc. XX, tais correntes visavam a observação dos fenômenos psicológicos pela via do comportamento, contudo, em Valsiner – proponente da PCS, tem-se a noção de sujeito ativo, cultural, único, intencional, construtor de significados e guiado por objetivos (VALSINER, 2000). Desse modo, a PCS pode ser compreendida como uma teoria que busca formular modelos que expliquem sobre a construção semiótica e cultural dos indivíduos, através da capacidade humana de construir instrumentos que regem a relação da pessoa no mundo.

Nesta perspectiva, o estudo da imaginação pela PCS faz-se importante porque ela considera as diferentes maneiras como a dinâmica semiótica se conecta ao sujeito frente aos contextos em que eles estão inseridos. Por exemplo, na experiência voltada para o futuro, existe uma direcionalidade de ação que guia o sujeito para objetivos sempre para o instante vindouro, e isso significa que o sujeito organiza essas ações semioticamente construídas ao longo de sua história. Logo, o presente torna-se uma fundação reguladora das incertezas do porvir e o futuro é sugerido pelo passado, num constante diálogo e troca semiótica (VALSINER, 2012).

A PCS se propõe a explicar a dinâmica que envolve os processos imaginativos dos indivíduos se referenciando na perspectiva afetiva das experiências de vida, sendo a imaginação, uma função mental superior que participa na prospecção do futuro e nas diversas formas possíveis de ações pelo qual cada sujeito irá construir, de modo a regular este cenário incerto, não conhecido, e as vezes, temido e ansiado. “Sem imaginação, nada no mundo poderia ser significativo. Sem imaginação, nunca poderíamos entender a nossa experiência. Sem imaginação, nunca poderíamos ter conhecimento” (TATEO, 2015, p.2).

Portanto, elencamos alguns conceitos notáveis para compreender a imaginação enquanto processo cognitivo dentro da perspectiva Cultural Semiótica. Para tanto, apresento abaixo alguns destes conceitos:

3.1 CULTURA

“Como uma parte da organização psicológica de toda pessoa, a cultura é a ferramenta primária para o viver humano” (VALSINER, 2016, p.32). Valsiner diz que os seres humanos criam inúmeras e diferentes ferramentas culturais para construção, regulação, administração de incertezas e dúvidas nos quais se delineiam necessidades afetivas. É nessa imersão semiótica que novas ferramentas são construídas com o intuito de fortalecer a vida das pessoas no momento presente.

A cultura não está posta, como algo acabado em si e de interferência sobre o sujeito, o modulando de acordo com tais dominâncias. A cultura, nessa perspectiva, passa a ser tratada como uma parte inerente das funções psicológicas humanas, sendo assim, a atuação participativa da pessoa na cultura e a cultura envolvida nos processos psicológicos do ser humano, são imprescindíveis para seu desenvolvimento: “Toda a ciência é um artefato cultural: sem a cultura, nenhuma ciência pode existir. A Psicologia pode existir como ciência porque existe a cultura” (VALSINER, 2009, p. 06-07).

A PCS enfatiza a mútua constituição entre cultura e sujeito, e não uma influência de uma parte sobre a outra. Ela reconhece o papel central dos fatores histórico-culturais, bem como, da singularidade dos indivíduos e o seu caráter de sujeito ativo e construtivo. A cultura é então entendida como processo semiótico e não como uma entidade individual, localizada apenas dentro ou apenas fora do sujeito, contudo, ela constitui as pessoas em uma troca, em uma relação persistente entre os aspectos únicos do sujeito, definido como cultura pessoal, e os aspectos historicamente reintegrados na interação do sujeito no mundo, definido como cultura coletiva (VALSINER, 2000).

Portanto, na dinâmica cultural e semiótica prevalece a noção de que as pessoas estão constantemente recompondo, reinventando e criando signos no tocante aos contextos culturais que estão envolvidos e integrados. São esses signos que vão agir para organizar a experiência do indivíduo no mundo, assim sendo, todas as ferramentas e artefatos culturais atuam e mobilizam a construção das rotas de desenvolvimento de cada indivíduo (BRANCO & VALSINER, 2012; VALSINER, 2012).

3.2 SEMIÓTICA

O processo de construção de significados pelo uso e criação dos signos, se produz a medida que as relações sociais internalizadas dão ressonâncias as produções de sentidos externos, no qual, o que é internalizado são as inúmeras significações construídas pelas pessoas em suas experiências diárias e afetivas:

O que é internalizado é a significação que uma pessoa tem para as outras; o que o outro da relação tem para seu eu; o que, na dialética da relação, dá ao seu eu as coordenadas para saber quem é ele, que posição social ocupa e o que se espera dele. A significação representaria, assim, a atividade mais geral e fundamental do ser humano (AMORIM, 2012, p. 313)

Dessa maneira, os processos de significação regulam a forma que as pessoas vivem, agem e se relacionam no mundo. É uma forma de se preparar para o futuro, ou seja, de antecipar e antever o futuro, pelos aspectos que organizam a experiência interna da pessoa. Esse processo é ascendido através da agregação de sentidos, emoções, ações e significados culturalmente internalizados, e que se preservam ao longo do desenvolvimento.

Em relação a Semiótica como campo de estudos dos signos, é proposto que o signo é um representante que passa a ideia do objeto representado. É como qualquer coisa que é apresentada e se coloca no lugar de outra coisa para referenciá-la. Para Peirce (1986), a semiose é um processo constante de criar significados sobre os objetos.

O signo está no lugar de alguma outra coisa que é diferente dele mesmo. Essa outra coisa representada pelo signo é seu objeto. A noção de símbolo pode ter diversas interpretações intuitivas, nas quais as possibilidades interpretativas do signo são imprecisas (VALSINER, 2012). É uma relação convencional entre o signo e seu significado, de modo que alguns símbolos não são verbais, como uma placa de banheiro feminino, onde geralmente é marcada por uma bonequinha de vestido e logo comunica a entrada apenas para mulheres naquele estabelecimento.

Já o índice é um parâmetro cujo o signo possua uma relação de causalidade indicando e apontando para seu significado. Exemplo: patas de cachorro pelo chão. As patas não são o cachorro no momento presente, mas apresenta a ideia de que o cachorro passou por ali. E o ícone, é um princípio que se assemelha ao objeto, como uma foto, por exemplo. Naquela imagem há uma aproximação com o objeto, mas não é o objeto a medida que é um representante dele.

A vastidão com que lidamos com os signos, tanto na forma de construção como também de recriação deles, revela que a característica humana é de um sujeito ativo, participante da própria história na dinamicidade da vida. A maior parte dos objetos em nosso ambiente são signos agregados e associados, e esses signos ativam processos de construção de significados na dinâmica semiótica (MAGARIÑOS, 1996).

3.3 AMBIVALÊNCIA NAS EXPERIÊNCIAS HUMANAS

Outro aspecto muito importante da Psicologia Cultural Semiótica é o reconhecimento da ambivalência, da tensão e das negociações internas como inerentemente envolvidas em nossas relações sîgnicas no mundo. Valsiner (2011) vai dizer que os signos são ambíguos e que pessoas enfrentam novas ambiguidades na vida, produzindo novos signos:

“Se cultura deve ser explicada através da semiose, a noção de ambigüidade está necessariamente, por conseguinte, no centro de todos os nossos construtos teóricos, do mesmo modo que desempenha um papel central em nossas experiências de vida” (VALSINER, 2012, p.58).

A ambigüidade das construções humanas semióticas é tão importante quanto as continuadas ambigüidades da própria vida (ABBEY & VALSINER, 2005). Valsiner (2007) coloca que “os opostos estão automaticamente implicados a cada momento” (p.160). Desse modo, a ambigüidade é produzida a cada momento de tensão e incompatibilidade entre os signos, e tal confrontação convida o sujeito a construir novos significados.

Logo, o contexto social e cultural em que as pessoas estão inseridas e lidando cotidianamente em suas vidas, estão profundamente implicados não só na emergência da tensão e da dúvida, “mas também na permissão ou restrição das possibilidades de lidar com a ambivalência” (ZITTOUN ET AL, 2011, p.73). Ou seja, os signos são necessariamente ambíguos em si mesmos, e assim as pessoas lidam com as incertezas e com as negociações do viver pelos diferentes tipos de confrontos que o próprio signo abarca.

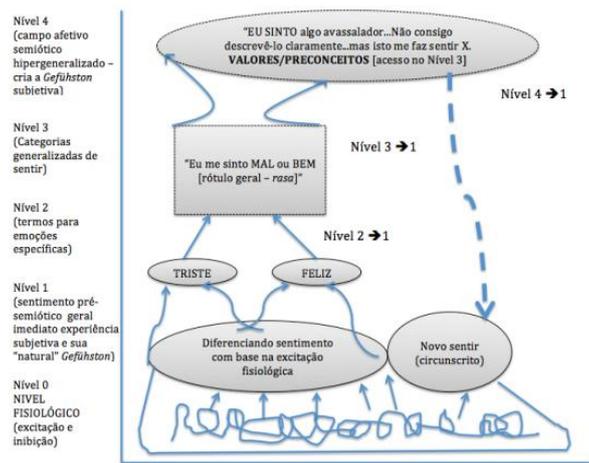
3.4 HIPERGENERALIZAÇÃO DOS SIGNOS

Valsiner (2012) diz que o ser humano se vincula com diferentes signos ao longo da história, de modo a autorizar uma possível regulação das ações em direção ao futuro. Ou seja, é através do estabelecimento afetivo com o signo, que o ser humano é capaz de antecipar-se à própria experiência, de modo a construir um roteiro que lhe prepare, que lhe organize para o não conhecido.

No Modelo de Regulação Afetiva (como veremos na figura 1), Valsiner(2012) defende a existência da afetividade na vida humana, e organiza suas impactações nos sujeitos em diferentes pontos, que se inicia desde o ponto 0 –tratado pela via das experimentação da vida em seu aspecto fisiológico, até o ponto 4 –tratado como o lugar de maior impactação afetiva.

O ponto 1 é compreendido como um estado no qual não é demandado a mediação semiótica pela linguagem, é como se fosse um estado pré-verbal da experiência humana, é o antes de tudo ser fragmentado em algum discurso linguístico. No ponto 2, a pessoa consegue verbalizardiscursivamente as suas emoções, por exemplo, ela pode explicar que está chateada e o por quê, que está confusa com algo, que está alegre devido alguma situação. No ponto 3, a pessoa generaliza a emoção, eno ponto 4, tem-se os afetos indizíveis, ou seja, os campos afetivos semióticos hipergeneralizados, sem traduções verbais, difíceis de descrever.

Figura 1 - Processes of generalization and hypergeneralization in affective regulation of the flow of experience



Fonte: VALSINER, 2012, p. 261

Os signos intradutíveis, chamados de hipergeneralizados, se definem pelo não acesso por via da comunicação verbal e da organização linguística. Eles são carregados de afetividade, de impactação, de sublime, ou seja, de um arcabouço emocional coconstruídos ao longo da experiência de vida dos sujeitos. “A pessoa simplesmente ‘sente algo’, mas não consegue colocar esse sentimento em palavras” (VALSINER, 2012, p.261).

Esses campos semioticamente construídos com signos inenarráveis e indizíveis, orientam a pessoa em direção a tomada e não tomada de certas decisões, de certas escolhas ao invés de outras, e etc. Assim, o lugar das emoções nas ações e significações humanas, podem ser percebidas nas palavras de Rosa e Travieso (2002), que enfatizam de forma importante esta questão:

É sobre esse pano de fundo – formado por uma visão de mundo transportada sobre signos que permitem que a experiência se espalhe nas vivências presentes, nas memórias do passado e na imaginação do futuro—que se pode ter uma experiência do tempo, da esperança ou desesperança, da angústia da espera que a esclarecerá as incertezas, e da nostalgia do que já aconteceu (ROSA e TRAVIESO, 2002, p. 13).

A generalização máxima da experiência, denominada de hipergeneralização, acontece na integração entre as experiências sociais com os campos afetivos, de forma a orientar as ações futuras (VALSINER, 2007). É um nível alto de abstração, experimentada no corpo e no não dizível da experiência. Por exemplo, quando uma pessoa vai assistir uma apresentação musical ou vai contemplar uma paisagem natural num passeio, há uma extensa impactação afetiva, única e essencialmente particular, levando a pessoa a hipergeneralizar sentimentos gerais sobre ela mesma e sobre o mundo

O "nascimento do presente próximo" ocorre no domínio psicológico, a partir da tensão criada pela interseção entre a insistência seletiva daquilo que vem do passado como algo que efetivamente se deu, e a incerteza dos eventos futuros. Os signos são criados para superar essa tensão (VALSINER, 2007, p. 113).

Dessa forma, a organização dessas experiências altamente afetivas no campo semiótico harmonizam a criação de novos e constantes significados pela via dos sentimentos, de modo que estes serão guias diários na forma como cada sujeito lida, cria, atua e participa da vida. Assim, o signo promove um processo de desenvolvimento nos sujeitos, quando opera para orientar a atividade humana numa perspectiva de ações para o futuro (VALSINER, 2012).

3.5 CAMPOS AFETIVOS

A ideia de campo afetivo refere-se que a cada vivência humana, signos regularam e fizeram parte do modo como o sujeito se conduziu para tal experiência. Valsiner (2012) diz que as experiências humanas são “afetivas em sua natureza” (p.251), de maneira que há uma relação especial do sujeito no mundo pela via dos afetos e da impactação desses afetos na vida diária. Logo, os campos afetivos seriam a emergência do encontro das experiências não traduzíveis, mas afetivamente impactantes, e que regulam as novas experiências dos sujeitos.

Na nossa experiência orientada para o futuro, criamos e recriamos horizontes pela dinâmica semiótica que nos circunda (TATEO, 2017). Essa dinâmica semiótica faz um movimento constante de relacionamento com os signos que regem a construção de significados nos sujeitos. Desse modo, os campos afetivos são tratados como um conjunto de

signos articulados entre si, possuindo uma passagem para mudanças, como também um ponto de estabilidade ao longo do tempo (VALSINER,1998).

Como o futuro orienta nossas construções no presente, no momento em que a vida nos aponta possibilidades infinitas de escolha, a imaginação “permite que o sistema psicológico considere contextos passados e imagine contextos futuros” (VALSINER, 2000, p. 50). E os campos afetivos atuam então, para as negociações intersubjetivas que findam nossa experiência no mundo, de modo a internalizar e externalizar significativamente.

3.6 INTERNALIZAÇÃO E EXTERNALIZAÇÃO

Entende-se que na internalização, os sujeitos incorporam significados construídos através dos diversos conteúdos históricos e culturais que participam ativamente de suas experiências. É nessa comunicação efetiva entre as mensagens do campo intersubjetivo e do campo externo, que há a elaboração de novos significados.

A internalização é o processo de análise dos materiais semióticos existente externamente e de sua síntese na forma de novidade no domínio intrapsíquico. [...] A externalização é o processo de análise do material (subjetivo) da cultura pessoal intrapsicologicamente existente durante sua transposição do interior da pessoa para seu exterior, e a modificação do ambiente externo como uma forma de nova síntese deste material. (VALSINER 2007, p.340)

Através da nossa relação afetiva com o mundo, a internalização é o processo em que o sujeito seleciona, escolhe e prioriza aspectos tidos como fundamentais para dar sentido ao que ele irá transformar em ação, em decisão, escolhas, etc. A internalização dos conteúdos culturais é orientada por múltiplos fatores, onde há um significado próprio a partir do amplo universo de possibilidades (PALMIERI & BRANCO, 2004).

Em termos das construções de novas metas, opções, objetivos e prospecções futuras, bem como, ações dirigidas, etc, todos surgem de novas compreensões da vida e das experiências, possíveis de serem confrontadas, revisitadas, mudadas, pela construção de significados do sujeito no mundo. Não é estático e fixo, ao ponto de não permitir uma dinamicidade e abertura para novas elaborações. Assim, as transformações nos contextos sociais ocorrem quando o sujeito dialoga entre os universos internos e externos, transcendendo o conhecido, recriando e reinventando o novo.

Todos os conceitos acima elencados fazem parte da Psicologia Cultural Semiótica, que adotei para estudar o processo imaginativo em uma estudante estagiária de psicologia na condição de intervenção clínica de caráter psicoterápico. No próximo capítulo exploraremos

como a noção de imaginação é retomada nos estudos da Psicologia, mais especialmente, na Psicologia Cultural Semiótica e seus desdobramentos nos estudos de Tateo (2015, 2017).

4 UMA FUNÇÃO MENTAL SUPERIOR CHAMADA IMAGINAÇÃO

A Psicologia Cultural Semiótica, que está sendo tomada como arsenal teórico fundamental para o presente estudo, tem dedicado especial atenção à imaginação, dentre outros processos cognitivos. Estudiosos como Zittoun (2009) e Tateo (2015) reconhecem-na como uma função mental superior. Mais recentemente, Zittoun & Guillespe (2016), Tateo (2015), Zittoun & Cerchia (2013) desenvolvem uma proposta, dentro da Psicologia Cultural Semiótica, para o estudo da imaginação como processo desenvolvimental. Para esses autores, a imaginação é um processo de criação de experiências que escapam ao ambiente imediato, que permitem explorar o passado e o futuro, com possibilidades presentes ou mesmo impossibilidades.

Assim, a PCS oferece uma perspectiva de perceber a imaginação com as dimensões semióticas, culturais, sociais e históricas envolvidas na trajetória das pessoas. O distanciar-se do aqui-e-agora traz novas possibilidades por meio dos usos socioculturais, e dessa forma, a criação dos cenários imaginários participam de todas as situações da vida humana. Com isso, a imaginação é vista como um processo no qual as pessoas antecipam e constroem prospectivamente possibilidades e situações futuras.

No capítulo anterior, foi possível delinear alguns conceitos centrais no que tange uma maior clareza acerca do arsenal teórico da Psicologia Cultural, contudo, para esse novo momento, tomar-se-á para o entendimento da imaginação, alguns outros conceitos que são importantes para pensar a relação passado, presente e futuro, além de uma dinâmica semiótica que será palco para o ato imaginativo.

É sabido que a Psicologia Cultural Semiótica defende que a vivência humana se instala dentro de uma ampliação temporal única, que é sempre orientada para o futuro. Como outrora apontado, essa ampliação temporal se efetiva através do estabelecimento e transformação de signos que funcionam como guias de todo conjunto de construções possíveis. Esses signos operam como signos promotores, ou seja, eles promovem a organização das ações em direção ao futuro (VALSINER, 2004, 2006). O presente funciona então como um campo de mediação e regulação semiótica no qual se abrange o passado em direção ao futuro:

O papel promotor desses signos define-se como uma função prospectiva (feed-forward): os signos estabelecem a gama de fronteiras de significado possíveis para as experiências futuras no mundo, que são imprevisíveis,

ainda que antecipadas. Quando necessário, a pessoa está constantemente criando significado adiante de seu tempo, orientando-se em direção a uma ou a outra vertente da experiência antecipada e, dessa forma, preparando-se para esse futuro (VALSINER, 2012, p.148).

Valsiner (2007) afirma que a mediação semiótica é vista como reguladora de significados que permite o distanciamento psicológico do momento presente. Por exemplo, a pessoa ao se colocar numa certa situação (Ex.: Ir ao supermercado), ela precisa levar em consideração o que pode ocorrer durante as compras, como pode solucionar o problema - caso não tenha o produto que ela precisava, como pode resolver – vai comprar em outro lugar ou não, e como fará para pagar – vai passar cartão, vai sacar o dinheiro, e assim por diante. Para tanto, a pessoa utilizará os signos que compõe sua vida psicológica e que vão reger todo o processo de organizar o “como será”. Acrescenta-se que “os signos estabelecem uma gama de fronteiras de significação para as experiências futuras no mundo, que são possíveis de imaginar, quando antecipadas” (VALSINER, 2007, p. 58).

Neste cenário, a imaginação assume então, uma condição de nossa própria humanidade, no qual ela permite considerar alternativas e possibilidades para reler o passado e para alargar possíveis futuros, de forma a gerir e coordenar o presente. A imaginação é portanto, associada à criatividade diária bem como as experiências estéticas e as experiências afetivas. E nesse sentido, a imaginação é necessária para a vida e pode, poderosamente, expandir as possibilidades de novas maneiras. Ela se torna uma forma de expansão da experiência humana (VYGOTSKY, 1930; ZITTOUN & CERCHIA, 2013).

Os estudos recentes realizados por Tateo (2016, 2017), Zittoun & Cerchia, (2013) e Zittoun & Gillespie (2016) recuperam as ideias vigotskianas sobre a imaginação como uma função mental superior. Zittoun (2013) vai conceituá-la da seguinte maneira:

Diremos que a imaginação, como um processo, cria loops fora do presente, no aqui e agora ligado as experiências a objetos reais. [...] A imaginação permite considerar alternativas para reler o passado ou para abrir possíveis futuros, rica em emoções, ela é, portanto, associada a criatividade diária bem como as experiências estéticas. [...]. Nesse sentido, imaginação é necessária para a vida cultural humana e pode potencialmente expandir as possibilidades de outras maneiras, ela torna-se uma forma de expansão da experiência humana (ZITTOUN, 2013, p.3).

Assim, a imaginação, nessa perspectiva, ocorrer por uma ruptura da experiência do mundo material. Zittoun (2013) defende então, que a imaginação aparece em momentos de ruptura no fluxo da experiência, nas situações de novidade em que o sujeito é tomado pela imprevisibilidade da vida. A autora se apoia na ideia de Vygotsky a respeito da imaginação

como uma expansão da experiência humana, e concebe a imaginação como um loop, ou seja, um laço. À medida que esse laço imaginário é alimentado de elementos culturais e experiências de vida ao longo da história da pessoa, tem-se uma maneira paraimaginar o passado e permitir novos futuros no momento presente.

Outra linha de investigação sobre imaginação é desenvolvida por Luca Tateo (2015a, 2015b, 2017) e sobre a qual explorarei neste trabalho. Seus estudos se destacam pelo entendimento que ele tem de que as ações humanas são imaginativas, afetivas e pré-adaptativas. Além dessa compreensão, este autor também vai abordar a imaginação como um processo de construção de significados, sendo tratada como uma função que estabelece uma ação alicerçada em uma reconstrução do passado com objetivos ao futuro imaginado.

Para Tateo, os processos imaginativos têm importância central no estabelecimento de nossas relações com o mundo, pois ele considera a imaginação como processo superior primordial que possibilita a elaboração de significados através dos signos linguísticos e icônicos que se relacionam também com outros processos cognitivos (TATEO, 2015; 2017): “A imaginação é uma função psicológica fundamental que se dedica à manipulação de conjuntos complexos de sinais icônicos e lingüísticos” (TATEO, 2015, p.1).

Nesse sentido, Tateo (2015) diz que os indivíduos são os únicos capazes de criar conceitos abstratos, como por exemplo: ideias sobre desenvolvimento, sobre progresso, raça e sociedade; e por outro lado, é irrefutável que são os sujeitos capazes de construir e desconstruir, de forma constante, os objetos abstratos e não existentes. Para ele, esta capacidade de criar conceitos abstratos como coisas reais e criar coisas reais tratando-as como conceitos abstratos é uma das características que distinguem a humanidade de outras espécies, além de ser a razão para a apresentação da imaginação como uma das funções mentais superiores mais relevantes em nossos tempos.

Dessa forma, Tateo (2015) preserva as noções apontadas desde a Filosofia na obra de Giambattista Vico (1668-1744), discutidas no capítulo 1 do nosso estudo, ou seja, como um crítico severo do modelo científico racionalista, Vico, nega os esforços intelectuais para adaptar as ciências humanas as propostas positivistas de ciência. A ideia de Tateo, com inspiração em Vico, é buscar compreender como os objetos são criados, significados, intencionalizados, desenvolvidos e usados nas relações humanas, e como a imaginação participa então, dos processos de transformação da vida, através da capacidade de criar correspondência entre as coisas (abstratas e concretas) e na capacidade de imaginar o passado.

Para uma melhor compreensão da perspectiva de Tateo (2017) para o estudo da imaginação, dedicamos uma seção abaixo para que o leitor perceba a proposta do autor à luz das noções de *Gegenstand* (que aqui trataremos por GG), e da dinâmica da Direcionalidade e Resistência. Na perspectiva apresentada, a imaginação pode ser compreendida como uma atividade psicológica antecipada, que lida com o abstracional e concreto na experiência. Para tanto, a imaginação permite que: “1) dinamicamente o sujeito se (re) posicione e incipientemente explore, acrescente, varie, combine e refaça, 2) participe ativamente e marque os potenciais possíveis, e 3) explore esses potenciais projetando-os para outros em campos abstratos e concretos” (TATEO, 2015, p. 19).

4.1 DINÂMICA DA IMAGINAÇÃO

Envolto da inspiração pelos estudos de Valsiner (2006) e da Psicologia Cultural, Tateo (2015) defende que a imaginação é, portanto, a função mental superior responsável por potencializar o sujeito em suas diversas possibilidades e até mesmo, impossibilidades, indo além da resolução de problemas (TATEO, 2017), mas construindo novos modos de ser e agir. Este autor propõe três teses que dão sustentação a definição do processo cognitivo da imaginação, e apresenta a primeira, que fala acerca da imaginação ser uma função psicológica superior, envolvida na elaboração de significados icônicos e lingüísticos (TATEO, 2015a).

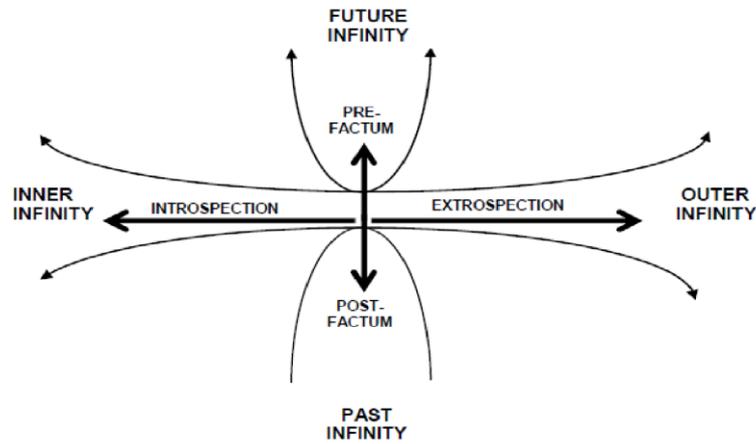
A segunda tese proposta defende que a imaginação não é algo posto à realidade, mas sim, uma forma de adaptação e pré-adaptação ao meio ambiente e aos contextos em que o sujeito está inserido em constante troca e diálogo. E a terceira tese indica que os seres humanos experimentam, necessariamente, uma relação afetiva com o mundo, de modo que podem ser impactados, intencionalizados e afetados nas relações com o ambiente, pelas vias dos processos semióticos.

Tais teses se fundamentam nas produções de Valsiner (2013), que apontam a noção de unidade quadrática para explicar a relação do sujeito com o mundo, sendo esta composta por duas díades de infinito: dentro/fora e passado/futuro (Inner/Outer and Past/Future). A primeira dupla explica as tensões existentes entre as tensões e incertezas das questões intersubjetivas e a segunda, as tensões e incertezas a respeito do passado e futuro.

Como vimos na seção 3.6, é através da internalização que os significados são incorporados com o intuito de imaginar tanto o futuro como a necessidade de lembrar imaginativamente o passado, como uma forma de reger os signos que vão permear a forma que o sujeito antecipa e lida com o futuro. A unidade quadrática é portanto, o espaço onde

surtem as funções de antecipação prospectiva do futuro, mas também é o lugar onde nasce a via retrospectiva através da qual o passado é rememorado também pela imaginação.

Figura 2 - Quadratic unity of $INSIDE \diamond OUTSIDE$ and $PAST \diamond FUTURE$



Fonte: VALSINER, 2013, p. 293

Nas experiências humanas, a imaginação nos orienta para o futuro para a criação de horizontes, manipulando-os sob a forma de representações universais da vida (TATEO, 2017). Desse modo, a PCS ultrapassa barreiras objetivistas entre o passado-futuro, pois, no lidar com os objetos abstratos, através da imaginação, há uma atuação sempre dirigida para o futuro não conhecido, mas semioticamente sentido e experimentado. Assim, a pessoa não é :

Em vez de uma simples flecha causal - de pessoa para outra, ou vice-versa - temos um ciclo construtivo de pessoa relacionada com o outro - através da criação do significado do outro, projeta-se nele, há uma empatia com o outro e então, age em direção a ele (VALSINER, 2014, p.22).

Com isso, o sujeito necessariamente alude ao passado no compromisso de construir o futuro incerto, tornando o passado tão presente quanto o futuro ainda não conhecido. É nesse jogo, que a unidade quadrática é o lugar de desenvolvimento, onde o sujeito é ativo no momento presente, construtor persistente do futuro, o constituindo ao voltar-se permanentemente no passado pela imaginação.

4.2 DINÂMICA DA IMAGINAÇÃO: *GEGENSTAND* (GG)

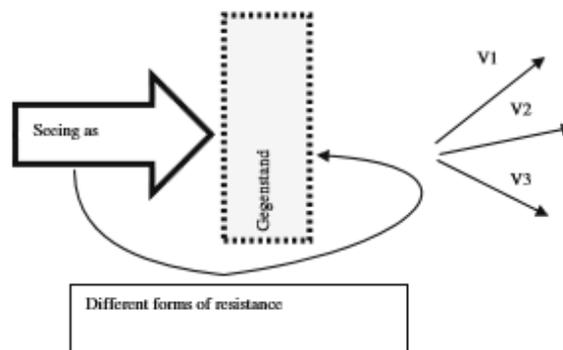
A PCS investe em um conjunto de explicações que incluem o estudo de diversos possíveis imaginários no contexto da imaginação. Assim, Valsiner (2014) retoma um dos grandes questionamentos filosóficos da Antiguidade grega sobre a natureza dos fenômenos e incorpora a noção de *Gegenstand*, revelando ser este um objeto significado, que resiste a alguns aspectos da ação.

Seguindo a perspectiva adotada por Tateo (2017) e de inspiração nos estudos de Valsiner (2014), as coisas se tornam objetos quando as pessoas os tratam com valor e intencionalidade s gnica, e dessa forma, ao atuar sobre o meio ambiente através do uso deste objeto, a pessoa cria um vínculo significativo que rege suas ações futuras. Tais objetos podem se referir a coisas ou pessoas, seres vivos ou inanimados:

Eu faço uma ferramenta agora para atuar com ela em algo no futuro. Algumas ferramentas assim construídas - bombas nucleares - podem nunca ser usadas (espero!), mas a sombra de seus usos potenciais restringe nossa conduta no momento (VALSINER, 2014, p. 152)

Tateo (2017) diz que toda a experiência humana implica atos de vontades, onde o sujeito seleciona aspectos do objeto significado, estabelecendo assim, uma relação que enfatize alguns recursos em vez de outros, onde não seria possível captarmos a totalidade do objeto significado, e dessa forma, a seleção semiótica de partes do objeto se relaciona aos aspectos históricos e culturais da vida do sujeito.   através da formação dessa relação significativa, que o objeto é capaz de existir enquanto objeto que pode resistir e contrariar: “Ao atuar sobre as coisas na natureza, estas se tornam objetos. Esses objetos podem resistir nossas ações (contra nós = *Gegen* + suporte) ou pode nos evadir” (VALSINER 2014, p. 153).

Figura 3 - The dynamics of directionality/resistance.



Fonte: TATEO, 2017, p. 8

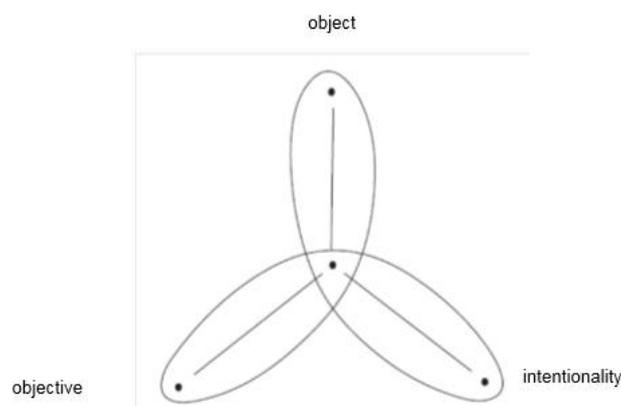
Como mostra a figura acima, na relação com o *Gegenstand*, o ato psicológico de imaginar já foi experimentado, pois   através do trabalho da imaginação que as pessoas podem antecipar, criar e intencionalizar os objetos, de modo a direcionar suas ações a partir da relação com o objeto significado. Nesta perspectiva, a mente é percebida como um processo de semiose incalculável, no qual o organismo encontra objetos intencionalizados que se tornam signos em relação à sua direcionalidade de a  o futura.

Wittgenstein (1889-1961), filósofo não essencialista, que compôs o pragmatismo linguístico, afirmou que não apenas "vemos" (com o ato de visão perceptual), mas defendeu que sempre vemos as coisas "como algo" (ação intencionalizada). Tateo (2017) se inspira nas formulações de Wittgenstein e defende que o "ver como" pode ser entendido como um processo de criação de significados, que se dá em um relacionamento afetivo entre o sujeito e os objetos da vida.

A possibilidade de imaginar um lugar novo para viver ou soluções acerca de problemas ambientais, como por exemplo: "Como resolver o problema de aquecimento global do mundo?" ou ainda "Como seria se eu morasse em outro país?", valida a noção de que o imaginar não é necessariamente para visualizar concretamente resoluções ou imagens reais, não é uma habilidade condicionada ao alcance perceptual de nossos olhos, instrumentalizado em uma imagem de existência objetiva. Apesar de que muitas conotações da modernidade ainda se valem dessa ideia de "captura ou fotografia da realidade", como por exemplo, a perspectiva de que a imaginação pode nos fornecer a natureza da verdade (TATEO, 2015).

A proposta defendida por Tateo (2015) é de uma imaginação que proporciona uma maneira de experiência afetiva e sgnica com o mundo, onde continuamente estamos criando e recriando o mundo vivido por essa importante função, que é a imaginação. Desse modo, a imaginação se reporta para as possibilidades ainda não realizadas, mas desejadas, bem como, das incertezas do futuro por sua completa imprevisibilidade. Os eventos inesperados na vida corriqueira dos sujeitos, convidam a imaginação para desempenhar um papel fundamental na organização e nas escolhas das ações. Assim, a experiência humana é um processo que envolve dimensões cognitivas, afetivas, éticas, mas também signos linguísticos e não linguísticos. Então, os métodos devem ser capazes de lidar com ambos (VALSINER, 2014).

Figura 4 - *Gegenstand* has a whole



Fonte: TATEO, 2017, p. 10

Como mostra a figura acima, todos os objetos abstratos que rodeiam nossa experiência no mundo e com a qual intencionalizamos, tornam-se *Gegenstand* pela imaginação. Por sermos ativos no mundo através de objetivos sempre voltados para o futuro, nossa vida é mediada pela imaginação na criação dos cursos diários que permeiam nossa história. Assim, a noção de *Gegenstand* se relaciona a um objeto ou coisa, que quando significado pelo sujeito, pode resistir, e então, provocar direcionalidades imaginativas nesse sujeito.

Ao pensarmos como exemplo uma menina visitando um parque e encantada com tantas atrações por brinquedos altamente radicais, grandes e incríveis, temos um processo de visualização daquele espaço que implica a capacidade sensorial e perceptual, ou seja, um “ver” a paisagem: descrever o cenário do parque, os brinquedos e etc. Prosseguindo no exemplo, esta menina escolhe a montanha russa para brincar e ao longo da fila do brinquedo ela pode “vê-lo” como: um brinquedo que lhe dará grandes emoções, um brinquedo que lhe causará estranhamente uma sensação de terror e alegria, ou ainda, um brinquedo que poderá ocorrer um acidente e questionar se realmente deverá ir nele, etc.

Nessa relação estabelecida com o *Gegenstand* (o brinquedo), ela se relaciona afetivamente de modo a antecipar imaginativamente respostas que o objeto lhe trará (essas respostas são chamadas de Resistências, como veremos na sessão seguinte). Dessa maneira, neste processo, seus vetores de ação poderão ser dos mais diversos: Ficar na fila, desistir de ir ao brinquedo, chamar alguém para lhe fazer companhia numa tentativa de solucionar seu medo, e etc.

É dessa forma que a dinâmica da imaginação se estabelece. São nas situações do dia-a-dia, que os sujeitos estão experimentando formas de antecipar e prever o instante posterior, ou seja, o futuro desconhecido, e assim regulam suas ações a partir dessas afetações com os objetos intencionalizados. A menina do exemplo tem uma construção histórica que permeia a forma como ela lida com parques e brinquedos, de modo que tais construções são reguladores para as diferentes formas de como ela vai antecipar as resistências do brinquedo e significar sua experiência com ele. O cenário do parque pode até ser conhecido por ela, não ser uma novidade ou não ser a primeira vez dela no parque, contudo, naquele momento a experiência dela é única, marcada por relações significativas daquele instante presente, atravessadas das mais diversas elaborações que constituem as relações semióticas da sua história.

4.3 RESISTÊNCIA

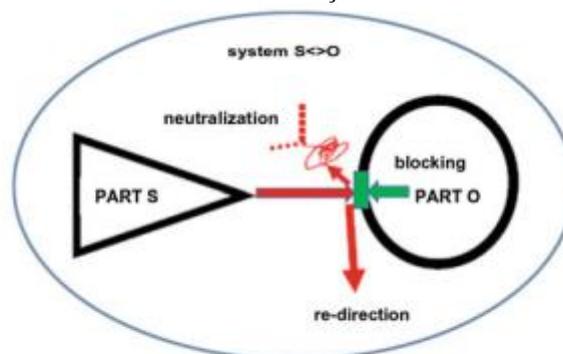
A resistência é definida na compreensão de como as pessoas organizam a resposta do objeto significado e como vão agir diante das novas adaptações sobre tais respostas. Para Tateo (2017), a resistência pode se configurar em nossa relação direta com os objetos – no instante presente ao lidar com ele, como também pode ser antecipada – pela via de todas as experiências passadas da pessoa com o objeto.

Nesse sentido, para Tateo (2017), a resistência opera na ocasião em que há uma reconfiguração da relação entre a pessoa e as condições em que ela vive, ou seja, é através do processo imaginativo que, "produzimos ações autorreguladas para favorecer ou inibir mudanças e resistência às mudanças" (TATEO, 2015, p. 157). Retomando o exemplo utilizado no ponto anterior (4.2), a menina no parque, com o trabalho da imaginação, antecipa as resistências do brinquedo e vai agir, se posicionar, de acordo com tais antecipações.

Nesse cenário da vida, algumas resistências não são antecipadas e podem surpreender, podem configurar certas rupturas. Por exemplo: o brinquedo do parque em que a menina está pode quebrar no momento em que ela estava chegando nele. Tal imprevisibilidade ocorre e reconfigura novas direções, e convida a menina para novas escolhas, novas antecipações de resistências, tudo isso pelo trabalho incansável da imaginação.

Nos estudos de Tateo (2015), os objetos abstratos, uma vez que se tornam *Gegenstand*, são significados por nós numa dinâmica de troca, de relacionamento, de afetos, e dessa maneira, podem orientar nossas vidas (TATEO, 2017). Nesta perspectiva, a noção de *Gegenstand* surge como a "unidade estrutural mínima da psique" (VALSINER, 2016, p.11 apud CHAUDHARY ET AL., 2017).

Figura 5 - Resistência em sistema *Gegenstand*. As relações de S e O levam ao bloqueio, neutralização e redireção



Na figura acima, pode-se perceber que a resistência não pode ser “mensurada” ou “quantificada” como se fosse uma estrutura isolada, passível de uma investigação quantificável e predizível. Ela é desmembrada com o *Gegenstand*, e com isso, suas respostas são transformações qualitativas no todo, de modo que amplia possibilidades imaginativas na regulação das ações humanas. Assim, qualquer ação humana sobre as coisas incita uma resistência na relação significada entre sujeito e objeto, e pode configurar em ações contrárias, como por exemplo: “Queremos cultivar um jardim, mas as plantas que esperamos crescer, não crescem” (VALSINER, 2014, p. 160).

Para tanto, Tateo (2017) diz que direcionalidade e resistência são fenômenos complementares, onde um só pode existir mediante o outro, no qual ocorrem por intermédio do estabelecimento de um objeto significado (*Gegenstand*). Esta direcionalidade vai funcionar como uma orientação que guia as pessoas em diversas situações da vida, como veremos logo abaixo.

4.4 DIRECIONALIDADE

Para Valsiner (2017), o sujeito atua sobre o objeto com sentimentos, afetações e percepções que compõe a unicidade da relação das pessoas no mundo. Esses atos voltados para o objeto serão resistidos por ele, como vimos acima. Logo, a resistência do objeto gera uma direcionalidade de ação que regula as prospecções humanas dirigidas ao futuro. Porque como operamos em um tempo irreversível, que não pode ser repetido, todo fenômeno da psique humana é direcionado ao futuro indeterminado e a potencialidade disso fortalece a experiência afetiva, possível de infinitos significados nas situações da vida. Esse é processo que conduz as direcionalidades das ações.

Desse modo, ao dirigir as ações futuras, os seres humanos criam objetivos em um movimento que é significativamente direcionado. Elas vão de um local A para um local B por alguma razão; contudo, o lugar está além de seu horizonte tanto perceptual quanto cultural, ou seja, é sempre pela via de um “ver como”, que conseguimos direcionar prospectivamente a vida.

Assim, pelo fruto da relação intencional entre a pessoa e o objeto, múltiplas direcionalidades podem emergir e conduzir metas e objetivos futuros de ações. Como o sujeito tem papel ativo em todo processo, fica impossível determinar com clareza quais caminhos, escolhas, decisões, ações serão escolhidas e por quais trajetórias o indivíduo dirigirá seu percurso.

Dessa forma, as categorias analíticas – que serão retomadas detalhadamente na sessão da análise de dados - foram construídas com o objetivo de propor uma dinâmica da direcionalidade e resistência sobre a experiência de estágio em psicologia clínica. Tal análise consistiu na identificação dos diferentes *gengestands* e resistências na trajetória pessoal de uma participante diante de um movimento de direcionalidade em tempo irreversível.

4.5 TRAJETÓRIA DE VIDA

Acredita-se que as pessoas não vivenciam apenas estabilidades em suas trajetórias de vida, mas também momentos nos quais estas regularidades são surpreendidas, reorientadas ou ainda, cessadas. Por exemplo, quando a estudante da graduação se depara com uma situação de estágio em que o atendimento em psicologia clínica será realizado pela primeira vez. Apesar de haver a previsibilidade de tal acontecimento na condição de estágio obrigatório, não há a certeza de como proceder, tendo em vista as múltiplas situações possíveis frente a situação de atendimento clínico. Dessa forma, o estagiário é convidado a se posicionar frente ao desafio da condição de intervenção psicoterápica e assim, é conduzido a agir, a dar significado à situação nova.

O que vemos com pouca frequência em nossas leituras é a reflexão sobre a realização da experiência de estágio para o/a estagiário, onde o foco esteja no/a aprendiz e como ele/a imagina essa experiência. Compreendemos o estágio como uma passagem importante das condições de estudante para então, uma atuação de cunho profissional, onde emergem experiências outras, que congregadas ali no momento presente, se configuram como desafiadoras para o estagiário.

“A trajetória é considerada como aquele percurso construído histórica e culturalmente” (SATO & VALSINER, 2010, p.92). Segundo Inkson et al. (2012), em um dado momento de vida, cada sujeito tem muitas alternativas de escolha na área profissional, representando possíveis trajetórias a serem assumidas. Assim, é importante perceber como o indivíduo faz escolhas por algumas ações entre as diversas que eram possíveis e imaginadas, e como tal experiência pode ser percebida por aquele que o experimenta.

Em seu trabalho intitulado *Imaginative Horizons*, Vincent Crapanzano (2004), estudou as diferentes formas pelas quais os seres humanos constroem os horizontes de suas experiências, e assim, fortalece o estudo da imaginação a partir de sua condição de criação prospectiva que direciona caminhos na vida do sujeito. Ao notar o papel que a imaginação desenvolve na nossa experiência no mundo, Crapanzano explica que os horizontes

imaginativos são auras que articulam a experiência e a resistência, numa abertura e fim, num jogo que limita e ultrapassa ao mesmo tempo, mas sempre resultando em um novo outro. Esses horizontes, ele argumenta, influenciam tanto como experimentamos nossas vidas, como também, nossa reinterpretação contínua das escolhas realizadas.

A decisão pela fundamentação teórica na PCS surge então, como resposta à desintegração que empreendia no estudo da psiquê humana. Envolto da herança da psicologia histórica cultural, Valsiner (2012) propôs a retomada de temas presentes no estudo inicial da Psicologia, como a imaginação e a relação estabelecida entre ser humano e ambiente, através da cultura. Dessa forma, a PCS concebe a imaginação como, sobretudo, sinônimo de criação e de invenção. “Através da imaginação, os seres humanos se distanciam do mundo natural, e ao mesmo tempo criam as instalações para o processo de mediação cultural: eles se tornaram *imaginans homo*” (LAPOUJADE, 2014, p.36).

Seguindo este caminho, no próximo capítulo iremos expor a respeito da práxis psicoterápica que envolve a atuação do estudante estagiário, bem como o desafio de acolher pessoas em situação de violência. Os estudos ainda são escassos sobre como o estudante significa sua experiência de estágio, contudo, nosso trabalho pretende contribuir enquanto uma escrita inicial para estes temas, na expectativa de promover uma repercussão mais vasta e a continuidade de novas pesquisas.

Enquanto processo psicológico superior, acreditamos que a imaginação precisa ser cuidadosamente considerada (TATEO, 2016) em nossos estudos, pois ela está continuamente envolvida na experiência afetiva e cognitiva da vida, e é atravessada historicamente em um tempo irrecuperável, que moveo mundo através dos processos de mediação semiótica.

5 O ESTÁGIO SUPERVISIONADO NO CONTEXTO DE INTERVENÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA: BREVE APRESENTAÇÃO DO CENÁRIO BRASILEIRO

O presente estudo surgiu de um contexto específico de pesquisa do qual faço parte, desenvolvida pelo Laboratório de Estudos da Imaginação – Eikasia/UFPE – Universidade Federal de Pernambuco, com financiamento do CNPq. A pesquisa será concluída em 2018 e tem o objetivo de investigar os efeitos de significação que a ofertada escuta a crianças, adolescentes e seus familiares em situação de abuso sexual produz naqueles que lidam com a situação de vulnerabilidade, profissionais e estagiários, nas cidades de Recife e Porto Alegre.

Ao início de 2016, quando comecei meu mestrado, o estudo já tinha iniciado o processo de coleta de dados, o qual era discutido no grupo de pesquisa. Nestas discussões, um ponto destacado foi que, ao contrário do esperado - que as estagiárias entrevistadas falassem das dificuldades/dores/impossibilidades relacionados às experiências de violência vividas por crianças, adolescentes e suas famílias, outros pontos eram ressaltados em suas narrativas especialmente em relação à prática do estágio.

Com frequência, as entrevistadas falavam de suas preocupações quanto ao ser psicólogo/a, quanto às incertezas das ações apropriadas para o exercício da profissão. A dúvida sobre o que fazer na ocasião de realizar atendimento psicoterápico, a ciência de ser estagiária, mas, ao mesmo tempo, uma atuação tipicamente profissional era preocupação constante nos discursos. Tornar-se psicólogo/a emergiu nas entrevistas como uma preocupação recorrente, afetivamente significativa, que marcava um momento especial do desenvolvimento destas estudantes: a conclusão de um processo de formação.

Este tipo de experiência nos remontou às reflexões da psicologia cultural semiótica a respeito das ambiguidades que constituem o processo de significação da experiência humana. Neste caso, ser estagiária e ser profissional; não ser profissional e ser estudante. Ao mesmo tempo, nos alertou para a potencialidade de se explorar o tema da imaginação, em função de esta ser uma situação de adaptação em relação a uma experiência a ser vivida, necessária no processo de formação em Psicologia, e inovadora para qualquer estudante da graduação.

Alguns elementos a respeito da especificidade do estágio no Brasil, também nos chamaram atenção para a pertinência em realizarmos este estudo neste cenário em especial.

Vejam os alguns pontos que dizem respeito a: 1) regulamentação do estágio no Brasil; (2) a peculiaridade do estágio na UFPE.

Quanto ao primeiro ponto, de acordo com Moutinho & De Conti (submetido) tem sido feito um esforço no Brasil para aperfeiçoamento da formação em Psicologia e mudança na concepção das atividades de estágio. Em reflexão histórica sobre os estágios na formação do psicólogo, Cury e Ferreira Neto (2014) ressaltam a publicação das Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) em maio de 2004, como um avanço na concepção dos estágios supervisionados em relação às regulamentações antecedentes, embora ainda careçam de avanços. Os autores dizem que, se entre 1942 a 1946, período em que o conceito de estágio supervisionado se consolidou no Brasil, este era entendido como lugar para demonstração, de exibição do que era lecionado em sala, em 2004 tem-se a apresentação de estágios como um lugar onde se dá uma aprendizagem específica, por suas características próprias.

Nas DCN que temos hoje em vigor, integra o texto da Resolução de 2004 e foram republicadas em março de 2011, os estágios supervisionados são definidos como: “conjuntos de atividades de formação, programados e diretamente supervisionados por membros do corpo docente da instituição formadora, e procuram assegurar a consolidação e a articulação das competências estabelecidas” (CURY & NETO, 2014, p. 507).

Estas transformações na regulamentação implicaram em mudanças nos cursos de graduação em Psicologia no País, como no caso da UFPE, que em 2012 implementou um novo projeto político pedagógico que modificou a prática de estágio na instituição. O impacto foi sentido diretamente pela participante deste estudo, Rosa, que cursou Psicologia na UFPE já no novo currículo e sua experiência de estágio diz de uma nova organização normativa implementada e vivida pela estudante. Embora saiba que este trabalho não tem condições de avaliar a eficiência do estágio ou do currículo para a aprendizagem de Rosa, oportuniza ouvir uma experiência fruto de inovações no ensino de Psicologia no Brasil e em Pernambuco, especificamente numa instituição pública de ensino.

Quanto ao segundo ponto, a respeito do estágio na Universidade Federal de Pernambuco, na graduação em Psicologia, a participação dos estudantes inclui quatro semestres dedicados a experiência de estágio, proporcionada no 4o e no 6o período como estágio básico e no 9o e no 10o período como estágio específico, quando na conclusão da graduação. Esta organização do currículo difere bastante do anterior, no qual o estudante não dispunha de estágio como disciplina obrigatória em outros períodos do curso além daqueles do 9o e 10o. Ou seja, ao final, se não houvesse procurado experiência de estágio extra-

curricular, o estudante poderia fazer a intervenção supervisionada pela primeira vez. Como o processo imaginativo de estagiar em psicoterapia, especificamente, se constitui quando a experiência prévia daquele que imagina envolve uma diversidade de oportunidades de estágio (observação e planejamento de intervenção), como no caso da estudante que faz parte do presente estudo.

Entendemos então que a imaginação é uma possibilidade para iluminar a discussão sobre estágio e contribuir com o esforço de um campo fundamental para a Ciência, que envolve a conclusão de um processo educacional e de futuros profissionais. É colocar uma experiência na lupa e oportunizar, através da imaginação, o alcance de melhorias significativas quanto ao estágio, que permitam o vislumbre da dinâmica, cheia de tensões e incertezas ligadas ao papel do estagiário. É nessa reflexão sobre a realização da experiência de estágio para o/a estagiário, com o foco no/a aprendiz e como ele/a significa essa experiência, que ressaltamos a importância do tornar-se profissional, especificamente da Psicologia, ao pensar como os estudantes imaginam sua intervenção psicológica.

6 O PRESENTE ESTUDO

6.1 OBJETIVO GERAL:

O objetivo geral do presente estudo foi investigar como processos imaginativos são desenvolvidos por uma estudante da graduação em Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE em situação de estágio em Psicologia Clínica sobre sua primeira intervenção psicoterápica

6.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Identificar os diferentes tipos de resistência que emergem no processo imaginativo;
- Contribuir para elaboração de um argumento analítico para esclarecer o processo imaginativo entre diferentes produções icônicas e linguísticas, como através do uso do *Scrapbook*;
- Identificar os vetores de ação geradas pelos processos imaginativos.

7 METODOLOGIA

Segundo Valsiner (2012), o que está posto na pesquisa é a subjetividade do pesquisador, desde a escolha intuitiva do fenômeno até a escolha sobre que recorte será feito para fazer seu projeto de análise, bem como, os métodos que mantêm relações com estes fenômenos. Assim, a metodologia assume a configuração de um processo cíclico, e não de instrumentos prontos e dados pelo fenômeno. Nosso estudo se caracteriza com um caráter construtivo do conhecimento, no qual, o pesquisador é o sujeito ativo de sua produção. O delineamento recorre ao estudo de caso, envolvendo uma participante, com a realização de entrevistas individuais efetivadas em seis etapas e a construção de um *Scrapbook*.

7.1 PARTICIPANTE

Participou do estudo uma estudante da graduação em Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE. A participante, aqui chamada por Rosa, tem 25 anos, solteira, sem religião declarada até o momento da pesquisa, mora com a mãe e estava cursando o 9º período do curso, quando realizava o estágio obrigatório. Por ocasião da primeira entrevista, Rosa não havia realizado a primeira intervenção psicoterápica supervisionada.

7.2 INSTRUMENTOS

Foi utilizado gravador de voz, para a gravação das entrevistas e seis roteiros de entrevistas individuais, semi-estruturadas, com questões construídas a partir do fenômeno a ser investigado, ou seja, perguntas que contemplaram aspectos do passado, presente e futuro da participante.

Foi entregue também um *Scrapbook* para a participante construir a partir da pergunta: “Como você imagina que será o atendimento psicoterápico?”. A escolha pelo *Scrapbook* deu-se porque ele possibilita a produção criativa e imaginativa de forma diferente da puramente verbal ou narrativa, livre no tocante as escolhas de como seria elaborado e construído, de modo que a participante poderia entrar em contato sua própria imaginação.

O surgimento da popularidade do *Scrapbook* ocorreu no final da década de 1990 e continua até o presente momento (WILLS, 2010). Seu crescimento nos Estados Unidos foi ligado ao papel do consumismo na classe média americana e como uma forma de recordação

e preservação de memórias (HOF, 2015). Desde o seu surgimento, o *Scrapbook* foi vinculado a produtos comercialmente disponíveis, como papel, enfeites, ferramentas, colas, fotos, lápis coloridos e etc, onde atualmente podem ser comprados independentes ou em kits em lojas de artesanato, de mercadorias em geral e on-line.

Em nosso estudo, concebemos o uso do *Scrapbook* não como uma construção simples de álbum de colagens, mas o cenário estético ali estabelecido, pode incluir narração escrita, fotos, tecido ou bordas de fita; enfeites, adesivos, brilhos, recortes, e lembranças como: ingressos, mapas, embalagens de chocolates, etc. A configuração do *Scrapbook* foi postulada como uma forma de discurso expressivo (BUCKLER & LEEPER, 1991) onde, através dele, o sujeito dramatiza, exhibe, contextualiza e imagina eventos (CHRISTENSEN, 2011). Esta prática está crescendo em vários países (HOF, 2015). Somente nos Estados Unidos, 4,5 milhões de pessoas utilizam o *Scrapbook*, com vendas no varejo superiores a R\$1,4 bilhão (SCRAPBOOKING, 2011).

O *Scrapbook* é portanto, um livro ou álbum de recortes e colagens, no qual o sujeito é convidado a construir livremente produções que marcam sua história de vida. Não existe uma estética estabelecida no *Scrapbook* (CHRISTENSEN, 2011), o ato de criar o *Scrapbook* torna-se um processo criativo na forma como os indivíduos agem e imaginativamente constroem novidades para suas ações, rompendo com a materialidade física. O *Scrapbook* pode então ser compreendido como uma ferramenta investigativa, no qual preserva imagens, recortes, cores, colagens, pinturas e lembranças em um álbum decorado com narrativa e ornamentação. Dessa forma, entendemos o uso do *Scrapbook* como uma condição de criação; e a imaginação, como processo de criação de experiências que fogem ao momento imediato do aqui-e-agora, é um lugar reconstrutivo do passado e prospectivo do futuro, na via constante do presente (LYRA & VALSINER, 2011).

7.3 CONTEXTO DA INSTITUIÇÃO

7.3.1 Brincar

O Brincar (Codinome da Instituição) foi inaugurado na Cidade do Recife a partir de novembro de 2001, com recursos próprios do município, e foram contratados na ocasião o coordenador, uma psicóloga e uma assistente social. Em virtude da parceria com a Secretaria Municipal de Saúde, este atendimento se estendeu também a área médica. Posteriormente, fez-se uma parceria com outros Centros, o que possibilitou prestar atendimento também na área jurídica. A Instituição desenvolveu ainda ações de prevenção, protagonismo juvenil e

mobilização da sociedade com vistas ao enfrentamento da violência e exploração sexual contra crianças e adolescentes.

O Brincar surgiu de uma demanda social em que o contexto das violações dos direitos infante/juvenis, se faz constante. Somente no ano de 2017 foram registrados, segundo o balanço do Disque 100 (2017), 1.509 denúncias relativas à violência sexual no Estado de Pernambuco. Com relação ao perfil da vítima, foi visto que as meninas lideram os números, com 48,04% das notificações. Já no quesito faixa etária, a mais atingida está enquadrada entre os 8 e 11 anos.

O Brincar se respalda no Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, que preconiza os direitos fundamentais para as crianças e os adolescentes, assegurando-lhes possibilidades de desenvolvimento e dignidade (BRASIL, 1990) para o estabelecimento do público alvo e de seu trabalho:

- Crianças – 0 a 11 anos incompletos;
- Adolescentes – 12 a 18 anos incompletos;
- Famílias destas crianças e adolescentes em situação de violência. A família, segundo o Brincar, são todas as pessoas que mantêm vínculo, convivência e influência na vida da criança e do adolescente.

Em sua estrutura, o Brincar conta com 03 salas para atendimento individual ou familiar, 01 sala de reunião e 01 sala de brinquedos (Chamada em nosso estudo de brinquedoteca), onde são também realizados atendimentos psicológicos. O coordenador do Brincar, nomeado para nosso estudo como Pedro, é o psicólogo supervisor do estágio realizado pela participante e sua orientação teórica é de base psicanalítica.

7.3.2 Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

A Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) está localizada na cidade do Recife e é uma Instituição de ensino superior pública federal brasileira. Segundo o site da Universidade, o Departamento de Psicologia da UFPE teve suas origens na Divisão de Psicologia do Instituto de Ciências do Homem, criada em 1963. Com a Reforma Universitária, em 1970 essa Divisão foi transformada em Departamento do Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Atualmente o Departamento é responsável pelo Curso de Graduação em Psicologia, pelo Serviço de Psicologia Aplicada (SPA), pelas Pós-Graduações em Psicologia e em Psicologia Cognitiva, e pelos laboratórios e núcleos de pesquisa.

Considerando a formação do estudante de psicologia pela UFPE, as disciplinas do curso têm como objetivo oferecer uma formação básica consistente no que se refere a conhecimentos e práticas imprescindíveis tanto ao exercício da profissão, bem como à construção do conhecimento psicológico (ver no anexo A).

7.4 PROCEDIMENTO

O primeiro passo para viabilização de nossa pesquisa foi através da carta de anuência dada pelo Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos. Logo em seguida, a carta da Instituição de ensino da UFPE, bem como, o contato com a Instituição Brincar. Em seguida, entramos em contato com a participante para esclarecer acerca dos objetivos da pesquisa e entregar os termos de Consentimento Livre Esclarecido para que ela pudesse conhecer sobre o que se tratava a pesquisa e poder escolher participar ou não. No Apêndice A é apresentado o termo de Consentimento Livre e Esclarecido que foi assinado pela participante.

Etapa I. Para esse primeiro momento, foi dedicado uma entrevista semi-estruturada com a participante, no qual ela pode contar sobre sua história e escolhas até a chegada ao curso de Psicologia. Desse modo, acreditamos que a forma como a participante conta sobre sua história do passado até hoje, rege o cerne da questão acerca da imaginação, concebida aqui como reconstrutiva e prospectiva a partir de todo arsenal cultural e histórico significado por ela.

Etapa II. Esse encontro ocorreu uma semana após o primeiro, e teve como objetivo a entrega do *Scrapbook*, bem como, toda a explicação sobre o uso deste recurso. Como material de livre criação, foi dito a participante que ela poderia utilizar quaisquer material de seu agrado e escolha, para compor a criação daquele material. Como o kit *Scrapbook* entregue pela pesquisadora para a participante já vinha com alguns adesivos para colagem, foi reforçado a orientação que ela poderia utilizar outros recursos que não estivesse compondo aquele kit.

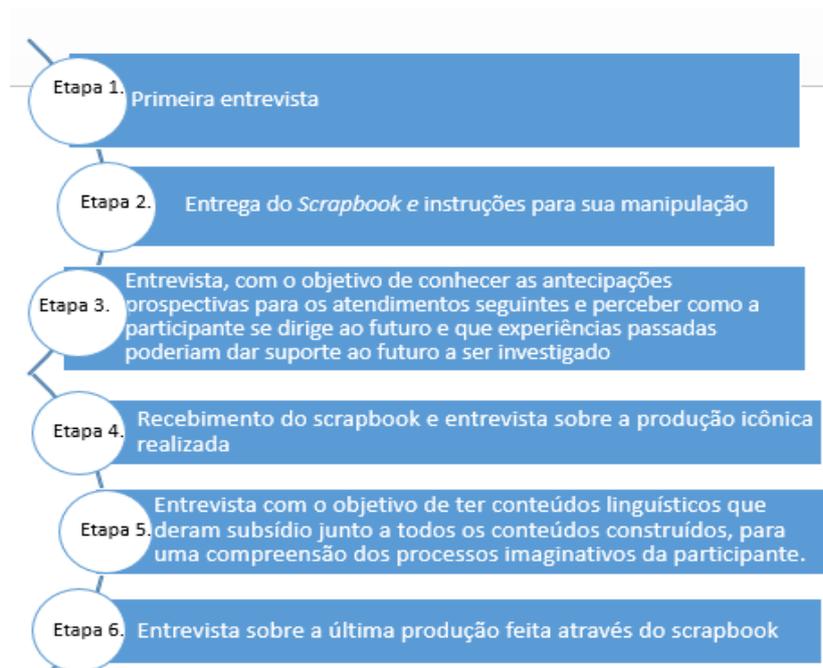
Etapa III. Para esse encontro, foi reservado tempo para que a participante falasse sobre a experiência do atendimento, das situações vivenciadas, e de como planejara os próximos atendimentos. O objetivo foi contemplar tanto as tensões, as dúvidas, inquietações e ambivalências abrigados na experiência vivida no atendimento, como também perceber como a participante se desprende imaginativamente para o futuro ao contar sobre como iria fazer e como esperava acontecer as próximas sessões.

Etapa IV. Nesta etapa, a pesquisadora recebeu o *Scrapbook* produzido pela participante e pediu que a mesma contasse sobre a produção criada. O objetivo foi perceber ao longo do processo da experiência de atendimento, como a produção icônica se relaciona com a experiência imaginada acerca do futuro, através do vislumbre do uso de um recurso sígnico e imagético.

Etapa V. Nesse momento, foi feita mais uma entrevista com objetivo que Rosa pudesse falar como se deu a experiência do segundo atendimento clínico, suas impactações, suas impressões, bem como, sua preparação para os próximos atendimentos. De forma prospectiva, a participante pode construir narrativamente o enredo de como imaginava as próximas sessões.

Etapa VI. Por fim, essa etapa foi dedicada para a participante falar sobre a última construção realizada através do *Scrapbook*. De modo a contemplar como se deu a construção daquela produção e sua experiência sobre o momento. Abaixo, segue a síntese das etapas de construção de dados:

Quadro 1- Síntese das etapas de construção de dados



7.5 PROCEDIMENTO PARA ANÁLISE DE DADOS

A análise foi conduzida em dois momentos: (a) análise das entrevistas; e (b) análise do *Scrapbook*. O processo analítico inicial se constituiu na análise do caso. Realizou-se leitura detalhada das entrevistas transcritas, discussão com o grupo de pesquisa Eikasia e leituras

teóricas apropriadas para iluminar conceitos ligados à perspectiva semiótica da Psicologia Cultural explicados no capítulo 2, a fim de descrever o processo da dinâmica imaginativa na regulação semiótica de construir significados sobre o primeiro atendimento supervisionado.

Após cada entrevista, foi possível descrever a dinâmica imaginativa da experiência sociocultural e semiótica sobre o primeiro atendimento clínico na condição de estágio, e dessa forma, identificamos os aspectos constitutivos do processo da imaginação, discutidos no capítulo 3 deste estudo. Nessa identificação, realizamos os seguintes passos:

- a) Releituras das seis entrevistas.
- b) Discussão com grupo Eikasia.
- c) Construção adaptada do Modelo da Dinâmica imaginativa através dos conceitos de *Gegenstand*, Direcionalidade e Resistência: ao longo das três entrevistas, a releitura foi feita de modo a identificar as resistências e direcionalidades, além dos diferentes *Gegenstands* que contribuíram para a regulação semiótica da participante.
- d) Análise do *Scrapbook*: Ao longo das três entrevistas, foi possível perceber os recursos criados como produções icônicas carregadas de significações imaginativas no tocante a vida da participante através das imagens criadas.

Para a análise do *Scrapbook*, tem-se em perspectiva a produção de imagens enquanto recurso que media a objetivação da subjetividade (ZANELLA ET AL., 2005) e em sua característica de conhecer e explorar significados e sentidos (MARTINS & JORGE, 2010). Compreendeu-se que as construções feitas no *Scrapbook* e contadas em entrevista concedeu a participante a possibilidade de construir significados sobre sua experiência para além da manifestação linguística, ou seja, permitiu também construir uma experiência icônica única desde o momento em que a participante pintou, desenhou, colou, e etc. É como se a própria construção icônica falasse sem palavras, revelasse algo daquele que o fez, e o endereçou para a pesquisadora naquele instante.

De acordo com Zanella et al. (2005), na criação artística, incluindo nesse campo a produção icônica, “o ser humano se objetiva e subjetiva, transformando realidades, criando significados para si e para os outros” (p. 198). Esta proposta pode representar um ponto de partida para o desenvolvimento de novos métodos para perceber as dimensões socioculturais e individuais da imaginação.

8 ANÁLISE E DISCUSSÃO

8.1 SOBRE ROSA

Rosa é uma jovem de 25 anos, que vive com seus pais no Recife. Seu pai é psiquiatra e sua mãe, psicóloga e psicanalista. Rosa cursa o 9º período de Psicologia na Universidade Federal – UFPE e iniciará sua primeira experiência de atendimento psicoterápico numa Instituição especializada no atendimento a crianças, adolescentes e suas famílias que sofreram violência sexual, chamada aqui por nós de Brincar.

Na primeira entrevista, Rosa falou sobre sua trajetória acadêmica e contou que sua primeira escolha foi medicina, mas desistiu ao perceber que a psicologia poderia lhe trazer condições profissionais mais prazerosas. Desde então, ela falou sobre suas primeiras experiências com o curso e os desafios enfrentados. Apesar da sua mãe ser psicóloga e seu pai psiquiatra, Rosa conta que eles não queriam que a jovem estudasse Psicologia, principalmente, pelo pouco salário envolvendo a profissão: *“aí quando eu cheguei em casa falando que eu não ia mais fazer medicina e ia fazer psicologia, minha mãe surtou. Ela dizia: “você tá querendo ser pobre...”* E aí meu pai falava também: *“é...quer fazer psicologia mesmo...estudar Foucault...certeza?”*. Contudo, Rosa diz que no fim, seus pais acabaram aceitando e inclusive, dando-lhe presentes, como livros de Psicologia.

Em 2015, Rosa foi para o intercâmbio pela Universidade Federal e morou fora do país ao longo de seis meses, foi quando viveu seus primeiros contatos com o estágio numa Instituição especializada no atendimento de crianças com autismo. Apesar de tal experiência, Rosa diz que a prática psicológica de lá não se caracterizava com intervenção clínica: *“lá a gente tinha grupos que a gente chamava de atêlier, e eu tinha um atêlier com três crianças, tinham atividades de lego, enfim, com cada grupo tinham interesses diferentes, aí eu ficava o dia com elas, mas não era psicoterapia sabe? É uma instituição que as crianças dormem, tomam café da manhã, jantam...A gente passava o dia lá”*. Ao voltar, Rosa também estagiou numa escola e pode acompanhar de perto o trabalho de um profissional de psicologia escolar.

Rosa conta que sempre teve o desejo de estagiar em uma instituição que trabalhasse sob a perspectiva da Psicanálise e que tivesse um suporte diferenciado para o estudante. Ao retornar do intercâmbio, conversou com amigos, que lhe sugeriram o Brincar: *“Eu tava querendo muito um lugar quando eu tava querendo estagiar que tivesse espaço pro estagiário. Que ele tivesse voz, enfim, que tivesse um lugar pra ele, porque o que eu vejo*

muito nas outras instituições é que o estagiário ocupa um lugar de profissional, e ele é orientado por pessoas que não tem compreensão e estudo”. Rosa soube também do grupo de estudos que se reunia uma vez por semana, promovido pelo psicólogo e supervisor Pedro do Brincar e como os encontros lhe possibilitaram fazer perguntas e aprender: “Lá no Brincar eu consigo falar, é encantador, eu fiquei apaixonada”.

Rosa conta que Pedro faz maratona de estudos e o grupo chega a ler um livro inteiro em um dia. Fala que no início, isso lhe pareceu loucura, mas que depois, percebeu o quão foi necessário submergir em leituras específicas propostas. A condução de Pedro durante o estágio de Rosa se tornou inovador e potencialmente rico em sua prática: *“Tem previsto uma orientação aqui na Universidade toda Segunda- feira, da faculdade mesmo, mas que eu nunca tive ainda e não sei nem o que esperar dela. E tem com Pedro, e lá ele disse assim por cima. Lá no Brincar eu sei que tem o brinquedoteca, que não é atendimento, mas é um espaço pra brincar mas com um olhar diferente e tem o atendimento de psicoterapia individual nas salinhas, mas muito o que ele diz é que não tem regra sabe? É que a gente vai sentir, vai fazer a nossa própria trajetória, que o psicólogo que eu sou não é o psicólogo que ele é...Enfim, muito diferente”.*

A segunda entrevista ocorreu após a realização do primeiro atendimento psicoterápico supervisionado. Em sua entrevista ela disse de sua surpresa, pois vivenciou o primeiro atendimento e se surpreendeu ao perceber que seu paciente não se tratava de uma menina criança, como imaginava, o que lhe exigiu, nova organização do manejo do atendimento. A este respeito, ela diz: *“Eu achava no começo que eu ia atender primeiro uma criança e que ia ter muita brincadeira. Eu tinha isso que ia ser uma criança. Eu imaginava porque a maioria dos casos que a gente escutava lá eram de criança, então, eu achei que ia ser uma criança. Mas quando eu soube que ia ser um adolescente, eu já imaginei que seria uma conversa, eu não ia sentar no brinquedoteca com ele né?”.*

A construção das ações de Rosa em torno do atendimento parece não ter um roteiro prévio em que todos os estagiários que vivenciam a mesma experiência, agem igualmente. Pelo contrário, a unicidade permeia a sucessão de possibilidades e até mesmo, impossibilidades, que falam de uma história única, marcada pela construção de significados, ambivalências, e da relação dela com objetos intencionalizados, de modo que lhe confere um chão para imaginar o futuro, como Rosa diz: *“Acho que pensar no meu futuro foi uma das coisas que me fez escolher minha profissão. Aí quando eu comecei a pensar, eu fiz: “pow eu*

me imagino atendendo velha, trabalhando como psicóloga velha, e eu pensava no futuro direto, até hoje penso eu lá no consultório”.

A impactação de Rosa ao lidar com o atendimento, abrange não só a surpresa de ser um jovem adolescente, como também, sobre a escuta clínica, que escapou das temáticas que ela imaginava. Rosa sinaliza que a violência vivida pelo jovem não era como ela estava esperando, e só durante o atendimento, lhe pode ser possível perceber: *“pensei que era algo de violência sexual, porque lá num é situação de violência?! Aí o que foi dito foi que era um caso de automutilação, mas não era um caso de automutilação assim... Eu acredito que não seja nesse caso assim de violência, assim, não sei...sei nem explicar. Mas me surpreendeu como ele me falou”.*

A surpresa, o inesperado, parecem fazer parte desse processo de estágio em que Rosa está inserida. As diversas mudanças perpassam a relação dela com o contexto de estágio, e que enaltece seu percurso trilhado na busca por uma produtividade acadêmica. Ela diz: *“Embora todo mundo diz que tenho uma opinião muito certa, eu me acho muito insegura”.* O desafio de compreender os processos por meio dos quais Rosa participa na produção e reprodução da vida social e cultural e, também, a forma que ela constrói e negocia suas posições imaginativas acerca de seu futuro, é sinalizado pelas ambivalências durante o atendimento: *“Meu Deus, vou fazer o que aqui?”.*

O espaço afetivo criado através da vivência do atendimento e das falas familiares, especialmente da mãe, após os atendimentos ocorrerem, funcionou na dinâmica de construção de significados sobre estagiar como um signo que promoveu as ações esperadas por ela. Rosa organiza seu relacionamento com o mundo através da regulação semiótica, no qual, a fala de sua mãe e a fala do supervisor do Brincar parecem ter espaços demarcados nesse processo de significação: *“Em casa eu falei com minha mãe (sobre o atendimento). Aí ela ficou falando lá...Aí eu falei um pouquinho das minhas impressões, aí ela dizia: “É, é verdade, mas isso vai aparecer...”.* Ela me ajuda sabe? Foi como uma supervisão pra mim, falar de como tô percebendo ele, o que penso sobre o caso, essas coisas.”

Em outro fragmento, Rosa ao falar de Pedro, seu supervisor do Brincar, diz: *“A fala de Pedro que me orienta, porque eu sou muito insegura... E eu tenho uma responsabilidade com esse paciente ali, ai Pedro diz: “Rosa eu tenho certeza que você é capaz. Você consegue! “Então isso da uma segurança mas ao mesmo tempo sou insegura de vida mesmo”.* Nesse fragmento, nota-se que as sugestões sociais advindas do supervisor e da mãe, presentes na cultura interna de Rosa estabelecida na dinâmica da relação terapeuta-paciente identificados

nas entrevistas, nos parece como um campo afetivo semiótico criado por Rosa e que passa a guiá-la numa meta futura sobre o atendimento.

Rosa passou a reconfigurar-se como alguém mais autoconfiante, mais segura para realizar suas atividades de intervenção. Contudo, sua auto crítica surge com a possibilidade da intervenção quanto ao encerramento do tempo não ter sido a correta. Somente após o reconhecimento de Pedro, Rosa conseguiu colocar-se a si mesma nessa posição e pôde construir, ela própria, um novo sentido para a experiência do atendimento. Em vista disso, sentiu-se mais tranquila. Refletindo sobre essas transformações, Rosa nos contou que aprendeu a ser mais confiante diante do desconhecido e inesperado: *“Eu acho que tô mais tranquila que antes, não sei... Ainda ta no início, mas já me achei mais tranquila internamente sabe?”*.

Com a trajetória de Rosa, descrevemos a experiência sociocultural dela em escolher estagiar numa Instituição de atendimento relativo a violência sexual e o percurso desenvolvimental ao longo de três entrevistas. Destacamos que a construção de significados e os caminhos que ela tomou foram guiados pelas prospecções futuras ancoradas na lembrança do passado, que parecem ser elementos semióticos centrais na construção imaginativa que organiza a experiência futura.

8.2 ANÁLISE PROCESSUAL DA IMAGINAÇÃO NA DINÂMICA DA DIRECIONALIDADE E RESISTÊNCIA

Outros estudos realizados utilizando a proposta pelo qual se fundamenta nossa análise pode ser vista nos trabalhos sobre a Arte de rua (AWAD ET AL., 2017). Dessa forma, acreditamos que este estudo possibilita a compreensão acerca de como a imaginação contribui na dinâmica de resistências e direcionalidades na trajetória futura da vida singular dos sujeitos. Logo, nosso estudo tem, dentre outras contribuições, a possibilidade de ser o primeiro estudo com dados empíricos brasileiros que tomam o processo da imaginação através da consideração da Dinâmica da Direcionalidade e Resistência (TATEO, 2015, 2017), e assim, é capaz de promover inspirações para a continuidade de novas propostas de pesquisa nesta direção.

A noção de ver como será retomada na discussão da análise e como propõe Tateo (2015), ela pode ser associada às ideias de imaginação pelo seu caráter não objetivista e concreto da experiência, embora não considerando tal processo psicológico como forma de suspensão da realidade. Em vez disso, é uma forma de construção de significados que provoca

a transformação, a mudança das coisas/pessoas/ideias em GG através das nossas relações intencionalizadas com o mundo, em função de futuras orientações (TATEO, 2017).

Entrevista 1: Rosa / Antes do primeiro atendimento clínico de caráter psicoterápico

Rosa parece fazer um movimento para prospectar em relação ao futuro e assim ela define os objetos de significação de sua experiência, demonstrando construir *Gegenstands* sobre o momento do estágio. Ela não sabia quem iria atender e a pergunta não incluía uma situação específica, apenas como ela imaginava o atendimento. Rosa então define um objeto, ou seja, nos termos que admitimos nesta análise, ela define a partir da pergunta da pesquisadora e na relação da entrevista, um cenário futuro que ela “ver-como” uma situação de atendimento que se organiza através de um paciente que será uma criança menina. Como podemos ver nos fragmentos 1 e 2, embora a instituição receba crianças, adolescentes e suas famílias em situação de violência, Rosa entende que o atendimento será realizado a uma criança, que comparece ao Brincar com seus pais e, mais especificamente, que será uma menina.

Como vimos na fundamentação teórica do nosso estudo, a vida psicológica humana é mediada por signos que são ancorados em uma cognição de natureza afetiva. Isso implica que damos sentidos às nossas relações com o mundo através de sentimentos que são historicamente organizados através da criação desses signos. Para Rosa, o campo afetivo criado através da vivência de estágio funcionou na dinâmica imaginativa de construção de significados sobre o atendimento ainda não experimentado. Dito assim, as sugestões internalizadas que permeiam a vida no estabelecimento de Rosa na cultura, se relacionam com o processo que ela estava para viver, o de estágio na clínica, de modo a revelar um campo afetivo semiótico criado por Rosa e que passa a guiá-la numa meta futura: atender uma criança menina que sofreu violência sexual.

Rosa pensar a menina criança como perfil para o seu primeiro atendimento, corrobora as questões contextuais e sociais do índice de violência sexual praticado contra meninas no Brasil. O predomínio do sexo feminino na violência sexual é reconhecido por autores nacionais e até internacionais, e pode ser explicada pelas próprias questões de gênero, que ainda colocam a mulher como objeto de desejo sexual, fazendo com que crianças e adolescentes meninas sejam os alvos preferenciais dos agressores (MARTINS & JORGE, 2010). No site do Governo Brasileiro, as informações revelam que de 67,7% das crianças que sofrem abuso são meninas.

Os elementos que constituem o cenário para Rosa imaginar são constituídos de fatores culturais ancorados cotidianamente pela sua história. A experiência sociocultural, a construção de significados e os caminhos que ela toma foram determinados pelos signos hipergeneralizados, que são elementos centrais na configuração do primeiro atendimento clínico. Nos fragmentos abaixo, é mostrado a entrevista entre T -Taciana Feitosa, a pesquisadora e R – Rosa, a participante.

Fragmento 1:

T: Como você imagina que será o atendimento?

*R: Eu tô muito tranquila na verdade com o atendimento, eu faço análise há muito tempo, oito anos, então era uma coisa que eu queria muito. Mas quando chega na hora você faz: “Nossa senhora...como fazer?” Eu tava falando pra Pedro hoje: “Eu acho que com a criança é de boa, porque você vai brincar, você não vai dizer: “**Ei menina, fale**”. Mas com os pais, aí eu acho que vai ser o problema. Falar o que pros pais? Vou dizer: “Oi, licença que agora quero ficar com a criança” Mas Pedro disse que as vezes é necessário.*

Fragmento 2:

T: Como você imagina a organização do atendimento?

*R: Não tenho estratégias prontas não. **O que eu sei é que eu vou brincar com a criança**, eu acho que quando atender a família já vai ter sido acolhida pela equipe e então o primeiro atendimento eu imagino que será pra conhecer, saber porque ela estar ali, **porque trouxeram a filha... essas coisas.***

Rosa, vê a menina como (no processo que temos chamado por “ver-como”) que a menina a ser atendida chega ao Brincar em uma situação de sofrimento (ver fragmento 3), seja esta dor uma consequência biológica ou das relações sociais. O cenário que Rosa “vê como” se completa: uma criança, menina, em sofrimento, acompanhada dos pais. Podemos notar que o ser humano não é desprovido de imaginação, inclusive porque a experiência passada acerca do objeto intencionalizado por Rosa – o paciente, contorna a forma dela criar vetores de ação, que organizam a experiência a partir da situação imaginada. Assim sendo, as experiências passadas com relação direta ou indireta com aquele objeto intencionalizado, são organizadas de modo a regular Rosa na construção imaginativa do cenário que ela iria viver logo mais. Assim, fortalecemos a noção de que a imaginação não é simplesmente um processo interno, mas é relacionada com a cultura e com a história.

Fragmento 3

R: *Bom...o que ela vai falar, eu não sei. Não faço ideia. Acho que ela pode tanto dizer: “Ah to aqui porque minha mãe me bate”, como ela pode dizer “tô com dor dente”, sei lá...pode ser qualquer coisa... inclusive dizer que foi abusada...Não sei...*

Rosa participa de grupo de estudo desde o início da graduação, e menciona suas leituras psicanalíticas: *“Particpei no ano passado de grupo de autismo e leituras fundamentais da psicanálise, li o texto Psicanálise e psicoterapia. Acho que todos vão ser úteis”*. Rosa acessa a importânciado grupo como fundamental para a construção do cenário imaginário no qual acompanha sua fala. Ao responder a pergunta da pesquisadora sobre como iniciaria o atendimento como mostrado no fragmento 4, ela recorre a uma apresentação que envolve um “ver-como” através de perguntas e de brincadeiras. Ela vê a situação de atendimento como uma ocasião onde ela vai brincar. A isso, ela retoma as leituras, as discussões em sala de aula sobre psicoterapia e a sua experiência em casa com a mãe: *“a gente tem uma leitura sobre o que é as coisas, tipo, os conceitos. Mas eu paguei na graduação três cadeiras de psicanálise, muito introdutório, de concepção de sujeito, conceitos fundamentais, castração, aí no Brincar a gente discute essas coisas. Ah, minha mãe é uma pessoa que me inspira muito;”*

Desse modo, a imaginação de Rosa ultrapassa o limite do presente, ao visitar a base já conhecida de seu passado, da tela não conhecida do futuro. É como se o momento do presente fosse o local de surgimento e de emergência dos próximos instantes, que logo não são mais futuros, e ao mesmo tempo, se tornam instantaneamente, passado. Ao fazer experiências passadas se moverem em direção a construir as futuras relações com o mundo, Rosa experimenta necessariamente a ambivalência, a tensão, a surpresa, a novidade e tanto mais como veremos a seguir.

Fragmento 4

T: Como você imagina que fará no primeiro encontro com o paciente?

R: *Eu acho que chego, digo: “Oi meu nome é Rosa...como foi o dia hoje? Já foi pra escola?” Sei lá, acho que vou conversar. “E aí, queres brincar? Vamos brincar de que hoje?”*

Os signos: atendimento, criança e violência sexual, regem o momento presente no qual Rosa está submetida na experiência de estágio, e possibilita a variedade de construções futuras de significados para as experiências imprevisíveis, mas ainda assim antecipadas subjetivamente. Isto quer dizer que Rosa está sempre se orientando para as experiências

futuras, ao mesmo tempo em que se prepara para vivenciá-las, na construção de significados que antecipa, mas ao mesmo tempo, prevero não conhecido. Como por exemplo: *“lá no Brincar eu sei que tem a brinquedoteca, que não é atendimento, mas é um espaço pra brincar mas com um olhar diferente e tem o atendimento de psicoterapia individual nas salinhas, eu acho que não tem muito o que se fazer, você vai escutar, você vai brincar”*

Aqui nos parece que Rosa ao pensar sobre a situação de atendimento, enaltece os aspectos dos vetores de ação seguindo a direção do escutar e brincar. Rosa coloca a sua prospecção em termos de ações que tangem o universo infantil do atendimento, e direciona imaginativamente o manejo da sessão envolvendo as brincadeiras e a escuta. Conforme pode ser inferido pelo trabalho de análise, as respostas de Rosa expressam uma significação da experiência de estágio que perpassa um ambiente organizado de fala, escuta e brincadeira.

Note por exemplo quando ela fala no fragmento 5: *“me imagino atendendo velha”*, Rosa já previamente tem uma prospecção atravessada de um “ver-como” que perpassa sua condição profissional frente a um futuro imaginado. Isso favorece à criação de um campo afetivo que atua para promover o que Rosa deseja, isto é, funciona, para Rosa, como um guia para o futuro criado por ela, e que a orientará no processo de construção de significados sobre a decisão de como realizar o atendimento psicoterápico.

Fragmento 5

T: Você pensa sobre seu futuro profissional?

R: *Acho que pensar no meu futuro foi uma das coisas que me fez escolher minha profissão. Quando eu desistir de medicina, psicologia não foi a primeira opção na minha cabeça, eu pensei em publicidade e arquitetura, mas eu não conseguia me imaginar velha nessas profissões. Tipo, velha arquiteta...e eu pensava: “ eu não quero fazer uma coisa que eu não me imagino”* *Aí quando eu comecei a pensar, eu fiz: “**Pow eu me imagino atendendo velha, trabalhando como psicóloga velha, e ai eu pensava no futuro direto, até hoje penso eu lá no consultório**”(risos)*

Uma forma criativa de Rosa recriar o cotidiano da vivência de estágio, configura uma projeção futura de uma atuação, inclusive fora do contexto do estágio, mas já em outros espaços profissionais, como no consultório particular. Chama a atenção como os signos orientadores (criança e brincadeira, criança e escuta) são explorados em uma organização do cenário de forma colaborativa entre Rosa e a criança que ela imagina que irá atender, provocando uma tranquilidade em Rosa, ou ainda, um movimento de criação dos

personagens, temáticas possíveis, procedimentos de como fazer, que denotam uma estabilidade do que previamente ela estabelece que irá ocorrer na sessão. Como no fragmento: “claro que dá um nervosismo, mas ao mesmo tempo eu acho que com a criança é de boa”.

Na entrevista de Rosa, as pessoas identificadas por ela que participam dessa experiência de estágio, são como personagens montados numa dinâmica imaginativa que concerne a paciente ser uma menina/criança, que sofreu algo – do mais simples dente doendo, até a situação de abuso sexual – a chegada a Instituição com os pais, e a forma de procedimento esperado dela enquanto estagiária na situação de atendimento – escutar e brincar. Nada parece fugir do controle de Rosa sobre a antecipação futura a respeito do atendimento. Essa inclusão de novos elementos, de construções imaginativas detalhadas, permite Rosa edificar signos que carregam uma história semioticamente inserida na trajetória dela.

Assim, a utilização de significados pré-existentes, fundamentou-se na contextualidade da experiência pessoal de Rosa – no estágio fora do Brasil, nas falas da mãe e nas leituras feitas. O que pôde ser visto na construção deste enredo foi uma aceitação de signos que rondam a vida cultural e afetiva de Rosa, de modo que o regulador semiótico, orientou a relação de Rosa com o estágio, propiciando uma articulação signica (criança brinca, será uma criança menina) que promoveu uma construção da ação direcional (receber a menina criança e as brincadeiras, como um recurso terapêutico).

No lidar com os objetos significados pela experiência, como destaca Tateo (2015) lembrando os escritos de Wittgenstein, a condição perceptual de “ver” e também de “ver como” faz parte do processo de construção de sentidos em direção ao futuro e da imaginação sobre o passado. Nesse sentido, a noção de *Gegenstand* foi um conceito que nos ajudou a compreender como se dá a construção de sentidos orientada para o futuro na reconstrução imaginativa do passado.

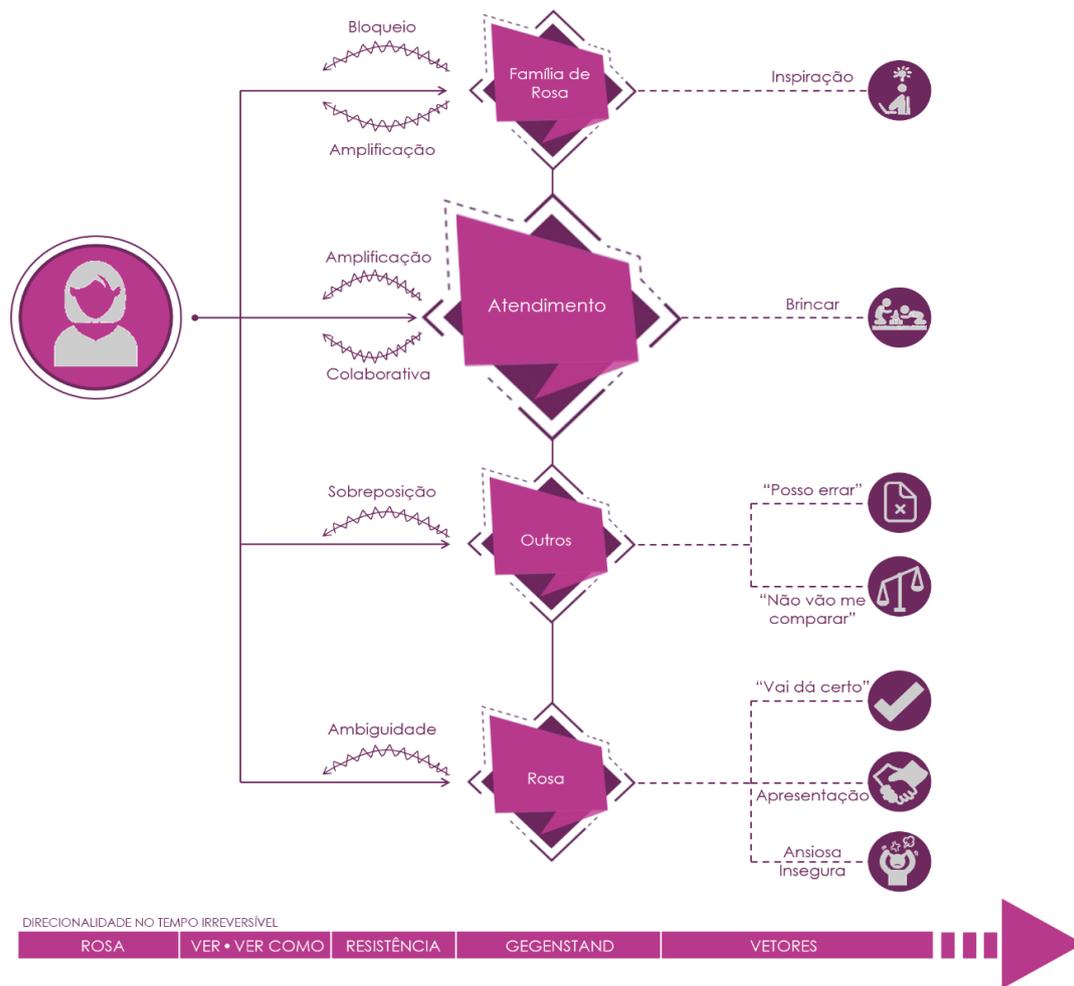
Tateo (2015) diz que todos os objetos não existentes tornam-se *Gegenstand* pela imaginação. Esses objetos nos orientam em nossas vidas, pois estabelecem uma relação afetiva com a gente. No caso de Rosa, a circunscrição do atendimento como um objeto de significação (GG), tornou possível a ela exercer um ato de vontade e escolher aspectos do atendimento pelo “ver como”. Tais características antecipadas formam um conjunto imaginado de ações que direcionam sua forma de planejar a situação do atendimento. É o que vemos, por exemplo, quando ela diz: “O que eu sei é que eu vou brincar com a criança, então

o primeiro atendimento eu imagino que será pra conhecer, saber porque ela estar ali, essas coisas”.

No seguinte fragmento: *“Nessas instituições de psicanálise normalmente você já estuda com gente que já sabe muito e pra mim, não saber, se colocava como uma dificuldade, porque eu pensava: Como é que eu vou dizer que não sei o que é castração?! Castração é uma coisa básica, eu tenho que saber. Aí ficava toda calada. E lá no Brincar eu consigo falar”.* Rosa cria um novo GG relacionado ao atendimento e percebemos que o atendimento envolve outros GG, como por exemplo: Outros, a família de Rosa, etc. No nosso trabalho analítico, o GG não consegue ser apresentado de uma forma única.

Quando a gente coloca uma situação da pessoa falar sobre o futuro, vários outros elementos se sobressaem. Em Rosa, pôde-se perceber estes elementos em destaque, por isso o atendimento é apresentado articulado: *“O povo tem a ideia que eu sou muito sabida, porque minha mãe é psicanalista, então eu cheguei e tinha uma dúvida e a pessoa fez: “Vêi, como tu não sabe o que é isso?” “Não eu não sei. “Eu tenho outra história, não sou minha mãe”. Tanto é que no Brincar foi um lugar que tem me dado a oportunidade de eu fazer meu percurso, não acho que as pessoas me imaginem sempre acertando e sendo a sabida, lá tô aprendendo igual a todas elas”.*

A figura 6 mostra a dinâmica imaginativa de Rosa, em situação de entrevista, seguindo o Modelo proposto por Tateo (2017). Como "a imaginação é uma função psicológica superior que nos permite manipular significados complexos de formatação linguística quanto icônica" (TATEO, 2015, p. 146), o "ver-como" de Rosa pôde saltar e ultrapassar, continuamente, do objeto concreto para a ideia abstrata, não experimentada ainda, a fim de produzir uma relação significativa com o atendimento, capaz de regular possíveis e (im)possíveis ações.



Rosa experimenta a ambivalência do sentimento de insegurança e ansiedade, confluentes na sua fala de que *“mesmo assim, tudo dará certo”*. Desse modo, lidar com a incerteza decorrente de uma imprevisibilidade no curso da vida cria tensões e ambivalências (ABBEY & VALSINER, 2005), advindas de todo jogo de afetações que podem nos arremeter quando colocados em situações novas. Mesmo que as situações sejam esperadas, ainda assim, continuam não conhecidas, não tangíveis concretamente. É através da imaginação que podemos construir significados, que encaminharão ações no presente, com vistas ao futuro almejado (VALSINER, 2007, 2014).

Aqui, o que nós percebemos é que em relação ao atendimento ela não admite resistências. Parece que na relação de Rosa intencionalizada com o atendimento, tudo irá colaborar para o vetor de ação que ela imagina: Brincar. E a resistência, que é um processo de antecipação das respostas do objeto pelo trabalho do “ver-como”, este não irá configurar-se como opositor, pelo contrário, a resistência é colaborativa e de amplificação à medida que o cenário imaginado irá acontecer sem grandes desafios.

No GG sobre a família de Rosa, pode-se perceber que no início a resistência notada por Rosa foi de bloqueio, tendo em vista que sua família ficou contra a escolha dela pelo curso de Psicologia, com questionamentos acerca do lado financeiro por causa desta escolha profissional, contudo, ao passar dos meses, houve aceitação e incentivo a tal ponto que Rosa antecipa uma resistência de amplificação e chega a dizer que a mãe é como se fosse uma supervisora, tem um outro olhar, no qual Rosa conta sobre o estágio e escuta as colocações da mãe. Nesse sentido, seu vetor se estabelece como inspiração, e Rosa toma a mãe neste lugar de solicitar e de aprender de forma inspiradora na troca das experiências.

A construção de significados sobre ser profissional, nesse momento, era mediada por signos partilhados por sua família, com mensagens carregadas de crenças e preconceitos. Embora Rosa estivesse vivenciando de perto seu início de estágio, as mensagens que ele recebia de sua família sobre o curso de Psicologia regulavam sua construção do significado pessoal através da resistência de bloqueio. E que depois, toma nova significação, e a inspiração toma conta como um vetor de uma relação afetivamente intencionalizada da mãe com o momento de Rosa de estágio.

No movimento constante de dirigir-se ao futuro, Rosa cria um cenário imaginativo e desse modo, nós identificamos que outro GG fala a respeito dos Outros. Ao falar sobre a Instituição do Brincar, Rosa reconhece o espaço como um lugar de aprendizado, de conforto em meio às suas dúvidas e questões. Ao contar sobre experiências com a Psicanálise, Rosa fala que se sente comparada a mãe – que é uma psicóloga e psicanalista, e desse modo, sente-se inibida para fazer perguntas. Porém, no Brincar, Rosa parece relacionar-se com os Outros de modo a reconhecer a possibilidade do erro, ao mesmo tempo em que não imagina que será comparada com sua mãe, porque lá *“posso ter minha própria história”*. Como afirma Vygotsky (IN GÓES 2000, p.121) *“nos tornamos nós mesmos através dos outros e eu sou uma relação social de mim comigo mesmo”*.

Em relação ao atendimento psicoterápico identificamos que Rosa também se coloca numa relação dinâmica e semioticamente afetiva com ela mesma. Neste caso, admitimos uma situação de tensão frente a experiência de lidar com ela mesma. Embora Rosa soubesse dos desafios que circulavam sobre o procedimento do atendimento, suas direcionalidades envolveram simultaneamente sentimentos positivos: vai dar certo. E medo e insegurança. Ela diz que irá se apresentar, conversar, ouvir a criança, mas mesmo assim, antecipa uma resistência que ora é tranquila, ora é amedrontadora.

Na mediação semiótica de Rosa, o sentimento dela em não querer errar, atinge sua generalização abstrata de nível mais alto – a hipergeneralização, ou seja, este sentimento passa a funcionar como regulador semiótico, neste caso, inibindo o conforto dela ao lidar com seus próprios sentimentos. As sugestões sociais presentes na cultura dissemina aos estagiários a ideia de que eles devem estar preparados e seguros para o estágio. Preparados enquanto uma formação eficaz no que tange o momento da prática clínica, contudo, esta preparação envolve fatores de ordem também afetiva, inesperada e imprevisível.

Diante das limitações apontadas no contexto (possibilidade de comparação, sentimentos de insegurança, planejamento da sessão cumprindo o horário certo, etc.), Rosa toma diversas decisões direcionando eventos futuros a partir de sua ação no instante presente. A emergência do novo surge quando Rosa rompe limites próprios e externos para criar uma combinação de possíveis futuros (*vai dar certo, vou brincar, vou me apresentar*).

É nesta direção que a imaginação está relacionada à criação de GG (TATEO, 2017). Ela se relaciona com nossa capacidade de antecipar e dirigir-se a objetos (situações, pessoas, coisas) ainda não existentes como forma de significar a experiência no momento atual. Pela seleção de aspectos do objeto, Rosa foi capaz de direcionar possíveis vetores de ação a partir do movimento de GG e resistências. O resultado disso, é um ciclo de construção sem precedentes, orientado para o futuro e configurado em direcionalidades de ações no momento presente.

8.2.1 Entrevista 2: Rosa / Após o primeiro atendimento clínico de caráter psicoterápico

A transição para o estágio é considerada uma experiência desenvolvimental carregada de tensões e ambivalências, na qual a estudante transita de uma condição de não estagiário para a condição de estagiário, de uma condição de estagiário para quase profissional. Essas mudanças envolvem: ambivalência, ruptura, tensões, reconstrução de si mesmo com uma nova posição (posição profissional), reorganização de ações, reconstrução dos significados de estágio construídos ao longo da trajetória de vida e ancorados nos padrões da cultura, e etc. Como já visto, nosso estudo tem tornado evidente as questões ambivalentes envolvidas no processo do estágio, pois nessa experiência de atender psicoterapeuticamente, Rosa lida com a tensão entre o passado conhecido e o futuro imprevisível, com instabilidade diante das novas exigências e tarefas.

Na segunda entrevista de Rosa, a surpresa aparece com a notícia do atendimento não ter sido com a “menina criança” como ela anteriormente imaginava, e no lugar, surge o tão

inesperado perfil de paciente: menino, adolescente, não acompanhado dos pais. Rosa se percebe então, diante do inesperado, do novo, da quebra do fluxo construído por ela acerca de como seria esse paciente. Do ponto de vista da questão desenvolvimental torna-se importante ressaltar o grande passo dado por ela ao agir na direção de enfrentar a tensão entre atender o adolescente versus não atender (lembrando da existência de uma possibilidade de recusa para a realização do atendimento que precede uma regra interna, prevalecendo caso haja desconforto do estagiário em relação ao atendimento), pois tal dilema envolve significações complexas, pessoais e coletivas.

Numa ilustração de como atua o mecanismo da distância psicológica (VALSINER, 2007), Rosa foi capaz de se distanciar das condições bloqueadoras da experiência clínica com um adolescente, acessando imaginativamente outros conjuntos de ações, para superar as incertezas sobre o atendimento com um jovem não acompanhado dos pais. Tal ruptura convoca Rosa a se reposicionar e agir por uma nova construção imaginativa frente a situação.

Como dizia Wittgenstein (1958), o significado do objeto depende do jogo envolvido na trama. A medida que o atendimento para Rosa naquele momento atrelou a interação da cena, do cenário, do contexto, dos personagens, suas narrativas e todo o enredo construído através da imaginação, ela pode significar uma nova experiência. Ou seja, a imaginação de Rosa implica a forma como ela “ver como” o ato do atendimento, como com ele se relaciona, o que constrói, etc. Assim, existe uma construção particular do significar o estágio, que contempla as emoções e os sentimentos, integrantes da vida humana. O estágio pode então, favorecer formas peculiares de significação entre o estagiário e o mundo pela imaginação, delineando a delicadeza entre o passado, presente e o futuro.

Rosa modifica seus vetores de ações diante de um novo GG – atendimento a um adolescente. No fragmento selecionado abaixo, Rosa explica como anteriormente imaginou o primeiro atendimento:

Fragmento 1

T: Foi como você imaginava?

R: *Eu achava no começo que eu ia atender primeiro uma criança e que ia ter muita brincadeira. Eu tinha isso que ia ser uma criança. Eu imaginava porque a maioria dos casos que a gente escutava lá eram de criança, então, eu achei que ia ser uma criança. Mas quando eu soube que ia ser um adolescente, eu já imaginei que seria uma conversa, eu não ia sentar na brinquedoteca com ele né? Mas assim ... foi isso, não foi exatamente como eu imaginava não.*

Rosa, através do lidar com os signos que regem sua vida semiótica, vive constantemente sob a tensão entre o “mundo visto”, percebido, narrado e o mundo imaginário “vendo como”, antecipando-o, construindo-o. Através da dinâmica semiótica, Rosa orienta o leque de possibilidades para que ela seja capaz de se adaptar ao futuro incerto, no momento do estágio. A surpresa de Rosa com a chegada de um adolescente ao invés da criança, tal qual imaginava anteriormente, lhe colocou em uma situação de redirecionamento de ação, e a adaptação ao atendimento pela via da conversa lhe pareceu ser um melhor recurso a ser utilizado e não mais o brincar.

O vetor de ação se reconfigura e através do trabalho da imaginação, Rosa manipula signos abstratos e antecipa a resistência do atendimento com o adolescente. Vejamos o fragmento que segue abaixo acerca de como Rosa conduziu o atendimento, ou seja, acerca da imaginação do passado:

Fragmento 2

T: Como você percebe a tua escuta durante o atendimento?

R: *Eu acho que consegui escutar, mas tinha hora que eu pensava: “Meu Deus, essa pessoa tá repetindo isso de novo? Vou fazer o que aqui? Será que falo alguma coisa? Não tenho nada, vou ficar calada!”. Tinha hora que quando eu olhei pro relógio eu disse: “Meu Deus, não sei a quanto tempo tô aqui”. Eu ouvi ele, mas essas coisas não saíam da minha cabeça.*

Como apresentado no fragmento acima, Rosa parece produzir uma relação significativamente ambivalente com a situação que se estabeleceu, no qual as dúvidas, os questionamentos lhe acompanharam frente a imprevisibilidade constituída. Nossa relação com o mundo é marcada pelas imprevisibilidades através de uma construção de significados alicerçados pela história individual e coletiva que constitui cada sujeito.

Ao que nos parece, Rosa vivencia a experiência de uma resistência de bloqueio ao se ver completamente paralisada em sua reação diante do adolescente que tinha uma demanda de fala intensa. Neste sentido, o estágio proporcionou para Rosa, um espaço privilegiado para a

problematização sobre o atendimento clínico, num contexto em que coloca em evidência uma série de elementos da relação estagiário-paciente. Ao falar sobre como ocorreu o atendimento, Rosa explica como o inesperado lhe surgiu antes ainda de saber quem era o paciente: *“Na hora eu não sabia quem era o paciente, aí quando eu cheguei na sala de espera eu tipo: ‘Meu Deus, quem será?’ Aí olhei pro lado, olhei pro outro e disse: Marcos? Ai eu falei, e ele veio”*.

Situações inesperadas convidam o sujeito a novas reestruturações (VALSINER, 2002). Rosa é convidada constantemente para organizar, internalizar novos signos, construir e atuar no mundo pela via da novidade da experiência. Um signo que iniba esse processo atrapalha o deslocamento imaginativo no momento presente, por sua estruturação resistente. Logo, Rosa precisou replanejar criativamente suas ações futuras.

Pode-se perceber em Rosa a presença de signos que se apóiam em dúvidas, como no fragmento 2 e 3. Diante da ambivalência entre os signos, há um diálogo entre questões internas em Rosa na busca de um apaziguamento que diminua as tensões e dúvidas postas. Desse modo, Rosa tenta encontrar novas resoluções para fortalecer suas ações em torno do inesperado numa direcionalidade orquestrada para o futuro. É essa capacidade humana de ser afetivamente mergulhado no mundo imaginativo por prospecções, que certifica a imaginação como função mental superior tão relevante ao pensarmos sobre desenvolvimento humano. Vejamos o fragmento abaixo:

Fragmento 3

T: Você gostaria de atender outro paciente?

R: (...) *Eu tanto não pensei no atendimento, que na hora que entramos na sala, eu me toquei: ‘**Vou sentar aonde?**’ Tipo, como é que vai ser essa coisa do sentar?! E aí tem uma mesa, uma cadeira aqui e outra ali. Logo que eu entrei, ele sentou no lugar onde geralmente senta os pacientes, mas eu poderia ter sentado do outro lado da mesa, ou na cadeira. Ai eu puxei assim a cadeira mais distante, ficou de frente um pro outro, mas sem a mesa sabe? **Eu não sei porque eu fiz isso, mas eu acho que assim ficaria mais legal. Ai eu fiquei: ‘Meu Deus, será que era pra eu ter sentado ali mesmo? Será que tá bom o atendimento acontecer desse modo?’***

Para Abbey (2006), é a ambivalência entre o que alguém pensa que sabe e conhece com aquilo que não sabe e não conhece que regula o constante processo semiótico. São essas as tensões que pairam na vida dos sujeitos e reintegram o processo imaginativo como

inegociável na direção das ações futuras. No fragmento 4, pode-se ver Rosa sendo convidada a imaginar sobre a atuação do seu supervisor na mesma situação em que ela viveu, e como recorrer ao que ele faria permeou o campo de suas significações para pensar sobre a própria atuação.

Fragmento 4

T: Como você imagina que teu supervisor faria nesse atendimento?

R: *Vige Maria (Risos). **Eu acho que ele ia escutar, ia pontuar algumas coisas assim, mas pelo que já vi, sei que ele fala muito, chega uma hora que ele fala sabe?No final eu tentei também fazer isso, de: “Esse aqui é um espaço seu, que a gente vai construir junto, mas você sabe que aqui você pode falar o que quiser, tô aqui pra te escutar e construir com você”. Na verdade, eu falei isso, mas eu acho que Pedro ia escutar...Mas é também porque Pedro sabe de muita coisa. Aí ele ia discutir com o menino vários assuntos. Tipo, o menino disse que gostava de escutar poema, aí eu fiz: “Ah se você quiser trazer aqui pra gente, você pode trazer”. Eu tentei deixar ele bem à vontade pra ele querer voltar (risos)...Pedro ia escutar, acho que é isso.***

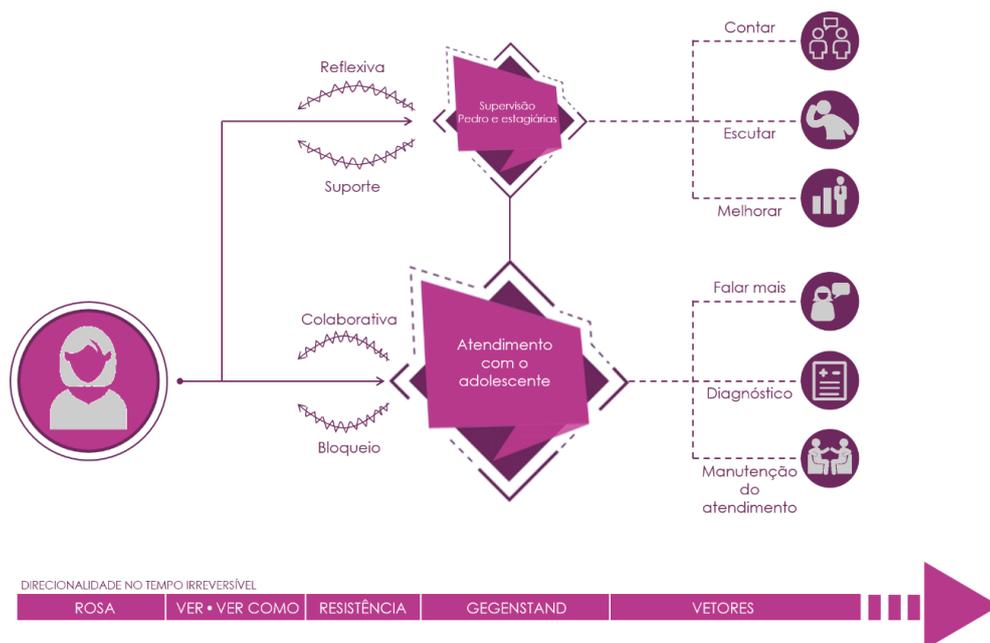
As prospecções de Rosa acerca de como Pedro conduziria o atendimento são construídas pela imaginação, ancoradas na possibilidade de pensar pelo outro através dos sentidos múltiplos na relação Rosa–atendimento/ Rosa-Pedro/Rosa-Brincar. Nesta dinâmica que temos tratado de GG, vetores de ação e resistências, surgem os marcadores do que Rosa tem prospectado para a supervisão, como podemos ver: *“Eu acho que eu vou levar as coisas que eu notei do caso e Pedro vai pontuar outras, não sei. Acho que ele vai perguntar o porque eu fiz aquilo ali... Mas eu nem fiz muito coisa, eu escutei mais. Acho que vai ser bom, que não fiz nada errado não”*.

Dessa maneira, o não ocorrido (a intervenção que Pedro faria) tem uma função tão relevante quanto o vivido em sua experiência (o atendimento com o adolescente), pois Rosa não viu Pedro conduzir uma sessão psicoterápica, contudo, mesmo assim, ela o prospecta de um lugar em relação ao que ela está vivenciando, de forma antecipada e internalizada, imaginativamente. Esse é o solo da imaginação, a não ancoragem apenas no concreto e existente enquanto real da experiência, mas como uma pintura, a imaginação trabalha nas infinitas combinações que resultam em cenários criativos e poderosos quanto aos vetores possibilitados.

A análise que se segue, tem uma peculiaridade, nós fizemos a Dinâmica Imaginativa de Rosa para uma situação passada. Ou seja, uma imaginação do passado, pois Rosa foi convidada a falar sobre o que imaginou no atendimento vivenciado. Como já dito, a imaginação não é uma apreensão da imagem como instância real, ou uma fotografia do externo, ou ainda, um retrato da realidade, contudo, ela é uma composição semiótica, onde o ato de falar sobre o passado torna-se um processo imaginativo na forma como as pessoas agem retrospectivamente voltadas para um novo passado, e assim, constroem novas possibilidades para suas ações. Isso permite que Rosa ao criar seu cenário sobre o passado, se coloque como ativa na construção futura da vida.

Na figura 7, é notável a dinâmica imaginativa pelo qual o *Gegenstand* abordado por Rosa foi a fala incessante do paciente, que lhe produziu uma resistência, que chamamos aqui por bloqueio, no qual Rosa diz que não conseguiu interrompê-lo, ou falar algo durante a sessão: *“ele começou a falar. Ele falou muito, muito. Teve uma hora que eu fazia: “Meu Deus, eu falo ou eu não falo?” Eu parava e dizia assim dentro de mim: “Falo alguma coisa ou não falo?”. Aí teve uma hora que eu queria ter falado, mas ele entrou em outro assunto e eu não conseguir mais voltar o que ele tinha falado”*. Tal resistência provoca em Rosa novas direcionalidades prospectivas em relação à próxima sessão, mas que na experiência em curso, se configuraram como bloqueio das ações imaginadas por ela.

Figura 7 - Dinâmica do processo imaginativo através da Direcionalidade e Resistência para entrevista 2 de Rosa – Antes do segundo atendimento psicoterápico

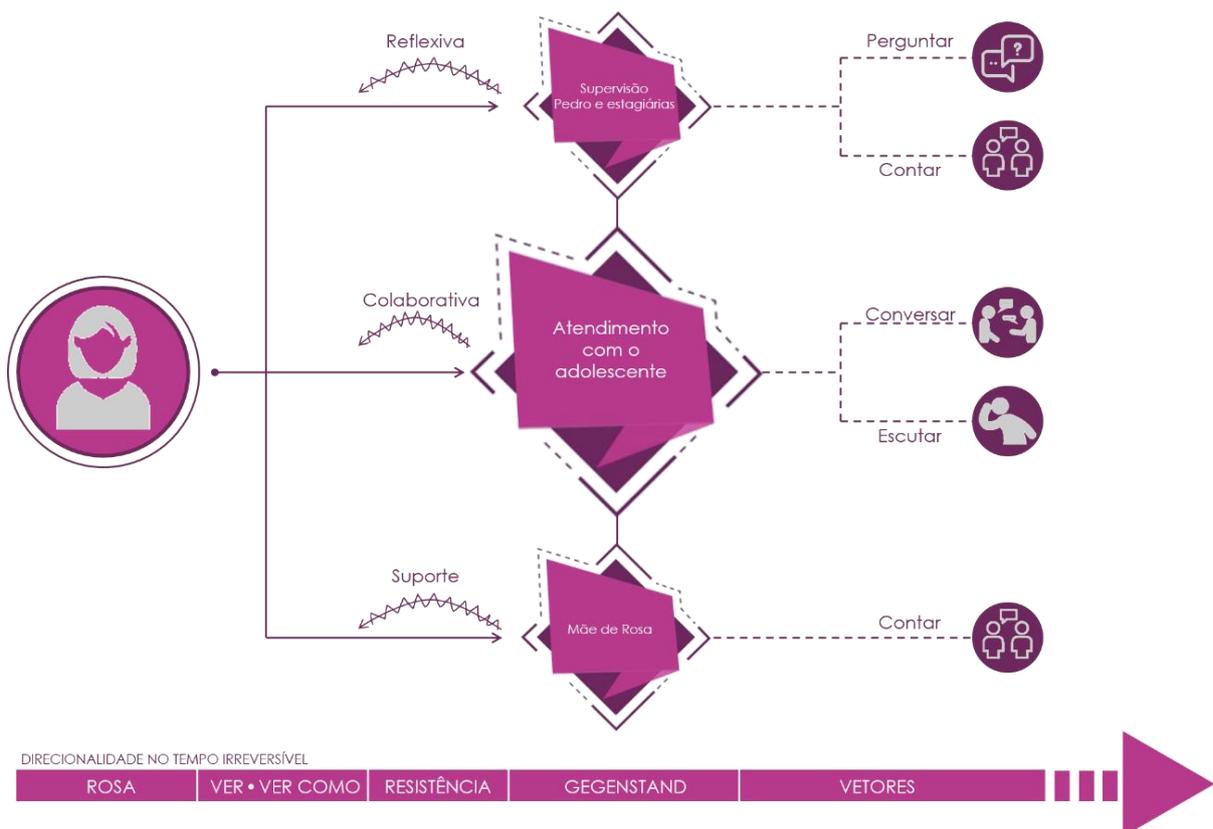


A importância do falar apareceu no caso de Rosa como um valor acoplado às perspectivas de futuro para os atendimentos. O “falar mais”, portanto, torna-se um signo

importante ao incluir e abarcar diferentes conotações para Rosa, como por exemplo: sinal de domínio da situação; sinal de intervenção correta, já que Pedro falaria mais. O quadro acima demonstra evidentemente a diversidade de elementos que compõem o entendimento de Rosa sobre o “ver como” frente ao adolescente e os recursos do planejamento da sessão psicoterapêutica.

Na próxima imagem (figura 8), a Dinâmica Imaginativa em Rosa seguirá o percurso para o próximo atendimento, e sua construção perpassa o futuro. Ao tomar o atendimento do adolescente como o GG, Rosa atribui uma resistência colaborativa gerando vetores de ação que organizaram a forma de condução da sessão, como podemos ver: *“Eu acho que vou escutar, pode ser que eu fale alguma coisa...Mas ainda não sei ao certo, mas eu quero falar mais”*.

Figura 8 - Dinâmica do processo imaginativo através da Direcionalidade e Resistência para entrevista 2 (b) de Rosa – Antes do segundo atendimento psicoterápico



Ainda na segunda entrevista, ao ser perguntada sobre os próximos atendimentos, é possível perceber a organização de Rosa para os próximos atendimentos com prospecções que permeiam um “ver como” acerca do atendimento e da supervisão de forma especial. O

processo de criação do *Gegenstand* por Rosa, bem como das antecipações das resistências, e a criação dos vetores de ação, são atividades imaginativas que estão ligadas pela experiência passada dela, que constantemente significa a relação dela com o estágio.

Essa dinâmica imaginativa envolve uma ação em direção ao futuro, para então, Rosa significar a experiência do atendimento no momento presente. A partir desse processo de imaginar o passado acontecido, Rosa significa, no presente, o atendimento, de tal maneira a regular sua ação no futuro imaginado, ou seja, nos próximos atendimentos. Este processo psicológico permite à Rosa considerar outros cenários, outros personagens, outras possibilidades, para além daqueles postos e apresentados e, assim, ela pode criar o futuro atendimento, planejando a próxima sessão, colocando-se em outras situações não concretas, organizando as próprias ações, etc.

Outro GG percebido na dinâmica de Rosa, foi sobre a supervisão com Pedro e as estagiárias da equipe. A resistência notada privilegia um lugar de reflexão, onde Rosa parece antecipar que irá ouvir direções e aperfeiçoar sua atuação, como no fragmento abaixo.

Fragmento 5

T: Como você vai se preparar para o próximo atendimento?

R: *Vai ter a supervisão e eu acho que vou levar as coisas que ele trouxe, e ...é isso...não tenho como me preparar mais...é ouvir as observações de Pedro e tentar sempre melhorar.*

Mais uma vez, Rosa retoma a figura da mãe em suas falas ao se referir ao atendimento: “Em casa eu falei com minha mãe. Aí ela ficou falando lá, aí eu falei um pouquinho das minhas impressões, aí ela dizia: “*É, é verdade, mas isso vai aparecer...*”. *Ela me ajuda sabe? Foi como uma supervisão pra mim, falar de como tô percebendo ele, o que penso sobre o caso, essas coisas*”. Parece que uma resistência de suporte se estabelece na relação de Rosa com a mãe, sentida como suporte e ajuda para o momento de estágio.

8.2.2 Entrevista 3: Rosa / Após o segundo atendimento clínico de caráter psicoterápico

Na terceira entrevista, Rosa já tinha atendido o adolescente duas vezes e daria sequência ao acompanhamento psicoterápico dele ao longo do estágio. Como última entrevista proposta para o nosso estudo, as perguntas contemplaram tanto o último atendimento com o jovem, como sua imaginação para os próximos atendimentos.

Pode-se ver que uma nova posição emerge em Rosa que se refere ao sentimento de pertença ao papel profissional (“*Me sinto uma psicóloga de verdade*”). O surgimento da

prospecção profissional de Rosa, nos permite perceber que ao longo da experiência de estágio, ela foi capaz de criar signos que regularam as antecipações das resistências, bem como, lhe permitiram criar condições sobre o atendimento - mesmo antes dele ocorrer conforme imaginava ela. Como sabemos, a imaginação por sua própria natureza é imprevisível, envolve criação, e através das prospecções, direcionalidades de ações surgem como possibilidades inferidas por Rosa, lhe permitindo experimentar situações desafiadoras, que nasceram no encontro entre a experiência concreta e a experiência imaginativa.

Fragmento 1

T: Como você procedeu no atendimento?

R: *Quando eu entrei, eu não tinha pensado como seria, onde eu sentaria, mas quando eu entrei, pensei: “Onde vou sentar?” “Não é o lugar atrás de uma mesa que eu quero ocupar, eu queria algo que mostrasse uma parceria, então eu tentei me colocar de lado, claro que eu também pensei na minha análise, porque a cadeira da minha analista nunca tá de frente totalmente pra mim, ela sempre tá posicionada de lado, e isso tem um porquê. Agora tô num divã, mas tem uma mesa, uma cadeira aqui e o divã, tipo, nada é um de frente pro outro, e aí eu pensei que esse olhar entre eu e ele não precisava ser um de frente pro outro, na hora imaginei a cena da minha terapia e tentei fazer igual essa parte do meu lugar de sentar sabe?*

É possível notar em Rosa um perfil de coordenação para o atendimento que envolve além das experiências prévias dela, sua análise e sua analista e as orientações pessoais acerca do papel do estagiário. Cada semana que passa, Rosa experimenta novas tensões sobre o “*torna-se uma psicóloga de verdade*”, e ela internaliza as expectativas sociais e pessoais envolvidos na cultura e na história dela. Assim, todo o processo de estágio parece ser inerentemente ambivalente para Rosa.

As leis que orientam o estágio em uma Instituição podem ser consideradas, na abordagem da Psicologia Cultural Semiótica, como fronteiras semióticas, cujo objetivo é regular normas, condutas, comportamentos ou valores para a manutenção da vida. Entretanto, cada fronteira criada, além de ter essa possibilidade de manutenção da cultura, carrega nela mesmo seu oposto, exemplificado neste caso pelas outras possibilidades colocadas por Rosa para lidar com a situação de atendimento. Percebemos que Rosa cria para si uma fronteira semiótica (“*Não é o lugar atrás de uma mesa que eu quero ocupar*”), que passa então a funcionar como um signo promotor no desenvolvimento de sua trajetória de vida.

Fragmento 2

T: Como você imagina daqui pra frente?

R: *Eu acho que ele vai continuar vindo, e eu vou continuar escutando...Não sei. É muito doido isso, mas não sei muito, só acho que ele virá e falará cada vez mais das angústias sabe? E isso o ajudará de alguma forma.*

Nas primeiras entrevistas, as direcionalidades mostravam a centralização pessoal em condições inerentemente ambivalentes, mas centradas no brincar e ouvir. Na última entrevista, o foco mudou um pouco e vemos o surgimento da abordagem profissional surgir em Rosa, através da disponibilidade para a novidade de um paciente adolescente, mas que pode continuar vindo para a Instituição e ela assim, continuar a ouvi-lo. A tensão de Rosa não é eliminada nas respostas ao longo das entrevistas, mas podemos ver a transformação da regulação pessoal sobre a possibilidade dela em oferecer-lhe ajuda “*de alguma forma*”, e assim, imaginar seu retorno e sua profunda imersão na psicoterapia.

O fato de Rosa já ter atendido o paciente, pelo menos duas vezes, por ela já estar em atividade de psicoterapia com o jovem, fez com que Rosa criasse um campo afetivo a partir das vivências de atendimento composto por sentimentos diversos. Rosa diz não saber como será os próximos atendimentos, mas o afeto gerado (“*Isso o ajudará de alguma forma*”), funciona como signo promotor e orienta uma ação futura (“*vou continuar escutando*”).

Fragmento 3

T: O que te marcou nesse período?

R: *Eu acho que fazer o atendimento é o mais difícil, porque é muito inesperado, a gente não sabe quem tá chegando, qual a demanda e o que vai fazer. Não tem um percurso pronto ou um roteiro pronto. Eu posso estar aqui e alguém dizer: “Oh, tem um acolhimento pra fazer, que acabou de chegar”. Isso é desafiador porque é muito inesperado.*

Rosa não é solicitada diretamente (“*o que você faria se ...?*”), mas é visto como Rosa projeta imaginativamente a própria construção pessoal e cultural do que um psicólogo sentiria e deveria fazer na situação dada. Apesar do desafio ser antecipado a partir do inesperado,

Rosa descreve condições inerentemente tensas sobre o atendimento. E assim, é revelado os reguladores semióticos produzidos por Rosa que são trazidos para a situação com o intuito de lidar com a tensão, que foram as lembranças da sua análise e a fala acolhedora do

supervisor. Desse modo, esses mecanismos de regulação se destinam a expandir a imaginação, para ser capaz de lidar com um possível evento inesperado no futuro.

Ao convidar Rosa para pensar sobre o que lhe marcou nesse processo de estágio, ela não hesitou em falar sobre o “inesperado” como condição de desafio. Este olhar prospectivo da trajetória de Rosa se baseia a partir das construções de significados já feitas no passado e na dinâmica dos processos semióticos, em que essas possibilidades são projetadas: (“*tem um paciente para atender lá fora*”, “*quem é a pessoa, o que veio fazer aqui*”). Revela-se então, um futuro possível, mas incerto, que ordenam as ações dela no presente.

Fragmento 4

T: O que você acha que mudou ao longo desse tempo de estágio?

R: *Acho que eu me sinto um pouco mais segura, porque já tem elementos que ele trouxe e que a gente trabalhou em supervisão e eu tô mais atenta depois do que Pedro comentou, mas é...e também a fala de Pedro, que me orienta...porque eu sou muito insegura... E eu tenho uma responsabilidade com esse paciente ali, ai Pedro diz: “Rosa eu tenho certeza que você é capaz. Você consegue!”.* **Então isso da uma segurança mas ao mesmo tempo sou insegura de vida mesmo.**

O que vemos aqui é que a tensão diminui conforme as palavras de Pedro emergem antes de Rosa ir para o atendimento, tomando uma abordagem mais segura sobre como proceder. Dessa forma, podemos observar certa dúvida: “*da uma segurança mas ao mesmo tempo sou insegura*”, uma intensidade dos desafios inerentes ao atendimento: “*eu tenho uma responsabilidade com esse paciente*”, que mostra que Rosa precisa ser hábil para lidar e manejar de forma responsável o atendimento psicoterápico.

O inacessível advindo da uma impactação sublime da experiência, com sentimentos de dúvidas, ansiedades, ao mesmo tempo, alegria e paz, faz parte do lugar dos afetos no funcionamento humano, ou seja, dos sentimentos que nos tomam e nos ocupam inteiramente em nossa experiência no mundo. De modo que as experiências afetivas passam a regular nossa criação de significados, sustentados pelo futuro através da imaginação, neste caso, para Rosa se configurava em: sentir-se segura diante do atendimento clínico com o jovem.

Fragmento 5

T: Qual teu sentimento sobre o atendimento?

R: *Eu fiquei muito na dúvida. Eu fico com a sensação que eu queria que tudo tivesse se resolvendo sabe? Que ele tivesse voltando pra escola, que tivesse dando certo, dando resultado, e óbvio que não vai dar. Óbvio, mas às vezes a vontade é que desse, que resolvesse todos os problemas.*

Para Rosa, ver as melhorias do adolescente significava ver os problemas resolvidos, e isso lhe traria um sentimento de certeza do processo psicoterápico estar dando certo. Suas dúvidas permeavam a circunstância aparente de fragilidade e comprometimentos sociais que seu paciente estava passando enquanto ainda estava no processo psicoterápico com ela.

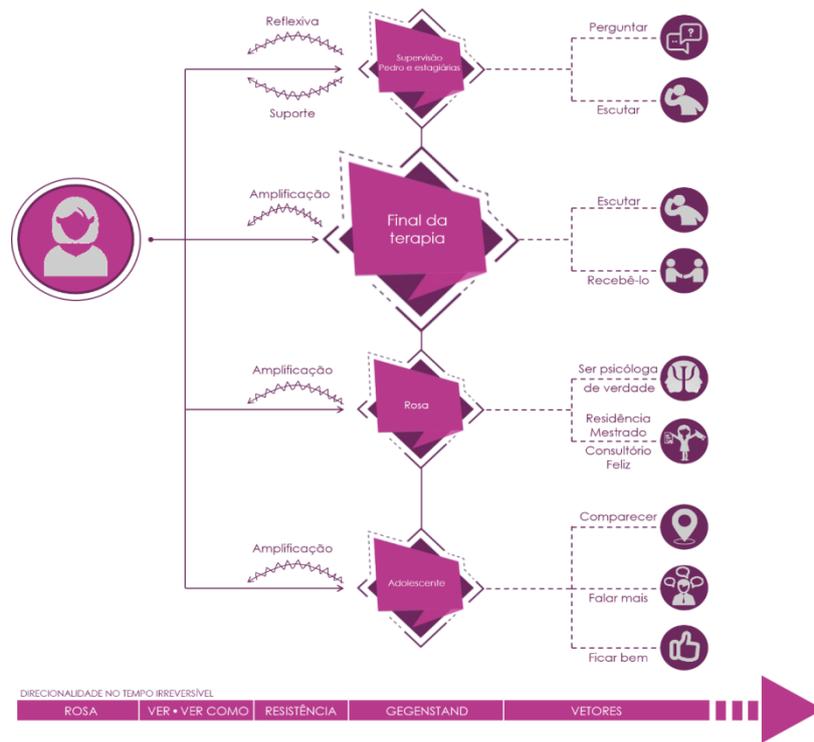
Assim, a resistência no tocante à supervisão e ao supervisor, lhe é antecipada de modo reflexivo e de suporte: *“Os pontos que surgiram e eu levei pra supervisão, tipo Pedro diz: “Isso você pode fazer, é por aí ou não é por aí, essas coisas”. Tô aprendendo muito com a experiência prática e conversando com Pedro”*. Rosa parece cada vez mais ter certeza a respeito do falar sobre a terapia com Pedro, na supervisão, antecipando resistências de reflexão e suporte que se sustentaram ao longo do tempo. Configurando um lugar especial, de aceitação, correção e aprendizado para sua prática de estágio. Mas não só Pedro, a mãe de Rosa também funcionou num lugar especial: *“É inevitável chegar em casa e não contar como foi o atendimento. Eu falo muito... Mas minha mãe conversa comigo como uma mãe que conhece bem essa área, é maravilhoso, me ajuda muito.”*

Um GG criado na Dinâmica imaginativa de Rosa foi suas colocações a respeito de si mesma. Ela diz: *“Me imagino num consultório e com um vínculo público. Atendendo meus clientes, tendo meu dinheiro e sendo feliz. Vou ser psicóloga de verdade (risos). Eu acho que vou tá feliz com o percurso que fiz aqui, eu acho... Quero tentar residência, mestrado também e abrir consultório. Pronto, me imagino fazendo tudo isso ainda”*. A resistência mudou ao longo do processo, e pode-se perceber a amplificação tomando conta da variabilidade prospectiva que Rosa viu acerca de si, quando outrora lhe era muito presente a insegurança, nota-se uma posição semiótica de um lugar profissional.

Na figura 9, pode-se perceber que Rosa lidou com seus objetos semioticamente selecionados através do ver/ ver-como, veiculados a ela mesma, ao adolescente, ao final da terapia e ao supervisor e estagiárias. De uma forma peculiar, Rosa antecipa as resistências com uma continuidade de amplificações no que tange as prospecções futuras acerca do estágio. Rosa, então, diante desse ponto do estágio precisou considerar as opções que se apresentava a ela acerca do futuro imaginado até a conclusão do estágio. Rosa poderia antecipar outras resistências, como a de faltas/ausências (conforme a possibilidade do

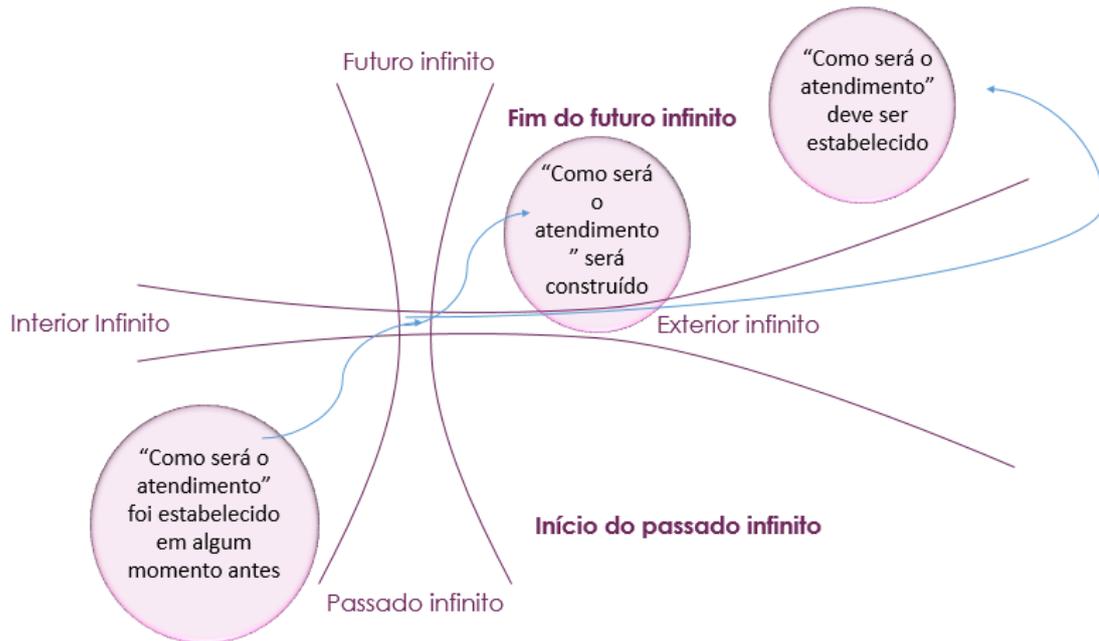
paciente não vir e disso ser tão comum, como relatado por ela mesma), contudo, sua direcionalidade guia suas ações tendo em vista resistências pelo qual todos os *Gegenstands* contribuirão para a continuidade do seu processo de estágio.

Figura 9 - Dinâmica do processo imaginativo através da Direcionalidade e Resistência para entrevista 3 de Rosa – Antes do terceiro atendimento psicoterápico



Vale salientar que uma redução da incerteza no presente em Rosa pode ser observada em relação ao passado – todas as supervisões ocorridas, a fala da mãe, o estágio fora do Brasil- no qual, fornecem um ponto de certeza, como uma âncora que ajuda a estabilizar o presente. Aqui, um artefato cultural se apresenta, abarcado pela voz ativa do supervisor com palavras de afirmação e confiança, e a fala da mãe com orientações. As sugestões que ela acolhe e internaliza na experiência de estágio, por exemplo: como atender, o que falar, se tudo ocorreu certo, qual postura se deve ter, etc, atuam para orientar o processo imaginativo de Rosa em relação aos próximos atendimentos.

Figura 10 - Adaptada pela autora – Inter/Out de Rosa

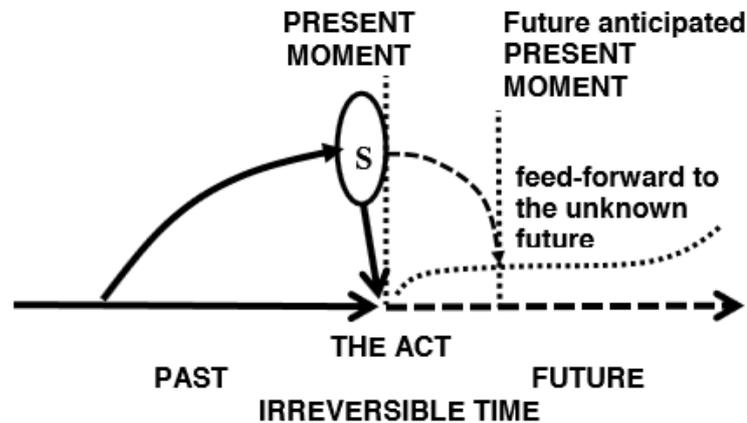


Fonte: Valsiner 2013, p. 206

Como mostra acima na figura 10, a imaginação de Rosa é um processo de pré-adaptação aos pólos infinitos, onde a tensão passado $\langle \rangle$ futuro se relaciona semioticamente com os infinitos internos $\langle \rangle$ externos. As inúmeras possibilidades no tocante as suas ações podem configurar a construção do futuro de Rosa em relação ao estágio no instante presente. É através das prospecções orientadas para o infinito, que Rosa consegue eleger aspectos que vão direcionar suas escolhas e ações, como por exemplo, quando perguntamos a ela: Como será o atendimento?

Valsiner (2014) defende que o signo tem o poder de acessar diferentes outros signos, especialmente do passado, enquanto a pessoa está atuando em direção ao presente e ao futuro. “Os signos estão orientados para o futuro por causa da inevitabilidade da vida” (VALSINER, 2014, p.126). Na figura 11, pode-se ver que os signos exercem regulação na dinâmica da experiência e orientam nossas ações no presente, como também podem sugerir uma ação para o futuro. Em Rosa, as ações projetadas para o futuro, para os próximos atendimentos, baseiam-se na ligação semiótica – sempre ativa e aliançada em sua história, que se sustenta com as diversas possibilidades prospectivas nascidas a cada momento da vida dela.

Figura 11- Irreversibilidade do tempo



Fonte: VALSINER, 2013, p. 125

Na experiência orientada para o futuro, criamos e recriamos horizontes (TATEO,2015). Nisso consiste o papel fundamental da imaginação, pois é através da dinâmica semiótica integrada a vida psicológica dos sujeitos, que permite que a pessoa crie o concreto e o abstrato, bem como, o palpável e o impalpável, pelo uso dos objetos não existentes e através deste processo, criamos diversos tipos de possibilidades que direcionam a ação em nível coletivo e individual (MARSICO ET AL., 2013):

Os objetos nunca são coisas em si, mas, através de uma elaboração imaginativa, eles se tornam objetos semióticos existentes na concepção orientada para o futuro. A imaginação não está nos trazendo alívio para o espetáculo inquietante do mundo, ela é como uma caixa de areia na qual podemos brincar com futuros alternativos. É uma das funções mentais superiores que fazemos do mundo como a experimentamos e como nos esforçamos para experimentá-la. O processo imaginativo desempenha uma função auto-reguladora em relação à natureza ambivalente da experiência e à incerteza da mudança durante o desenvolvimento, através da elaboração semiótica do significado, tanto em termos linguísticos como icônicos (TATEO, 2016, p. 162)

8.3 ANÁLISE DO *SCRAPBOOK* PELA PERSPECTIVA DA SEMIÓTICA CULTURAL

Como uma produção semiótica peculiar e endereçada a pesquisadora e não apenas como um produto acabado em si, que revela de forma clara algo, mas um produto integrado de transformações semióticas desde o momento de sua criação até a fala da participante sobre a produção criada, o *Scrapbook* expressa assim, significações múltiplas de Rosa sobre si mesma, sobre o estágio e tudo o mais que ela elege enquanto objeto significado da experiência. O *Scrapbook* de Rosa comunica, sem palavras, relações intencionalizadas e uma delicadeza do

momento vivido com movimento e cor. O *Scrapbook* de Rosa torna-se então, um processo de produção, de criação imaginativa, que se torna o foco de nossa análise para esta sessão, pois nos interessa investigar o enredo, o cenário, as nuances que contribuíram para a produção icônica.

A dinâmica imaginativa é um processo sígnico, que lida para além do alcance verbal e que não elucida uma interpretação nos moldes de definição matemáticos/calculáveis. A imagem indefinida enquanto tal, revela o próprio processo ininterrupto no que se refere a produção de significados, e leva em consideração os vários meios possíveis e disponíveis no contexto sociocultural.

Isto quer dizer que perceber a experiência afetivamente semiótica, nos configura pensar que as produções icônicas extrapolam narrativas verbais e orais, sendo elas contínuos movimentos e direção ao novo e conjugam diferentes modos semióticos, como a imagem, a colagem, o movimento, as criações, as cores, de modo a tornar tal processo fundamental para a amplificação dessa perspectiva.

Para Kress (2010), o processo de significação combina vários modos semióticos e envolve interesse, representação, imaginação, cognição e afeto. Dessa forma, ao produzir o *Scrapbook*, Rosa engaja-se numa experiência que envolve corpo, linguagem, imaginação e afeto. Como estamos significando a todo instante, essa construção icônica produz um novo significado ao ser pensado, explorado e realizado. Dentro desta noção, o *Scrapbook* corresponde a uma forma comunicativa materializada, vislumbrada pela imaginação e não pela apreensão do real, de modo que por intermédio de múltiplas possibilidades de signo e linguagens, Rosa foi capaz de criar de forma verbal e não verbal.

Neste sentido, podemos pensar que o *Scrapbook* favorece uma integração interna que vai além dos limites da negociação em um âmbito puramente verbal. Como ato do processo imaginativo, a construção do *Scrapbook* permitiu a Rosa uma exploração de signos simultaneamente icônicos e verbais, permitindo um movimento de criação incessante, favorecendo uma nova adaptação dela para o desconhecido, capaz de situá-la em novas configurações sobre o estágio.

O criar de Rosa, com desenhos e colagens, envolveu tanto movimentos corporais quanto a linguagem e a imaginação, permitindo que Rosa entre em um reino de invenção e criação à medida que se torna também um personagem de sua própria história. Através dessa produção do *Scrapbook*, Rosa revela a complexidade dos processos imaginativos que

entrelaçam as transformações de seu mundo interno, onde as negociações e as afetações são experimentadas a todo instante, por exemplo, quando Rosa negocia que desenho fará no *Scrapbook* para oportunizar a visualização de uma cena futura, que cor se configura mais naquilo que ela deseja criar, etc. Dessa forma, a atividade de criação se constitui como uma atividade reflexiva, intencional e produtora de significações, devendo ser compreendida no contexto em que se realiza.

Assim, a construção do *Scrapbook* é um processo construtivo da subjetividade de Rosa, intencional, dirigida e potencial para pensar e sentir através do recurso icônico, que lhe confere organização para sua experiência. Ao fazê-lo, Rosa está ativamente desenhando a realidade imaginativa de uma experiência não vivida, e não refletindo de forma passiva sobre uma determinada possibilidade.

A ação de Rosa de criar a imagem para o *Scrapbook* é um ato imaginativo que envolve intenções, significações, endereçamentos, objetivos, enfatizando assim a delicadeza do processo semiótico envolvido ao articular a complexidade do passado, presente e futuro acoplados no objeto apresentado. Dessa forma, há um abandono da ideia do *Scrapbook* de Rosa como representação do real ou como apenas um material concreto, revelador da imaginação. A nossa proposta é considerar o entrelaçam em toda construção de significados e a criação imaginativa, na imagem apresentada a nós, pelo desenho, pelo movimento, pelos gestos, etc, como o poder potencial dos sujeitos em criar a própria vida.

8.4 CONSOANTE COM A PROPOSTA TEÓRICO-METODOLÓGICO DA PSICOLOGIA SEMIÓTICO-CULTURAL

Concebemos que Rosa é ativa diante das experiências. Ela é capaz de atuar imaginativamente no mundo, com transformações e criações, possíveis de se articularem aos significados imbricados em sua subjetividade. É a superação de uma concepção de sujeito de pura racionalidade, um sujeito computacional, com instâncias superficiais no psiquismo, ou ainda um sujeito guiado por códigos operacionais como uma máquina. A imaginação é a condição humana fundamental, que confere aos sujeitos criatividade e operação ativa sobre o real.

A realidade percebida por Rosa denota suas ações dirigidas ao futuro face as significações estabelecidas nessa relação Rosa-Mundo, e não considerando uma realidade com conteúdo de verdade ou valor mensurável, mas uma co-construção única e embebida de

novidade. Dessa forma, integrada a esta dimensão imaginativa, Rosa delinea através da imagem os empreendimentos de sua criação prospectiva.

Desse modo, podemos perceber na figura abaixo a primeira produção icônica de Rosa, mobilizada após a condução da pesquisadora para que fosse criado algo pela participante a partir da pergunta: Como você imagina o atendimento? Com a disponibilização do kit *Scrapbook* contendo recursos como: adesivos e folhas, Rosa foi capaz de criar para além do material disponibilizado para ela, e então apresentou sua obra de arte:

Figura 12 - Primeiro *Scrapbook* de Rosa - Caixa de surpresas



Ao ser perguntada sobre sua produção, Rosa diz:

R: “*eu fiz isso aqui que é uma caixa de surpresas que eu botei assim, fiz uma caixinha {Toca na caixinha e me mostra em detalhes}, com algumas coisas que eu imagino que vai ter nesse primeiro encontro*”.

“A imaginação é um processo alimentado pelos sistemas culturais e leva a determinados resultados” (ZITTOUN& GILLESPIE, 2016, p.142). Dessa maneira, a imaginação pode ser inferida com base em produtose vislumbres de externalização e como consequência, a imaginação pode ser observada na criação dos outros. Neste ponto, percebemos a criação imaginativa de Rosa através do *Scrapbook* como um signo icônico, mediado semioticamente, no qual foi possível a Rosa distanciar-se e aproximar-se do contexto concreto, criando condições para a construção imaginativa da caixa de surpresas.

Quando perguntada sobre como se deu a escolha da palavra surpresa, Rosa diz:

R: *Pensei, pensei nas possibilidades que eu acho que pode acontecer... mas eu fiquei pensando muito antes o que eu iria colocar, do que na hora de construir, e ai eu tinha*

pensado em colocar várias palavras e aí depois eu fiquei: Pow, eu não sei....vai ser tudo tão inesperado... eu não sei...Aí me veio: Surpresa...Vai ser exatamente isso, uma caixa de surpresa, que quando eu chegar lá é que vou ver o que vai acontecer , se vou brincar se não vou brincar, se a gente vai conversar, se a gente não vai conversar, não sei, não sei...

Como forma de compreender a dinâmica imaginativa envolvida em Rosa através da produção do *Scrapbook*, foi importante acompanhar as criações realizadas, entendendo-as de maneira a proporcionar uma possibilidade de futuro expressa através da produção icônica, e desse modo é possível ver que a *Surpresa* circunscreveu em forma e movimento esse primeiro momento de imaginar o atendimento. O *Scrapbook* teve o papel de descrever formas imaginativas pelas quais Rosa lida com as tensões e desafios encontrados na situação não vivenciada.

A experiência torna-se, então, organizada por Rosa pela interação concreta e imaginada, através do recurso do *Scrapbook* disponível para ela. A mediação semiótica que embala e envolve Rosa ao manejar esse material, possibilita a ela negociar significados pessoais que são ajustados imaginados de modo à produzir algo criativo e singular a experiência que estava sendo vivenciada. O movimento do presente é tratado por ela como um movimento que se abre e fecha, como um elemento de reencontro entre o conhecido e o desconhecido, tornando o vislumbre do futuro como um produto da vida.

A imagem criada por Rosa através do *Scrapbook*, não é como uma cena fixa, estável e permanente de um momento, funcionando como um congelamento da imaginação, onde através da imagem vista, poderíamos ser capazes de conhecer e expressar a verdade para o conhecimento sobre a experiência concreta dela. A imagem produzida por Rosa através do *Scrapbook* não é uma representação do real momento do atendimento, ela é transformação contínua e semiótica da vida. Nisso, a imaginação é crucial não só para as formas como Rosa age e atua no mundo em que vive; mas também é fundamental para a continuidade da vida pelos processos de construção imaginativa.

A complexidade e a diversidade das possibilidades imaginativas e criativas sugerem que a beleza do *Scrapbook* de Rosa está na relação significativa e intencional dela em um arranjo especial e particular através da criação de uma caixa que se movimenta. A vida imaginativa que constitui a história pessoal de Rosa parece ganhar vida e expressividade, ao invés de ser entendida como uma propriedade privada do interior dela. A criação da caixa em movimento é um ato imaginativo no qual Rosa significa uma experiência antecipada e ao mesmo tempo não conhecida.

O *Scrapbook* de Rosa é pois, a certeza de uma possibilidade semiótica de alcance ao novo, de abertura ao infinito, de compromisso para a novidade que ela irá viver. Por conseguinte, o ato de criar de Rosa é uma experiência de impactação afetiva com o mundo, onde o desconhecido coloca como algo conhecido pelas fronteiras da realidade intersubjetiva através da imaginação.

Nessa direção, a experiência resultante dessa impactação afetiva faz uso da imaginação, ao construir o produto da imagem da caixa de surpresa no *Scrapbook* de Rosa. No quadro abaixo, apontamos - de forma a organizar, algumas categorizações percebidas na entrevista de Rosa e que parecem ser relevantes ao tocante a trajetória dela.

Quadro 2 - Primeiro *Scrapbook* de Rosa

PRODUÇÃO ICÔNICA – PRIMEIRO SCRAPBOOK DE ROSA	
Sentimento	“Será uma lembrança legal”
Local de produção	Sala de estudo do Brincar
Outros	Pedro e estagiárias na sala com ela
Entendimento sobre a experiência	“Normal” – “Gosto dessas coisas”
Materiais utilizados	Adesivos, caixa de papel, hidrocor e tesoura

Na segunda produção do *Scrapbook* de Rosa, que ocorreu após o primeiro atendimento, nota-se que ela utilizou o recurso da colagem através de palavras recortadas de revistas para compor um cenário, por ela criado, que equivale-se ao encontro entre ela e o paciente. Sabendo então que seu paciente não era uma criança, Rosa seleciona palavras do universo imaginado por ela que abrange a vida e o sofrimento enfrentado pelo jovem.

Através dessa apresentação icônica do atendimento, Rosa estava “vendo como” aspectos imaginados sobre o atendimento, e inibindo atos de brincadeira, como outrora lhe era imaginado. Este processo de dar significação a experiência no presente, ainda não vivenciada, é conduzido através do constante diálogo entre a imaginação e a memorização, durante a dinâmica entre o “antes do atendimento” e “após o atendimento”. Esta tensão ante ao não vivido e desconhecido instante futuro exerce uma auto regulação com base em processos

imaginativos de Rosa sobre seu passado e futuro, e tornaram-se icônicos através do *Scrapbook*, a medida que ela criava o cenário.

Pelo "ver-como", foi possível a Rosa superar ao objeto da experiência concreta para o conceito abstrato (*"como eu imagino o próximo atendimento"*), a fim de produzir uma relação significativa entre ela e o *Scrapbook* para aquele momento do presente. As colagens dos nomes ao redor dos bonecos podem ser visto temporariamente como um paciente que irá sentar em sua frente e falar sobre problemas relacionados a ele. Por outro lado, a evocação abstrata feita por Rosa, é fornecida tão somente através da imaginação, com palavras e riqueza da encenação que ela montou, ganhando movimento e vida através do produto criado por ela. "Os seres humanos produzem e reproduzem signos como ações no mundo, a fim de fazer sentido e para gerir incertezas externas e internas através da intencionalidade afetiva, expressiva e criativa" (TATEO, 2015, p. 4)

Para essa segunda produção do *Scrapbook*, Rosa fez duas imagens. A primeira aponta para a situação e o cenário do atendimento com o paciente e com um abrangente universo imaginado por ela do que poderia surgir enquanto conteúdo verbal de psicoterapia a partir do paciente adolescente. E na segunda imagem, Rosa se coloca numa posição em que a imagem e os símbolos denotam sua ambivalência frente a experiência ainda não vivida.

Tem-se pois, um verdadeiro misto entre objetividade e subjetividade de Rosa, que identifica no *Scrapbook* criado, uma contradição característica da ambivalência que perpassa o momento do pré atendimento e o que virá depois. A subjetividade projetada na imagem dela com interrogações, foi construída por meio de signos e pela diversidade de significações imaginadas acerca de si mesma: *"Eu sei que eu vou errar...mas não tenho medo não, acho que tenho medo de errar na hora errada porque uma palavra ela tem um peso, eu sei que eu tenho uma função ali. A partir do momento que eu erro, eu não sei o que pode acontecer pra pessoa"*.

As imagens descrevem um momento ainda não vivenciado, mas a temporalidade da imagem imaginada pode ser compreendida num tempo infinito e irreversível, que perpassa a vida de Rosa, onde errar agora pode impactar o futuro do paciente. Schnitman in Guatarri (1996, p. 122) diz assim: "(...) na criação, a finitude do material sensível converte-se em suporte de uma produção de afetos e perceptos que tenderá a se afastar, cada vez mais, dos marcos e coordenadas preexistentes".

Figura 13 - Segundo *Scrapbook* (a) de Rosa – Atendimento com adolescente



Figura 14 - Segundo *Scrapbook* (b) de Rosa



Ao ser perguntada sobre como foi feita a imagem criada, Rosa diz:

Enquanto eu tava fazendo minha mãe tava do lado, aí ela me viu fazendo, e eu também fiz essa página que é como eu imaginava que eu ficar depois. Na verdade eu só ia fazer essa página, mas quando eu fui passando a revista, algumas palavras me fizeram pensar em como eu imagino que eu vou ficar sabe? Eu tava procurando duas pessoas sentadas, mas eu não achei, eu achei essa daí.

As imagens criadas por Rosa são sinais complexos que criam uma ponte entre o passado e o presente, considerando que “passado e futuro são inseparáveis” (VALSINER,

2014, p. 152). Em cada criação, Rosa organiza, no presente, a profundidade da própria psique ao lidar com a imaginação do futuro, com os sentimentos envolvidos nessa criação e com a profundidade possível através do espaço do atendimento psicoterápico.

Para Rosa, o atendimento se configura como um lugar em que ela se relaciona com a infinidade do seu interior subjetivo com a infinidade dos significados ancorados do meio cultural, e dessa forma, no plano presente, Rosa consegue antecipar as coisas concretas e não concretas, presentes e não presentes através das construções icônicas imaginárias para delinear a sua atuação para o futuro. É através da atuação significativa dentro do ambiente orientado para o futuro, que Rosa reconstrói e significa o espaço psicoterápico.

A construção de situações futuras implica uma variedade de possibilidades, de arranjos, e de construções. O movimento humano é orientado para objetivos futuros, e estes podem ser múltiplos e diversos. O que vemos em Rosa, é seu movimento, sua dinâmica direcionada para o objetivo de se colocar em outro ambiente, outro espaço, outro papel social, diferente da sala da brinquedoteca, diferente do recurso da brincadeira, como antes lhe parecia ser o que ela iria experimentar. Essa reorganização, esse movimento de adaptação em novas situações, permite Rosa se organizar pela via da construção imaginativa do futuro. Rosa diz: “Eu sai cortando um monte de palavra das revistas que enfim...de qualquer coisa...tinha os títulos lá da revista e eu saí tirando: frustração, incerteza, família, frustração, futuro...Tipo, palavras aleatórias”.

Percebe-se, assim, a forma que Rosa hierarquiza a experiência afetiva intensa e imaginada, de modo que a caracteriza pela vontade e necessidade de apresentar palavras mediadas pelo signo “atendimento”; e os outros elementos de conflitos e soluções integram um campo afetivo-semiótico ambivalente, no qual Rosa aponta como bom e ao mesmo tempo desafiador: incerteza, frustração, *bullying*, crise.

Pela potencialidade da manipulação e uso contínuo dos signos, Rosa introduz na própria vida, ações orientadas no sentido de regular e dirigir a direcionalidade da experiência para algum caminho no futuro. Dessa forma, as palavras recortadas funcionam como uma organização subjetiva das ações que Rosa se dedica a desenvolver frente a antecipação do atendimento que virá. Como disse Valsiner (2014, p. 370) “seres humanos agem e sentem para o futuro”, e nessa direção John Dewey assim expressou este sentimento:

A predição imaginativa do futuro é a qualidade do comportamento que, sendo precursora, torna-se disponível para orientação no presente. O devaneio, o sonho e a realização estética do que não é realizado na prática

são desdobramentos deste traço prático; ou ainda, a inteligência prática é uma fantasia corrigida (DEWEY, 1910, p. 13).

A capacidade humana é de sentir o mundo prospectivamente e a imaginação se funda nos princípios básicos da vida afetiva do sujeito a medida em que esta é semioticamente organizada e, portanto, ordena e orquestra a experiência no presente. Nesse sentido, através do *Scrapbook*, Rosa apresenta o resultado da atividade imaginativa através de uma construção em que lhe torna autora e criadora, tanto com a criação imagética e afetiva, como também no âmbito da criação do objeto icônico, cultural e histórico. Freire (1983, p.32) contribui com essa atividade quando afirma que “em todo o ser humano existe um ímpeto criador. O ímpeto de criar nasce da inconclusão do ser humano”.

No quadro abaixo, segue as categorias conforme a entrevista de Rosa sobre sua segunda produção imaginativa - criativa através do *Scrapbook*:

Quadro 3 - Segundo *Scrapbook* de Rosa

PRODUÇÃO ICÔNICA – SEGUNDO <i>SCRAPBOOK</i> DE ROSA	
Sentimento	“Nervosa por revelar conteúdos da sessão dele”
Local de produção	Casa de Rosa
Outros	Com a presença da mãe
Entendimento sobre a experiência	“Não tem como eu imaginar a próxima sessão sem pensar nos conteúdos sigilosos da vida dele”
Materiais utilizados	Revistas, tesoura e cola

Na terceira criação do *Scrapbook* de Rosa, após o segundo atendimento psicoterápico, notou-se a diminuição do recurso linguístico para uma produção onde o ícone da interrogação tornou-se a imagem mais sensível de seu momento. Sem colagens, sem palavras, Rosa diz: “*Eu só fiz isso aqui, que é uma grande interrogação porque eu não sei*”. A imaginação em Rosa teve a qualidade de unificar, através da imagem, a interrogação em um sentido novo, um sentido que perpassa um campo semiótico de afetação, transformando à singularidade do *Scrapbook* de Rosa, que externaliza um mundo imaginário, tenso, criador, ambivalente, significado e semioticamente afetado.

A tensão e a ambivalência na imagem produzida por Rosa são a condição base para a construção imagética de sua própria experiência. É uma forma de estruturar e reconstruir seu mundo para dominar a incerteza da vida (TATEO, 2015a, 2017). Nesse processo, há "um distanciamento progressivo dos sentidos através da criação de imagens que permitem a construção de conceitos abstratos" (TATEO, 2015a, p.34). Nisso, a imaginação é uma forma de conhecimento humano, indiscutivelmente poderosa na abertura prospectiva ao infinito, em que sua atividade imaginativa torna-se uma maneira de desenvolver construções de significados que organizam o futuro, através das produções icônicas.

Figura 15 - Terceiro *Scrapbook* de Rosa – “Não sei”



Ao ser perguntada sobre sua produção através do *Scrapbook*, Rosa diz:

*Eu não sei como ele vai vir, o que ele vai falar... Porque eu fiquei sem saber mais o que fazer, pensei em colocar duas pessoas de novo e várias palavras, mas não... **Eu não sei mesmo o que vai ser. Eu só sei que eu vou escutar o que ele me trazer, não sei o que, mas quero só ouvir o novo.***

A imagem da interrogação grande, ocupando todo o espaço do seu papel, e a ênfase nas diversas cores com a evidência de uma mensagem: “Não sei”, move-nos a perceber uma experiência de afetivo indizível, mas que está presente no campo da experiência. A partir do *Scrapbook* de Rosa, conseguimos “ver como” uma imagem que se relaciona de forma subjetiva com a condição de experiência futura, dando margem ao absoluto possível que pode acontecer. Rosa vê de forma particular e de forma especial, assim, cria uma imagem para contornar os aspectos afetivos que carrega acerca do não conhecido.

Valsiner (2014) propõe as experiências de sublime na vida humana como aquelas em que há uma borda afetiva entre o mundano e o belo, com o objetivo de compreender a dinâmica semiótica que os sujeitos produzem através dos signos compartilhados e organizados. A experiência do sublime é então, uma tensão entre opostos, que cria uma

generalidade para o futuro. Desse modo, o *Scrapbook* criado por Rosa expressa seu olhar único; sua impactação afetiva, uma construção não verbal, que traz uma imagem criativa, traz contextos significativos que se transformam em um signo regulador do futuro, revelando uma situação imaginada, criada para ela.

Eu pensei em colocar num papel colorido, mas depois achei melhor no branco, pra enfatizar mais que eu não imagino nada, só quero ir aberta para escutá-lo do que ele tiver pra trazer.

O *Scrapbook* de Rosa não é apenas uma expressão de seus sentimentos sobre o atendimento não vivenciado, mas é também uma intervenção transformadora no momento presente que ela se encontra. A criação feita por ela, é compreendida como um esforço em que as prospecções são em função de um futuro imaginado e antecipado. O *Scrapbook* é um objeto simbólico, que possibilitou a Rosa a articulação dos elementos visuais, verbais e icônicos, na construção de um recurso cheio de sentido. Um sentido que se alia aos afetos de Rosa em relação a uma experiência no mundo ainda não experimentada, mas que ela é capaz de comunicar com sua imagem. “A imaginação se encanta com a imagem. A imagem preenche o desejo humano e representa uma emergência da imaginação” (BACHELARD 2006, p. 98).

Assim, os processos imaginativos são compreendidos como uma função psicológica superior fundamental à retomada da dimensão afetiva da experiência humana. A imaginação permite uma passagem misteriosa ao infinito e não uma descoberta real do mundo, ela é uma construção semiótica da vida, que se relaciona aos contextos históricos e culturais que constitui a vida dos sujeitos.

No quadro abaixo, apontamos as categorias que envolveram a construção desse último *Scrapbook* de Rosa:

Quadro 4 - Terceiro *Scrapbook* de Rosa

RODUÇÃO ICÔNICA – TERCEIRO SCRAPBOOK DE ROSA	
Sentimento	Dúvida
Local de produção	Casa de rosa
Outros	Mostrou a Pedro depois de feito
Entendimento sobre a experiência	“Estou no conflito para não expor a vida do paciente”
Materiais utilizados	Hidrocores coloridos

9 CONCLUSÕES

Em nosso estudo, definimos o conjunto de experiências sobre estágio, especialmente o ato de atender psicoterapeuticamente, como um contexto fundamental de investigação científica e nos comprometemos em investigar como se dá os processos imaginativos de uma estagiária sobre a experiência de intervenção em psicologia clínica. Consideramos essa experiência afetiva e cognitiva, amparada historicamente e culturalmente em um tempo inacabado.

A elaboração de conhecimento dessa pesquisa qualitativa foi através de um estudo de caso, na perspectiva que fundamentou-se na Psicologia Cultural Semiótica. Para esse trabalho, concebemos que a construção dos conhecimentos vale-se de uma relação dialógica, ativa e intuitiva entre a pesquisadora e a participante. Então, desde o processo de escolha do tema, de escolhas metodológicas e analíticas, o olhar é de contribuição a partir da relação significativa entre os pares que existem na pesquisa.

Para a compreensão da imaginação, utilizamos os princípios teóricos da Dinâmica imaginativa proposta por Tateo (2017). Tal proposta serviu de guia para construção de nosso estudo, uma vez que foi preponderante a desafiada imaginação como função mental superior e a integração desta noção no campo da experiência semiótica de estagiar através dos conceitos de *Gegenstand*, *Direcionalidade* e *Resistência*. Desta forma, a proposta do estudo da imaginação é rica, é especial, e tem potencial no que se refere a compreensão da relação sujeito e cultura.

A análise revelou que Rosa, ao experimentar o “ver-como” – sendo este um recurso utilizado por ela para se relacionar com o mundo de maneira que a ação que ela direcionou sobre os objetos teve relação com a forma dinâmica que eles responderam a ela – contou com sua imaginação como forma de conhecimento da vida e importante na amplificação prospectiva de suas ações, no qual ela pode distanciar-se da experiência concreta atual, ao mesmo tempo em que criou possibilidades diversas para suas atuações no mundo.

A análise mostra que a relação de Rosa com o ambiente não é de causa e efeito, mas de co-construção e participação direta, onde lidar com o concreto e abstrato na sua imaginação apresentou-se como um processo de auto-regulação, que orientou sua experiência de estágio. Além do que, enfatizamos que as dúvidas, incertezas, hesitações e ambivalências de Rosa, são absolutamente necessárias ao desenvolvimento dela, na qual implicou na emergência de processos imaginativos, tanto pela via linguística como icônica.

As noções desenvolvidas ao longo deste estudo, apoiando-se na Psicologia Cultural, permitiu explicar a relevância para os demais estudos sobre a condição de estágio e lançar luz sobre possíveis vias de novas investigações sobre a imaginação. Entende-se que os sujeitos dão sentido as experiências no presente através da manipulação e construção de signos, que participam constantemente das experiências semióticas. É nessa interioridade dinâmica que os registros intersubjetivos são organizados e se tornam reguladores de toda ação intencionalizada ao futuro. Logo, compreender a experiência de estágio para Rosa nos proporcionou percebê-la como construtora enérgica de seus próprios fenômenos psicológicos.

Trazendo a lupa investigativa para o estudo do não conhecido, para o estudo do futuro e como as pessoas podem lidar com os eventos que se desenvolvem no presente, apontamos a importância para os objetos significados, que não necessariamente existem na realidade perceptual. Foi através da imaginação que Rosa pode criar e recriar o novo, pelas possibilidades de ações frente ao seu paciente. Nesse sentido, o “ver-como” tem o domínio de ampliar, estender novas realidades, e permitir o esforço em novos empreendimentos de significação.

Entendemos então, que a Psicologia Cultural se preconiza através do desenvolvimento de uma teoria que inclui os estudos tanto das coisas concretas, como das coisas e objetos possíveis e abstratos, e que estão imbricados nos diversos fenômenos psicológicos no tocante à vida. Desse modo, notamos que a imaginação é uma maneira fundamental de trazer novidade e transformação, novas perspectivas, ideias ou modos de agir, que abrem caminhos no mundo através de criação, da estética, das ações auto-reguladas, com singularidade e beleza.

Seguindo esta direção, outro ponto relevante e que será ressaltado é o nosso reconhecimento de como a experiência de estágio é complexa, pois o que resulta da percepção sensorial não são apenas imagens e produções concretas de Rosa sobre a experiência de estágio, mas os objetos significados (GG) e imaginados por ela, passíveis de inúmeras interpretações e reelaborações semióticas, onde a imaginação funciona como uma extensão da experiência. De modo que a construção de significados em Rosa se faz quando ela está envolvida imaginativamente na relação com o mundo, por um conjunto semiótico, mediado de tensões e afetos, que lhe conduz continuamente no entrelace entre passado, presente e futuro.

A escolha da criação de uma metodologia com a utilização do *Scrapbook* e das entrevistas, onde Rosa pode refletir sobre suas ações acerca do atendimento ainda não realizado, demonstrou ser muito produtivo em termos dos indicadores construídos. Foi possível ver a dinâmica envolvida nos processos imaginativos no tocante as resistências,

direcionalidades e vetores de ação. Nesse sentido, a interpretação do simbólico implícito nas imagens do *Scrapbook* de Rosa, foi compreendida a partir de um olhar sensível ao icônico, onde o seu poder significativo revelou a atitude da pesquisadora em relação as produçõesfeitas. A percepção do *Scrapbook* e sua criação não se limitaram a um ato mecânico, contudo, a forma percebida e sua criação mapearam um produto da imaginaçãode acordo com as vivências históricas e culturais experimentadas por Rosa e pela pesquisadora.

Embora o foco de nossa pesquisa tenha sido outro, vislumbramos uma possibilidade de estudo que contemple um Modelo de Dinâmica Imaginativa que inclua o passado, tendo em vista que o processo de recordar é uma construção de significados que envolvem uma imaginação do passadoque está relacionado às afetaçõessemióticas e culturais no dia a dia dos sujeitos. Entender como o passado é imaginado pode produzir aspectosimportantes na interdependência desses dois processos cognitivos tão fundamentais – imaginação e memória. Pois, vimos em Rosa que a recordação do passado lhe permitiu um processo de regulação das ações no presente e no futuro. Com isso, é sabido que a mente humana se esforça para a construção de um mundo inteligível no qual pode agir, criar, produzir, refazer, diferindo de uma máquina que corresponde mecanicamente aos inputs (WAGONER,2012).

Dessa forma, desejamos que esse estudo de caso possa ter contribuído com as possibilidades de pensarmos a existência de uma unicidade nos processos de experimentação da vida, onde a imaginação rodeia a potencialidade humana de lidar com o não conhecido. A forma complexa que cada indivíduo lida e regula suas ações futuras,sãoconstituídos pelos significados que vão regendo imaginativamente a vida, e as ações dirigidas para a construção do futuro incerto são norteadores do momento presente.

Olhar o futuro pelo “ver-como”,revela que o ser humano é um sujeito intencional, ativo e coparticipante da cultura e da sua história. Um sujeito queatua de forma a articular e regular ações no presente através das direcionalidades no tempo,que é sempre novo e incomparável. É, portanto, enquanto uma escrita prematura, uma escrita inicial a estes temas, que o presente estudo é concebido, na expectativa de promover respostas amplas e a continuidade do desenvolvimento de novas pesquisas sobre o poder peculiar da imaginação enquanto função mental superior.

REFERÊNCIAS

- ABBEY, E., & VALSINER, J. **Emergence of meanings through ambivalence**. [versão electrónica]. Forum Qualitative Sozialforschung/Forum: Qualitative Social Research, 6(1), 114-121, 2005.
- ABBEY, E. Perceptual uncertainty of cultural life: becoming reality. In: VALSINER, J.; ROSA, A. R. (Orgs.). **Handbook of sociocultural psychology**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.
- AMORIM, K. S. Processos de Significação no Primeiro Ano de Vida. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, Jan-Mar, Vol. 28 n. 1, 2012. pp. 45-53
- AWAD, S.& WAGGONER, B. & GLAVEANU, V. A arte (da rua) da resistência. In N. Chaudhary, P. Hviid, G. Marsico e J. Villadsen (Eds.). **Resistência na Vida Cotidiana: Construindo Experiências Culturais**(pp. 161-180). Springer, 2017.
- BACHELARD, G. **A epistemologia**. Lisboa: Edições 70, 2006.
- BRANCO, A. U., & VALSINER, J. **Cultural psychology of human values**. Charlotte, NC: Information Age Publishing Inc. 2012.
- BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**, Câmara dos Deputados, Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990. DOU de 16/07/1990 – ECA. Brasília, DF.
- BUCKLER, P. & LEEPER, K. ‘An Antebellum Woman’s *Scrapbook* as Autobiographical Composition’, **Journal of American Culture**, 14(1): 1–8, 1991.
- COLE, M. **Culture and cognitive development: from cross-cultural research to creating systems of cultural mediation**. Culture & Psychology, 1(1), 25-54, 1995.
- CORNEJO, C. **Searching for the microcosm: A glimpse into the roots of Vygotsky’s holism**. History of the Human Sciences. Vol. 28(2) 72–92, 2015.
- CORNEJO, C. From fantasy to imagination: a cultural history and a moral for psychology. In B. Wagoner, I. Bresco and S. H. Awad (Eds.). **Psychology of Imagination**. Vol 3. Cultural Psychology. Charlotte, NC: Information Age Publishers, 2016.
- CUNHA, W. **A crítica de Vico ao racionalismo cartesiano e ao despreço à ciência histórica**. Kínesis, Vol. VII, nº 15, p.29-40. Dezembro, 2015.
- CURY, B. & NETO, J. Do Currículo Mínimo às Diretrizes Curriculares: os estágios na formação do psicólogo. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 20, n. 3, p. 494-512 Dez. 2014.
- CRAPANZANO, V. **Imaginative Horizons**. Chicago: University of Chicago Press, 2004.
- CHRISTENSEN, D. “Look at Us Now!”: *Scrapbooking*, Regimes of Value, and the Risks of (Auto)Ethnograph. **The Journal of American Folklore**, 124 (493), 2011.

CHAUDHARY, N. & HVIID, P. & MARSICO, G. & VILLADSEN, J. **Resistance in Everyday Life**. Springer Nature Singapore Ltd. 2017

DEWEY, John. **The influence of Darwin on Philosophy and other essays in contemporary thought**. New York: Henry Holt and Company, 1910.

DISQUE 100. **Balanco geral**. <Disponível em <http://www.mdh.gov.br/informacao-aocidadao/ouvidoria/dados-disque-100/balanco-geral-2011-a-2017.xlsx/view>> Acesso em 26 de Setembro de 2017.

FREIRE, P. **Educação e mudança**. Tradução de Moacir Gadotti e Liliam Lopes Martins. Rio de Janeiro: paz e terra, 1983.

GUATARI, F. O novo paradigma estético. In: Schnitman DF, Littlejohn S, organizadores. **Novos paradigmas, cultura e subjetividade**. Porto Alegre: Artes Médicas; 1996.

GIRARDELLO, G. Imaginação: arte e ciência na infância. **Pro-posições [online]**, vol.22, n.2, pp.72-92, 2011.

GÓES, M. A formação do indivíduo nas relações sociais: Contribuições teóricas de Lev Vigotski e Pierre Janet. **Educação & Sociedade**, ano XXI, nº 71, Julho, 2000.

HOF, K. Something you can actually pick up *Scrapbooking* as a form and forum of cultural citizenship. **European journal of Cultural Studies**:Sage. Vol 9(3) 363–384; 1367-5494, 2015.

INKSON, K. & GUNZ, H. & GANESH, S. & ROPER, J. **Boundaryless Careers: Bringing Back Boundaries**. London: Sage. 33(3) 323–340, 2012.

KRESS, G. **Multimodality: a social semiotic approach to contemporary communication**. New York: Routledge, 2010.

LATOUR, B. & WOOLGAR, S. **Laboratory Life: ‘The Social Construction of Scientific Facts**. London: Sage. 1986.

LAPOUJADE, M. **Homo Imaginans**, México: Benemérita Universidad Autónoma de Puebla, 2014.

LYRA, M.C.D.P. & VALSINER, J. Historicity in development: Abbreviation in mother-infant communication - volume 34(2). **Infancia y Aprendizaje** (Ed. Impresa), v. 34, p. 195-203, 2011.

MAGARIÑOS, J. **Os fundamentos lógicos da semiótica e sua prática**. Buenos Aires: Edicial, 1996.

MARSICO, M. & URSINO, C. & GLOAG, R. & REBOREDA, J. A novel method of rejection of brood parasitic eggs reduces parasitism intensity in a cowbird host. ResearchGate, **Article in Biology letters**. March, 2013.

MARTINS, C, G & JORGE, M. Abuso sexual na infância e adolescência: perfil das vítimas e agressores em município do sul do Brasil. **Texto & Contexto - Enfermagem**, 19(2), 246-255, 2010.

MILANESI, Irton. Estágio supervisionado: concepções e práticas em ambientes escolares. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, n. 46, p. 209-227, out./dez. 2012.

MOUTINHO & DE CONTI. (submetido). “Como vou aprender a ser psicóloga”: estágio em Psicologia Clínica.

PALMIERI, M. & BRANCO, A. Cooperação, Competição e Individualismo em uma Perspectiva Sócio-cultural Construtivista. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 17(2), pp.189-198, 2004.

PELAPRAT E, COLE M. “Minding the gap”: imagination, creativity and human cognition. **Integr Psychol Behav Sci** 45: 397-418, 2011.

PIERCE, C.S. “On the nature of signs” In C.J.W. Kloesel (Ed), *Writings of C.S. Pierce: a Chronological Edition*. Vol. 3. Bloomington, In: Indian University Press. pp. 66-68 [Originally published in 1873]. In Valsiner, J. (2012) **Fundamentos da Psicologia Cultural. Mundos da mente, mundos da vida**. Trad. A.C.S. Bastos. Porto Alegre: Artmed, 1986.

ROSA, A. & TRAVIESO D. Del tiempo del reloj al tiempo de la accion. **Estudios de Psicologia**, 23, 7-15, 2002.

SATO. T., HIDAKA, T., & FUKUDA, M. Depicting the Dynamics of Living the Life: The Trajectory Equifinality Model. In Valsiner, (eds.). **Dynamic Process Methodology in the Social and Developmental Sciences**. Springer, 2009.

SATO, T. & VALSINER, J. Time in life and life in time. **Ritsumeikan Journal of Human Science**. 20, 79-92, 2010.

SCRAPBOOKING. **Suprimentos e inspiração**. <Disponível em <https://www.Scrapbooking.com/>>. Acesso em 15 Julho de 2017.

SEPPER, D. **Understanding imagination: the reason of images**. Springer Science and Business Media, 2013.

TATEO, L. **Giambattista Vico and the principles of cultural psychology a programmatic retrospective**. History of the Human Sciences, 2015a.

TATEO, L. Just an Illusion? Imagination as Higher Mental Function. **Psychology & Psychotherapy**, 2015b.

TATEO, L. Tensegrity as existential condition: the inherent ambivalence of development. In I. Albert, E. Abbey, & J. Valsiner (Eds). **Cultural psychology of transgenerational family relations: Investigating ambivalences**. Charlotte: Information Age Publications, 2015c.

TATEO, L. The psychological imagination. Publication: **Journal article**, 229-233, 2016a.

TATEO, L. Toward a cogenetic cultural psychology. **Culture & Psychology**. Vol. 22(3) 433–447, 2016b.

TATEO, L. Giambattista Vico and the New Psychological Science. New Brunswick and London: **Transaction Publishers**, 2016c.

TATEO, L. Poetic destroyers. Vico, Emerson and the aesthetic dimension of experiencing. **Culture & Psychology**. 1–19. Sage, 2017a.

TATEO, L. Seeing Imagination as Resistance and Resistance as Imagination. **Springer Nature Singapore Pte Ltd**, 2017b.

TONET, I. As tarefas dos intelectuais. In: **Novos Rumos**, n. 29, 2005.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO. **O departamento**. Disponível em: <https://www3.ufpe.br/depsi/index.php?option=com_content&view=article&id=280&Itemid=216>. Acesso em: 12 Outubro 2016.

VALSINER, J. **Irreversibility of time and the construction of historical developmental psychology**. *Mind, Culture, and Activity*, 1, 2-25, 1994.

VALSINER, J. **The Guided Mind**. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1998.

VALSINER, J. **Culture and Human Development**. London: Sage Publications, 2000.

VALSINER, J. **Process structure of semiotic mediation in human development**. *Human Development*, 44: 84-97, 2001.

VALSINER, J. Irreversibility of time and ontopotentiality of signs. **Estudios de Psicologia**, 23(1), 49-59, 2002.

VALSINER, J. **The promoter sign**: developmental transformation within the structure of dialogical self (Paper presented at the Biennial Meeting of the International Society for the Study of behavioral Development, July 12, at the Symposium Development Spect s of Dialogical Self (Hubert Hermans, convener), 2004.

VALSINER, J. **Civility of Basic Distrust**: A cultural-psychological view on persons- in-society. Paper that should have been presented at the “Symposium on Risk, Trust and Civility”, Toronto, Victoria College. May 6-8, 2005.

VALSINER, J. Developmental epistemology and implications for methodology. In W. Damon, & R. Lerner (Eds.), **Handbook of Child Psychology** (pp. 166-208, R.M Lerner Vol. Ed., Vol. 1 Theoretical Modes of Human Development), 2006.

VALSINER, J. **Culture in minds and societies**. Foundations of Cultural Psychology, Sage Publications, 2007a.

VALSINER, J. **Personal culture and conduct of value**. **Journal of Social, Evolutionary, and Cultural Psychology**. 1 (2): 59-65. Disponível em <www.jsecjournal.com> Acessado em 20/09/16, 2007b.

VALSINER, J. **Culture within development**: similarities behind differences. Paper at Da Xia Forum Lecture. Shanghai, China, 2008.

VALSINER, J. Constructing the vanish present between the future and the past. **Infancia y Aprendizaje**, 34, 2, 141-150, 2009.

VALSINER, J. Sequence-structure analysis study of serial order within unique sequences of psychological phenomena. In Valsiner, J. (ed.) **The individual subject and scientific psychology**. New York: Plenum. In Toomela, A. & Valsiner, J. 2010.

VALSINER, J. **Fundamentos da Psicologia Cultural: Mundos da mente, mundos da vida**. A.C.S. Bastos (trad.) Porto Alegre: Artmed, 2012.

VALSINER, J. & ROSA, A. **The Cambridge Handbook of Sociocultural Psychology**. Cambridge University Press, 2007c.

VALSINER, J. **An invitation to cultural psychology**. London: Sage, 2014

VYGOTSKY, L. S. **O desenvolvimento psicológico na infância**. São Paulo: Martins Fontes, 1998a.

VYGOTSKY, L. S. **Psicologia da arte**. (P. Bezerra, Trad.). São Paulo: Martins Fontes, 1998b.

VYGOTSKY, L.S. Imagination and creativity in childhood. In: **Soviet Psychology**, v. 28, 1930.

VYGOTSKY, L.S. **A construção do pensamento e da linguagem**. Trad. Paulo Bezerra. 2.ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

VICO, G. **The New Science of Giambattista Vico** (Revised Translation of the 3rd ed. by T. G. Bergin & M. H. Fisch). Ithaca, NY: Cornell University Press, 1744/1984.

ZANELLA, A., ALICE C., DENISE, M. , KÁTIA, F., SILVIA Z. Movimento de objetivação e subjetivação mediado pela criação artística. **Psico-USF**, 10(2), 191-199, 2005.

ZITTOUN, T. **Symbolic resources and responsibility in transitions** [Versão eletrônica]. *Young*, 15, 193 -211, 2007.

ZITTOUN, T. Editorial introduction: Transitions in the process of education. [Versão eletrônica]. **European Journal of Psychology of Education**, 23(2), 121-130, 2008.

ZITTOUN, T. Dynamics of life-course transitions: a methodological reflection. In J. Valsiner, P. Molenaar, M. Lyra, & N. Chaudhary (Orgs.), *Dynamic process methodology and the social and developmental sciences* (pp. 405 -429). New York: **Springer**, 2009.

ZITTOUN, T., VALSINER, J., VEDELER, K., SALGADO, J., GONÇALVES, M., & FERRING, D. **Melodies of living: Developmental science of the human life course**. Cambridge: **Cambridge University Press**, 2011.

ZITTOUN, T., AVELING, E-L., GILLESPIE, A., & CORNISH, F. People in transitions in worlds in transition: ambivalence in the transition to womanhood during World War II. In A. C. Bastos, K. Uriko, & J. Valsiner (Eds.). **Cultural dynamics of women's lives** (pp. 59-78). Charlotte, NC: Information Age Publishing, 2012.

ZITTOUN, T. & CERCHIA, F. **Imagination as expansion of experience. Integrative Psychological Science**. Cham (Suíça), 2013.

ZITTOUN, T. & GUILLESPE, A. **Imagination in human and cultural development**. London: Routledge, 2016.

WAGONER, B. Culture in constructive remembering. In Valsiner, J. (Ed.). **Oxford handbook of culture and psychology** (pp. 1034–1055). Oxford, UK: Oxford University Press, 2012.

WAGONER, B., GILLESPIE, A., VALSINER, J., ZITTOUN, T., SALGADO, J., & SIMAO, L. M. Repairing ruptures: Multivocality of analyses. In M. Märtsin, B. Wagoner, E.-L. Aveling, I. Kadianiki, & L. Whittaker (Eds.). **Dialogicality in focus: Challenges to theory, method and application** (pp. 105–127). Hauppauge: Nova, 2011.

WILLS, A. 'Mourning Becomes Hers: Women, Tradition, and Memory Albums', *Religion and American Culture: A Journal of Interpretation* 20(1): 93–121, 2010.

WITTGENSTEIN, L. **Philosophical investigations**, Tr. G.E.M, Anscombe, (2nd ed.). Oxford: Blackwell, 1958.

APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Universidade Federal de Pernambuco UFPE
Programa de pós-graduação e mestrado em Psicologia Cognitiva

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

(PARA MAIORES DE 18 ANOS OU EMANCIPADOS - Resolução 466/12)

Convidamos o (a) Sr. (a) para participar como voluntário (a) da pesquisa: Processos imaginativos em situação de intervenção por estudantes em estágio, que está sob a responsabilidade do (a) pesquisador (a) Taciana Feitosa De Melo, residente na Avenida Domingos Ferreira, 2300, CEP: 21020030, tel: (81) 996067161 e de email: taciafeitosahotmail.com. E está sob a orientação de Ana Karina Moutinho Lima, telefone: (81) 996072547, e-mail karinamoutinho@gmail.com.

Caso este Termo de Consentimento contenha informações que não lhe sejam compreensíveis, as dúvidas podem ser tiradas com a pessoa que está lhe entrevistando e apenas ao final, quando todos os esclarecimentos forem dados, caso concorde com a realização do estudo pedimos que rubrique as folhas e assine ao final deste documento, que está em duas vias, uma via lhe será entregue e a outra ficará com o pesquisador responsável.

Caso não concorde, não haverá penalização, bem como será possível retirar o consentimento a qualquer momento, também sem nenhuma penalidade.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

Essa pesquisa buscará investigar como processos imaginativos são desenvolvidos ao longo do tempo por estudantes da graduação em psicologia de universidade pública federal brasileira em relação à situação de intervenção profissional supervisionada de caráter psicoterápico. Para tanto, consideraremos a experiência narrada de um/uma estudante de psicologia sobre a situação de estágio para realização dos primeiros atendimentos psicoterápicos supervisionados em instituição de acolhimento pessoas em situação de violência. É importante deixar claro que os benefícios dessa pesquisa são inúmeros, desde o enriquecimento da área da psicologia sobre o assunto pesquisado, bem como, a contribuição com informações importantes acerca da experiência de estágio. Os riscos são de constrangimento por parte do estudante em responder as perguntas ou desconfortos por relatar suas expectativas. O objetivo da pesquisa é investigar como processos imaginativos são desenvolvidos por estudantes da graduação em psicologia de universidade pública brasileira, em experiência de intervenção psicoterápica em estágio supervisionado. O procedimento será realizado por meio de três entrevistas semiestruturadas, em encontros distintos, entre você e a pesquisadora, que serão gravados em aparelhos de celular com gravador. Você pode requerer informações, acerca deste estudo, em qualquer fase da sua execução. Em nenhum momento você será identificado, sendo preservando seu anonimato.

**APÊNDICE B – ENTREVISTAS ABERTAS E SEMIESTRUTURADAS DA
PARTICIPANTE ROSA**

Entrevista 1

Idade: 25 anos

Data de nasc: 22/08/91

Raça/Etnia: Parda

Estado Civil: Solteira

Reside: Com a mãe e o pai

Condição de estágio: Obrigatório

Religião: Não tem

Quanto tempo para cumprir de estágio: 1 ano

Local da entrevista: Universidade Federal De Pernambuco – UFPE (CFCH)

Duração da entrevista: 48 minutos

Data da entrevista: 06/03/2017

T: Me fala sobre tua caminhada acadêmica.

T: Como foi sua escolha pelo curso de Psicologia?

T: Você já fez cursos fora do espaço da Universidade que você avalia importantes para essa experiência de estágio que virá?

T: Atualmente, qual o grupo de estudo que você participa?

T: Alguem te inspira nessa área acadêmica?

T: Você considera que alguma preparação tem sido importante para o estágio?

T: Você já teve supervisão ou orientação acerca do estágio?

T: Como foi tua escolha para estagiar nesta Instituição?

T: Como você conheceu a Instituição?

T: Como foi a seleção para você estagiar lá?

T: Você teve algum desafio?

T: Você teve experiências anteriores com atendimento de caráter clínico/psicoterápico?

T: Você conversou com alguém para saber sobre esse novo estágio?

T: O que é o BRINCAR pra você?

T: Você tem hobbies?

T: Como você imagina que será o atendimento?

T: Como você se sente?

T: Como você imagina sua vida depois do estágio?

T: O que você considera que mudou?

T: O que você acha que as pessoas imaginam sobre esse seu momento de estágio?

T: Qual a rotina de estágio no Brincar?

T: Você pensa sobre seu futuro profissional?

T: Como é pra você estagiar numa Instituição que lida com atendimentos sobre violência?

T: Como você imagina a organização do atendimento?

T: Como você imagina que o paciente fará no atendimento?

T: Você espera algo desse atendimento?

T: Como você imagina que fará a apresentação no primeiro encontro com o paciente?

T: O que você pensa sobre violência sexual?

T: Como você imagina que a Psicanálise vai estar presente teoricamente nesse período de estágio?

T: Você tem alguma orientação quanto ao tempo de atendimento?

T: Qual teu sentimento para o atendimento?

Entrevista 2

T: Como foi o seu primeiro atendimento?

T: Como você conduziu a sessão?

T: Foi como você imaginava?

T: Algo te surpreendeu?

T: Você imaginava que era um caso de quê?

T: Como você percebe a tua escuta durante o atendimento?

T: Você lembrou de algo durante a sessão?

T: Como você imagina que será o próximo atendimento?

T: Você acha que foi um discurso pronto?

T: O que você imagina que pode acontecer no próximo atendimento?

T: Você conversou com alguém sobre o atendimento?

T: Você conversou depois com Pedro e as meninas sobre o atendimento?

T: Você levou algum objeto para o atendimento?

T: Como você vai se preparar para o próximo atendimento?

T: Você atribui algo a esse atendimento?

T: Porque você pensou na histeria?

T: Como você imagina que ele vai lidar com a terapia?

T: E na supervisão, como tu imagina que será?

T: Como você imagina que teu supervisor faria nesse atendimento?

T: Você gostaria de atender outro paciente?

T: Tem alguma orientação sobre o local de sentar?

T: Você entrou na sala antes de atender?

T: Como você se avalia?

Entrevista 3

T: Como foi o segundo atendimento?

T: Como foi pra você?

T: Porque você achou que se perdeu no primeiro atendimento?

T: E porque você acha que não interrompeu?

T: Como tu se percebeu no atendimento?

T: Mudou alguma coisa ao longo dessas sessões?

T: Que palavras você pensou durante o atendimento?

T: Qual sentimento você atribuiria para você sobre esse atendimento?

T: Como você imagina ele daqui pro final da terapia?

T: O que você aprendeu?

T: Como você procedeu nesse atendimento?

T: Que aprendizado te marcou?

T: Você imaginava esse atendimento assim?

T: E daqui pra frente?

T: Quando acabar o estágio, o que você imagina pra você?

T: Como foi viver essa etapa de atendimentos com contato psicoterápico na condição de estágio?

T: O atendimento te conduziu a pesquisar algo fora?

T: Teve algo mais desafiador?

T: Você conversa com alguém sobre o estágio?

T: Como tu imagina que a equipe do brincar te percebe?

T: Como você se imagina daqui a 10 anos?

T: O que muda na vida de um estagiário a partir da vivência do estágio?

T: Você pensa muito no atendimento fora da Instituição?

T: Você faz registro dos atendimentos?

Entrevista 1 – Com *Scrapbook*

T: Me mostra o que construiu nesse *Scrapbook*?

T: Me fala sobre essas palavras aqui em volta da caixa.

T: O que significa essas flores no canto ?

T: Como foi construir essa caixa?

T: Como foi fazer o *Scrapbook*?

T: Você conseguiu pensar sobre o atendimento?

T: Onde você fez o *Scrapbook*?

T: Então você pensou como construir o *Scrapbook* antes de começar a fazê-lo?

T: Você conversou com alguém?

T: O que você sentiu ao fazer?

T: E o que você achou sobre o que sua amiga falou de escrever um texto sobre como será essa atendimento?

T: O que esse *Scrapbook* significa nesse momento pra você?

Entrevista 2 – Com *Scrapbook*

T: Você pode me mostrar o que você fez em seu *Scrapbook*?

T: E como surgiram essas palavras?

T: Porque você colocou a palavra jovem?

T: Onde você fez o *Scrapbook* ?

T: Você mostrou para alguém ?

T: E como surgiram essas palavras nessa nova página ?

T: E a palavra novidade ?

T: A palavra soluções ?

T: Você acha que pode errar no atendimento ?

T: Você acha que já errou em algum momento do estágio ?

T: O que seria errar?

T: E a palavra habilidade?

T: Me explica essa colagem da primeira página.

T: Como você se sentiu ao fazer o *Scrapbook*?

Entrevista 3 – Com *Scrapbook*

T: Me fala sobre o que você construiu.

T: O que significa pra você desenhar essa imagem?

T: Porque você colocou a interrogação grande e colorida?

T: Onde você fez o *Scrapbook*?

T: Você mostrou pra alguém?

T: O que Pedro falou?

APÊNDICE C – KIT SCRAPBOOK DA PARTICIPANTE ROSA



**ANEXO A – PERFIL CURRICULAR DOS COMPONENTES OBRIGATÓRIOS,
COMPLEMENTARES E ELETIVOS DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM
PSICOLOGIA PELA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO-UFPE**

PERÍODO: 1º					
COMPONENTE CURRICULAR	TIPO	CH TEÓRICA	CH PRÁTICA	CH TOTAL	CRÉDITO S
PS578- CONTROVÉRSIAS NA PSICOLOGIA	OBRIG	60	0	60	4.0
PRÉ-REQUISITO: Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.					
CO-REQUISITO: Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.					
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA: Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.					
EQUIVALÊNCIA: Fórmula: PS272					
PS272- PSICOLOGIA DIFERENCIAL					
EMENTA: IDENTIFICAÇÃO DE TEMAS GERADORES DE TENSÃO NO SABER PSICOLÓGICO. PRÁTICA INTENSIVA E ESTRUTURADA DE ARGUMENTAÇÃO SOBRE GRANDES CONTROVÉRSIAS NA PSICOLOGIA.					
AN234- NEUROANATOMIA FUNCIONAL	OBRIG	30	30	60	3.0
PRÉ-REQUISITO: Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.					
CO-REQUISITO: Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.					
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA: Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.					
EQUIVALÊNCIA: Fórmula: AN207					
AN207- NEUROANATOMIA					
EMENTA: INTRODUÇÃO À ANATOMIA E EMBRIOLOGIA DO SISTEMA NERVOSO CENTRAL; ASPECTOS MORFOFUNCIONAIS DA MEDULA ESPINHAL, TRONCO ENCEFÁLICO, CEREBELO, DIENCÉFALO, TELENCEFALO, SISTEMA LÍMBICO E FORMAÇÃO RETICULAR, BEM COMO DAS ATIVIDADES DAS GRANDES VIAS AFERENTES E EFERENTES E DO SISTEMA NERVOSO AUTÔNOMO.					

PS603- PROCESSOS COGNITIVOS	OBRIG	60	0	60	4.0
PRÉ-REQUISITO: Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.					
CO-REQUISITO: Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.					
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA: Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.					
EMENTA: MEMÓRIA, INTELIGÊNCIA, APRENDIZAGEM E FORMAÇÃO DE TEORIAS E MÉTODOS DE CONCEITOS. PRINCIPAIS INVESTIGAÇÕES DESSES PROCESSOS. OS DESAFIOS E ATUALIDADES NO ESTUDO DA COGNIÇÃO.					
PS604- PROCESSOS SOCIOAFETIVOS	OBRIG	60	0	60	4.0
PRÉ-REQUISITO: Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.					
CO-REQUISITO: Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.					
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA: Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.					
EQUIVALÊNCIA: Fórmula: PS244					
PS244- PSICOLOGIA 6 (MOTIVACAO E EMOCAO)					
EMENTA: PRINCIPAIS TEORIAS E PESQUISAS SOBRE PROCESSOS MOTIVACIONAIS E EMOCIONAIS. SURTIMENTO, DESENVOLVIMENTO E EXPRESSÃO DOS MOTIVOS. A DINÂMICA INSTAURADA POR CONFLITOS INTRAPESSOAIS, INTERPESOAIS E INTERGRUPAIS EM MEIO A OUTROS PROCESSOS PSICOLÓGICOS.					
PS600- PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO	OBRIG	60	0	60	4.0
PRÉ-REQUISITO: Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.					
CO-REQUISITO: Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.					
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA: Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.					
EMENTA: PRINCIPAIS ABORDAGENS TEÓRICAS E MÉTODOS DE INVESTIGAÇÃO DA PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO. PROBLEMATIZAÇÃO DO CONCEITO DE ETAPAS DO DESENVOLVIMENTO: INFÂNCIA, ADOLESCÊNCIA, JUVENTUDE, VIDA ADULTA E VELHICE. CONTEXTOS CULTURAIS DO DESENVOLVIMENTO HUMANO.					

PERÍODO: 2º					
COMPONENTE CURRICULAR	TIPO	CH TEÓRICA	CH PRÁTICA	CH TOTAL	CRÉDITOS
PS592- AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA	OBRIG	60	0	60	4.0
PRÉ-REQUISITO: Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.					
CO-REQUISITO: Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.					
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA: Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.					
EQUIVALÊNCIA: Fórmula: PS258					
PS258- TECNICA DE EXAME PSICOLOGICO 1					
EMENTA: ETAPAS DE UM PROCESSO DE AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA E SUA ADEQUAÇÃO A DIFERENTES CONTEXTOS E OBJETIVOS. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS E DIFERENTES PROCEDIMENTOS UTILIZADOS. ESCOLHA DE INSTRUMENTOS. POSSÍVEIS ENCAMINHAMENTOS. PRÍNCÍPIOS ÉTICOS E LEGAIS DA PRÁTICA EM AVALIAÇÃO.					
PS584- INTRODUÇÃO À PESQUISA	OBRIG	60	0	60	4.0
PRÉ-REQUISITO: Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.					
CO-REQUISITO: Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.					
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA: Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.					
EQUIVALÊNCIA: Fórmula: PS239					
PS239- INTRODUCAO A PESQUISA					
EMENTA: PADRÕES DE CIENTIFICIDADE. MÉTODOS DE PESQUISA EM PSICOLOGIA: OBSERVAÇÃO, EXPERIMENTAÇÃO, COMPARAÇÃO E ABORDAGEM CLÍNICO-QUALITATIVA EM PESQUISA. INSTRUMENTALIZAÇÃO PARA O TRABALHO ACADÊMICO-CIENTÍFICO.					
NU577- NEUROFISIOLOGIA	OBRIG	30	30	60	3.0
PRÉ-REQUISITO: Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.					
CO-REQUISITO: Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.					
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA: Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.					

EQUIVALÊNCIA: Fórmula: NU007					
NU007- FISIOLOGIA 7A					
EMENTA: INTRODUÇÃO À NEUROFISIOLOGIA; SENSORIAL E MOTOR BASE NEUROENDÓCRINA DOS FISIOLOGIA COMPORTAMENTOS; ALIMENTAÇÃO; SÍNDROMES FISIOLOGIA COMPORTAMENTAL.					
PS601- PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO	OBRIG	60	0	60	4.0
PRÉ-REQUISITO: Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.					
CO-REQUISITO: Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.					
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA: Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.					
EQUIVALÊNCIA: Fórmula: PS248					
PS248- PSICOLOGIA DA PERSONALIDADE 1					

PERÍODO: 2º					
COMPONENTE CURRICULAR	TIPO	CH TEÓRICA	CH PRÁTICA	CH TOTAL	CRÉDITOS
EMENTA: PROCESSOS DE CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO PSICOLÓGICO: PRINCIPAIS ABORDAGENS E SUAS IMPLICAÇÕES NAS PRÁTICAS PSICOLÓGICAS. DIFERENTES MODOS DE SUBJETIVAÇÃO. LIMITES E POSSIBILIDADES NA INVESTIGAÇÃO DA SUBJETIVIDADE.					
PS617- PROCESSOS PSICOSSOCIAIS	OBRIG	60	0	60	4.0
PRÉ-REQUISITO: Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.					
CO-REQUISITO: Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.					
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA: Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.					
EQUIVALÊNCIA Fórmula: PS254					
PS254- PSICOLOGIA SOCIAL 4					
EMENTA: PROCESSOS DE SOCIALIZAÇÃO. CRENÇAS E ATITUDE. PERCEPÇÃO E PRECONCEITO SOCIAL, ESTEREÓTIPO CATEGORIZAÇÃO E IDENTIDADE PESSOAL. TO.					

PROCESSO DE INFLUÊNCIA SOCIAL, MINORIAS ATIVAS.

PERÍODO: 3º					
COMPONENTE CURRICULAR	TIPO	CH TEÓRICA	CH PRÁTICA	CH TOTAL	CRÉDITOS
PS605- NEUROPSICOLOGIA	OBRIG	60	0	60	4.0
PRÉ-REQUISITO: Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.					
CO-REQUISITO: Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.					
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA: Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.					
EMENTA: ASPECTOS HISTÓRICOS DA RELAÇÃO CÉREBRO-COMPORTAMENTO. FUNDAMENTOS DA NEUROPSICOLOGIA. RELAÇÃO DA NEUROPSICOLOGIA COM PROCESSOS PSICOLÓGICOS BÁSICOS E COMPLEXOS. AVALIAÇÃO E REABILITAÇÃO NEUROPSICOLÓGICA.					
PS585- PERSPECTIVAS E ORGANIZAÇÃO NA PESQUISA EM PSICOLOGIA	OBRIG	60	0	60	4.0
PRÉ-REQUISITO: Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.					
CO-REQUISITO: Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.					
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA: Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.					
EMENTA: A ESCOLHA DE PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DE ACORDO COM A NATUREZA DOS OBJETIVOS PROPOSTOS NA INVESTIGAÇÃO. ABORDAGENS QUALITATIVAS E QUANTITATIVAS: LIMITES E ALCANCES. A COLETA, A DESCRIÇÃO E O TRATAMENTO DE DADOS QUANTITATIVOS E QUALITATIVOS. GENERALIZAÇÃO E TRNSFERABILIDADE DOS RESULTADOS. A TRIANGULAÇÃO METODOLÓGICA.					
PS602- PSICOLOGIA E LINGUAGEM	OBRIG	60	0	60	4.0
PRÉ-REQUISITO: Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.					
CO-REQUISITO: Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.					
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA: Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.					
EQUIVALÊNCIA: Fórmula: PS246					
PS246- PSICOLOGIA 8(LING E COMUNICACAO)					

EMENTA: CONCEPÇÕES DE LINGUAGEM EM DIFERENTES TEORIAS PSICOLÓGICAS: O GIRO LINGÜÍSTICO E OS PROCESSOS DE SIGNIFICAÇÃO. LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO. LINGUAGEM, PENSAMENTO E AÇÃO. LINGUAGEM EM DIFERENTES CONTEXTOS. LINGUAGEM E PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO.					
PS593- TÉCNICAS PSICOMÉTRICAS DE AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA	OBRIG	30	30	60	3.0
PRÉ-REQUISITO: Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.					
CO-REQUISITO: Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.					
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA: Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.					
EQUIVALÊNCIA: Fórmula: PS259					
PS259- TECNICA DE EXAME PSICOLOGICO 2					
EMENTA: TÉCNICAS PSICOMÉTRICAS DE AUTO/HETERORRETO E DE DESEMPENHO PARA AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA. CONTRIBUIÇÃO PARA INVESTIGAÇÃO E INTERVENÇÃO EM PSICOLOGIA. APLICAÇÃO, INTERPRETAÇÃO E RELATO DOS RESULTADOS DO PROCESSO AVALIATIVO.					

PERÍODO: 4º					
COMPONENTE CURRICULAR	TIPO	CH TEÓRICA	CH PRÁTICA	CH TOTAL	CRÉDITOS
PS595- ESTÁGIO DE OBSERVAÇÃO	OBRIG	0	90	90	3.0
PRÉ-REQUISITO: Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.					
CO-REQUISITO: Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.					
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA: Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.					
EMENTA: UTILIZAÇÃO DA OBSERVAÇÃO COMO PROCEDIMENTO QUE POSSIBILITE UMA REFLEXÃO SOBRE PROCESSOS PSICOLÓGICOS EM CURSO. DELIMITAÇÃO DO CONTEXTO E DO FENÔMENO A SER OBSERVADO. IDENTIFICAÇÃO, DESCRIÇÃO E INFERÊNCIA DO FENÔMENO ESTUDADO.					
NP316- PSICOPATOLOGIA	OBRIG	30	30	60	3.0

PRÉ-REQUISITO: Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.					
CO-REQUISITO: Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.					
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA: Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.					
EQUIVALÊNCIA: Fórmula: NP313					
NP313- PSICOPATOLOGIA					
EMENTA: ESTUDO DAS EXPRESSÕES PSÍQUICAS, OS QUADROS SINDRÔMICOS E OS COMPORTAMENTAIS DECORRENTES DAS DIVERSAS CATEGORIAS DE TRANSTORNOS MENTAIS. DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADES E AVALIAÇÃO DOS SINTOMAS PSÍQUICOS DURANTE O EXAME DO PACIENTE, COM FINALIDADE DIAGNÓSTICA.					

PERÍODO: 5º					
COMPONENTE CURRICULAR	TIPO	CH TEÓRICA	CH PRÁTICA	CH TOTAL	CRÉDIT OS
NP318- INTRODUÇÃO A PSQUIATRIA	OBRIG	30	30	60	3.0
PRÉ-REQUISITO: Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.					
CO-REQUISITO: Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.					
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA: Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.					

PERÍODO: 5º					
COMPONENTE CURRICULAR	TIPO	CH TEÓRICA	CH PRÁTICA	CH TOTAL	CRÉDITOS
EQUIVALÊNCIA: Fórmula: NP282					
NP282- INTRODUCAO A PSIQUIATRIA					
EMENTA: ESTUDO CLÍNICO E RECONHECIMENTO DIAGNÓSTICO DOS PRINCIPAIS TRANSTORNOS MENTAIS E DO COMPORTAMENTO SEGUNDO A CLASSIFICAÇÃO INTERNACIONAL DE DOENÇAS (CID10) DA ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE (OMS) DESENVOLVIMENTO DE CONHECIMENTOS CLÍNICOS PSICOPATOLÓGICOS, PSICOLÓGICOS E ASSISTENCIAIS SOBRE TRANSTORNOS MENTAIS.					

PS618- PSICOLOGIA E EDUCAÇÃO	OBRIG	60	0	60	4.0
PRÉ-REQUISITO: Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.					
CO-REQUISITO: Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.					
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA: Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.					
EMENTA: PSICOLOGIA E CONCEPÇÕES SOBRE A EDUCAÇÃO. EDUCAÇÃO, SOCIEDADE E CULTURA. POLÍTICAS PÚBLICAS E EDUCAÇÃO. PROCESSOS EDUCACIONAIS EM DIFERENTES CONTEXTOS INSTITUCIONAIS. COMPROMISSO ÉTICO E SOCIAL DO PSICÓLOGO COM A EDUCAÇÃO.					
PS613- PSICOLOGIA E SAÚDE	OBRIG	60	0	60	4.0
PRÉ-REQUISITO: Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.					
CO-REQUISITO: Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.					
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA: Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.					
EMENTA: ASPECTOS CONCEITUAIS. HISTÓRIA DA SAÚDE NO BRASIL. PRINCÍPIOS DOUTRINÁRIOS DO SISTEMA DE SAÚDE. PSICOLOGIA APLICADA AO CAMPO DA SAÚDE. DIFERENTES NÍVEIS DE ATENÇÃO À SAÚDE E A PRÁTICA DO PSICÓLOGO. ANÁLISE DE SITUAÇÃO, PLANEJAMENTO E INTERVENÇÃO NA SAÚDE. INTERVENÇÕES EM CRISE. PRODUÇÃO DE RECURSOS INTERVENTIVOS PARA PROMOÇÃO E PREVENÇÃO DA SAÚDE.					
PS616- PSICOLOGIA E TRABALHO	OBRIG	60	0	60	4.0
PRÉ-REQUISITO: Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.					
CO-REQUISITO: Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.					
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA: Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.					
EQUIVALÊNCIA: Fórmula: PS290					
PS290- INTROD A PSICOLOGIA DO TRABALHO					
EMENTA: DESENVOLVIMENTO HISTÓRICO DO TRABALHO. O TRABALHO COMO CONSTITUTIVO DO SUJEITO: DESENVOLVIMENTO PESSOAL, SOCIAL E ALIENAÇÃO. O TRABALHO NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA. TRABALHO E SUAS RELAÇÕES COM O PODER, A SAÚDE E O GÊNERO.					
PS586- TEORIAS PARA INTERVENÇÃO GRUPAL	OBRIG	60	0	60	4.0
PRÉ-REQUISITO: Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.					

CO-REQUISITO: Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA: Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.
EQUIVALÊNCIA: Fórmula: PS269
PS269- DINAMICA DE GRUPO E REL HUMANAS 1
EMENTA: FENÔMENO INTRAGRUPAIS E INTERGRUPAIS. ESTUDO DAS TEORIAS CLÁSSICAS E CONTEMPORÂNEAS ACERCA DA DINÂMICA DOS PROCESSOS E SEU IMPACTO NO ESTUDO DOS GRUPOS.

PERÍODO: 6º					
COMPONENTE CURRICULAR	TIPO	CH TEÓRICA	CH PRÁTICA	CH TOTAL	CRÉDITO S
PS596- ESTÁGIO DE PLANEJAMENTO DE INTERVENÇÃO	OBRIG	0	90	90	3.0
PRÉ-REQUISITO: Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.					
CO-REQUISITO: Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.					
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA: Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.					
EMENTA: UTILIZAÇÃO DE TÉCNICAS OU INSTRUMENTOS DA PSICOLOGIA PARA SUBSIDIAR A ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DE SITUAÇÕES QUE POSSIBILITEM O PLANEJAMENTO DE UMA INTERVENÇÃO PROFISSIONAL.					
PS579- ÉTICA E DIREITOS HUMANOS	OBRIG	60	0	60	4.0
PRÉ-REQUISITO: Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.					
CO-REQUISITO: Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.					
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA: Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.					
EQUIVALÊNCIA: Fórmula: PS268					
PS268- ETICA PROFISSIONAL					
EMENTA: PRESSUPOSTOS HISTÓRICOS E FILOSÓFICOS DA ÉTICA E DOS DIREITOS HUMANOS. MARCOS LEGAIS E POSTURAS ÉTICAS FRENTE ÀS DIFERENTES SITUAÇÕES DE INTERVENÇÃO E INVESTIGAÇÃO PSICOLÓGICA. ÉTICA NA ACADEMIA E NA AUTORIA.					

CÓDIGO DE ÉTICA DO PSICÓLOGO. DEBATE ÉTICO NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA.

PERÍODO: 7º					
COMPONENTE CURRICULAR	TIPO	CH TEÓRICA	CH PRÁTICA	CH TOTAL	CRÉDITOS
FL529- BASES FILOSÓFICAS DA PSICOLOGIA	OBRIG	60	0	60	4.0
PRÉ-REQUISITO: Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.					
CO-REQUISITO: Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.					
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA: Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.					
EMENTA: PRESSUPOSTOS EXTRACIENTÍFICOS DA PSICOLOGIA NAS SUAS PRINCIPAIS CORRENTES; SUBJETIVISMO E OBJETIVISMO; DETERMINISMO E LIBERDADE; POSITIVISMO E NATURALISMO; ESSENCIALISMO E MECANISMO. CIÊNCIA, PSICOLOGIA E EXISTÊNCIA. O HUMANISMO EXISTENCIALISTA. A FENOMENOLOGIA ANALÍTICO-EXISTENCIAL. EXISTÊNCIA E LINGUAGEM.					
PS611- PSICOLOGIA E CULTURA	OBRIG	60	0	60	4.0
PRÉ-REQUISITO: Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.					
CO-REQUISITO: Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.					
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA: Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.					
EMENTA: NOÇÕES DE CULTURA EM PSICOLOGIA. A ORGANIZAÇÃO CULTURAL DO PSIQUISMO. CONTEXTOS CULTURAIS E DESENVOLVIMENTO HUMANO. TEORIAS CULTURAIS E SÓCIO-HISTÓRICAS EM PSICOLOGIA. CULTURA E LINGUAGEM. INTERAÇÃO HUMANA EM CONTEXTOS CULTURAIS E INTERCULTURAIS.					

PERÍODO: 7º					
COMPONENTE CURRICULAR	TIPO	CH TEÓRICA	CH PRÁTICA	CH TOTAL	CRÉDITOS
PS619- PSICOLOGIA E PSICANÁLISE	OBRIG	60	0	60	4.0
PRÉ-REQUISITO: Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.					

CO-REQUISITO: Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.					
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA: Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.					
EQUIVALÊNCIA: Fórmula: PS255					
PS255- TEORIAS PSICANALITICAS 1					
EMENTA: MOVIMENTO PSICANALÍTICO. PRINCIPAIS DO PENSAMENTO E PÓS-A CONSTRUTOS METAPSICOLOGIA TEÓRICA FREUDIANO DAS FREUDIANO. A PSICANALÍTICA. A TRAMA EDÍPICA. RIA PULSÕES E SEUS QUESTIONAME CONTEMPORANEIDADE E OS FENÔMENOS NTOS. CLÍNICOS.					

PERÍODO: 8º					
COMPONENTE CURRICULAR	TIPO	CH TEÓRICA	CH PRÁTICA	CH TOTAL	CRÉDITOS
PS615- PSICOLOGIA E POLÍTICAS PÚBLICAS	OBRIG	60	0	60	4.0
PRÉ-REQUISITO: Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.					
CO-REQUISITO: Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.					
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA: Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.					
EMENTA: SISTEMA DE REGULAÇÃO SOCIAL EM UMA SOCIEDADE DE DIREITOS. DISPOSITIVOS DE REGULAÇÃO SOCIAL. A PSICOLOGIA E A CONSTRUÇÃO DE MARCOS LEGAIS. A ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO FRENTE AOS MARCOS LEGAIS E AS POLÍTICAS PÚBLICAS.					
PS614- PSICOLOGIA E SAÚDE MENTAL	OBRIG	60	0	60	4.0
PRÉ-REQUISITO: Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.					
CO-REQUISITO: Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.					
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA: Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.					
EMENTA: CONSTRUÇÃO HISTÓRICA DA CLÍNICA E DO CAMPO DA PSICOTATOLOGIA. PRINCIPAIS MARCOS TEÓRICOS DA SAÚDE MENTAL. CONCEPÇÕES DE NORMAL E PATOLÓGICO EM PSICOLOGIA. A QUESTÃO DO PSICODIAGNÓSTICO. QUESTÕES CONTEMPORÂNEAS SOBRE A SAÚDE MENTAL E AS REDES DE ATENDIMENTO.					
PS594- TÉCNICAS PROJETIVAS DE AVALIAÇÃO	OBRIG	30	30	60	3.0

PSICOLÓGICA					
PRÉ-REQUISITO: Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.					
CO-REQUISITO: Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.					
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA: Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.					
EQUIVALÊNCIA: Fórmula: PS261					
PS261- TECNICA DE EXAME PSICOLOGICO 4					
EMENTA: FUNDAMENTOS DAS TÉCNICAS PROJETIVAS PARA AVALIAÇÃO DA PERSONALIDADE. CARACTERIZAÇÃO DOS INSTRUMENTOS. CONTRIBUIÇÕES PARA INVESTIGAÇÃO E INTERVENÇÃO EM PSICOLOGIA. APLICAÇÃO, INTERPRETAÇÃO E RELATO DOS RESULTADOS DO PROCESSO AVALIATIVO.					

PERÍODO: 9º					
COMPONENTE CURRICULAR	TIPO	CH TEÓRICA	CH PRÁTICA	CH TOTAL	CRÉDITOS
PS620- ESTÁGIO ESPECÍFICO I	OBRIG	0	240	240	8.0
PRÉ-REQUISITO: Fórmula: AN234 E FL529 E NP316 E NP318 E NU577 E PS578 E PS579 E PS584 E PS585 E PS586 E PS592 E PS593 E PS594 E PS595 E PS596 E PS600 E PS601 E PS602 E PS603 E PS604 E PS605 E PS611 E PS613 E PS614 E PS615 E PS616 E PS617 E PS618 E PS619					
AN234 - NEUROANATOMIA FUNCIONAL FL529 - BASES FILOSÓFICAS DA PSICOLOGIA NP316 - PSICOPATOLOGIA NP318 - INTRODUÇÃO A PSQUIATRIA NU577 - NEUROFISIOLOGIA PS578 - CONTROVÉRSIAS NA PSICOLOGIA PS579 - ÉTICA E DIREITOS HUMANOS PS584 - INTRODUÇÃO À PESQUISA PS585 - PERSPECTIVAS E ORGANIZAÇÃO NA PESQUISA EM PSICOLOGIA PS586 - TEORIAS PARA INTERVENÇÃO GRUPAL PS592 - AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA PS593 - TÉCNICAS PSICOMÉTRICAS DE AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA PS594 - TÉCNICAS PROJETIVAS DE AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA PS595 - ESTÁGIO DE OBSERVAÇÃO PS596 - ESTÁGIO DE PLANEJAMENTO DE INTERVENÇÃO PS600 - PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO PS601 - PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO PS602 - PSICOLOGIA E LINGUAGEM PS603 - PROCESSOS COGNITIVOS PS604 - PROCESSOS SOCIOAFETIVOS PS605 - NEUROPSICOLOGIA					

PS611 - PSICOLOGIA E CULTURA PS613 - PSICOLOGIA E SAÚDE					
PS614 - PSICOLOGIA E SAÚDE MENTAL PS615 - PSICOLOGIA E POLÍTICAS PÚBLICAS PS616 - PSICOLOGIA E TRABALHO					
PS617 - PROCESSOS PSICOSSOCIAIS PS618 - PSICOLOGIA E EDUCAÇÃO					
PS619- PSICOLOGIA E PSICANÁLISE					
CO-REQUISITO: Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.					
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA: Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.					
EMENTA: PLANEJAMENTO DE INTERVENÇÃO PSICOLÓGICA E SUA REALIZAÇÃO, APOIADOS EM UM CORPO DE CONHECIMENTO TEÓRICO E TÉCNICO DA PSICOLOGIA E AJUSTADOS A CONTEXTOS INSTITUCIONAIS E SOCIAIS ESPECÍFICOS.					
PERÍODO: 9º					
COMPONENTE CURRICULAR	TIPO	CH TEÓRICA	CH PRÁTICA	CH TOTAL	CRÉDITOS

PERÍODO: 10º					
COMPONENTE CURRICULAR	TIPO	CH TEÓRICA	CH PRÁTICA	CH TOTAL	CRÉDITOS
PS644- ESTÁGIO ESPECÍFICO II	OBRIG	0	240	240	8.0
PRÉ-REQUISITO: Fórmula: PS620					
PS620- ESTÁGIO ESPECÍFICO I					
CO-REQUISITO: Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.					
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA: Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.					

EMENTA:	ATUAÇÃO PROFISSIONAL, APROFUNDANDO AS INTERVENÇÕES INICIADAS NO ESTÁGIO ESPECÍFICO I, INTEGRANDO O CONJUNTO DE EXPERIÊNCIAS VIVENCIADAS E CULMINANDO COM O REGISTRO DESCRITIVO E REFLEXIVO PROPICIADO PELA EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO.
---------	--

SEM PERIODIZAÇÃO							
COMPONENTE CURRICULAR	TIPO	CH TEÓRICA	CH PRÁTICA	CH TOTAL	CRÉDITOS		
NP317- ABORDAGEM PSICOSSOMÁTICA DO COMPORTAMENTO HUMANO	ELETIVO	60	0	60	4.0		
PRÉ-REQUISITO: Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.							
CO-REQUISITO: Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.							
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA: Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.							
EQUIVALÊNCIA: Fórmula: NP215							
NP215- ASPECTOS PSICOSS DO COMPORTAMENTO							
EMENTA:	ESTUDO DO RELACIONAMENTO CORPO-PSIQUISMO. COMPORTAMENTO EMOCIONAL E SUAS IMPLICAÇÕES NO SISTEMA CORPO-MENTE. CONCEITO DE SAÚDE SOMATO-PSICOSSOCIAL. DIVERSOS TIPOS DE ENFERMIDADES SOB O ASPECTO PSICOSSOMÁTICO. UNIDADE SOCIOPSICOSSOMÁTICA DO COMPORTAMENTO HUMANO.						
PS589- ANÁLISE EXPERIMENTAL DO COMPORTAMENTO	ELETIVO	60	0	60	4.0		
PRÉ-REQUISITO: Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.							
CO-REQUISITO: Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.							
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA: Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.							
EMENTA:	DESCRIÇÃO DE EVENTOS AMBIENTAIS E COMPORTAMENTAIS. AMBIENTE E EQUIPAMENTO EXPERIMENTAIS. CONDICIONAMENTO RESPONDENTE E OPERANTE. MODELAGEM, DIFERENCIAÇÃO E GENERALIZAÇÃO DE RESPOSTA; CONTROLE DE ESTÍMULOS. EXTINÇÃO OPERANTE E RESPONDENTE. ESQUEMAS DE REFORÇAMENTO. ANÁLISE COMPORTAMENTAL E SUA RELEVÂNCIA NA APLICAÇÃO CLÍNICA.						
PS630- ANÁLISE INSTITUCIONAL	ELETIVO	60	0	60	4.0		

PRÉ-REQUISITO: Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.						
CO-REQUISITO: Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.						
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA: Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.						
EQUIVALÊNCIA: Fórmula: PS300						
PS300- PSICOLOGIA INSTITUCIONAL						
EMENTA: PERSPECTIVAS DE ANÁLISE INSTITUCIONAL. CONCEITOS DE INSTITUIÇÃO, GRUPOS E INDÍVIDUO. IDEOLOGIA E CULTURA NAS INSTITUIÇÕES. MÉTODOS DE PESQUISA E INTERVENÇÃO INSTITUCIONAL.						
PS609- APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO COGNITIVO	ELETIVO	60	0	60	4.0	
PRÉ-REQUISITO: Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.						
CO-REQUISITO: Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.						
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA: Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.						
EQUIVALÊNCIA: Fórmula: PS245						
PS245- PSICOLOGIA 7 (MEMOR APRENDIZAGEM)						
EMENTA: RELAÇÃO ENTRE APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO COGNITIVO. APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO EM DOMÍNIOS ESPECÍFICOS DO CONHECIMENTO. CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA COGNITIVA PARA PROCESSOS EDUCACIONAIS.						
NU578- BASES NEUROFISIOLÓGICAS DO COMPORTAMENTO	ELETIVO	30	30	60	3.0	
PRÉ-REQUISITO: Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.						
CO-REQUISITO: Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.						
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA: Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.						
EMENTA: NUTRIÇÃO E DESENVOLVIMENTO FISIOLÓGICO DO SISTEMA NERVOSO. BASES NEUROBIOLÓGICAS DO COMPORTAMENTO ALIMENTAR E SEUS TRANSTORNOS. BASES NEUROBIOLÓGICAS DAS EMOÇÕES E SEUS TRANSTORNOS. FISIOLOGIA E EXPRESSÃO COMPORTAMENTAL HUMANA NAS DIFERENTES FASES DA VIDA. EXERCÍCIO FÍSICO E ADAPTAÇÕES NEUROFISIOLÓGICAS.						
PS597- CONSTRUÇÃO DE INSTRUMENTOS DE	ELETIVO	30	30	60	3.0	

AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA					
PRÉ-REQUISITO: Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.					
CO-REQUISITO: Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.					
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA: Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.					
EQUIVALÊNCIA: Fórmula: PS260					
PS260- TECNICA DE EXAME PSICOLOGICO 3					
EMENTA: PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DE INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA. DEFINIÇÃO DOS OBJETIVOS, FUNDAMENTOS E PARÂMETROS. PADRONIZAÇÃO DE INSTRUMENTOS. PRINCÍPIOS ÉTICOS E LEGAIS NA CONSTRUÇÃO DE INSTRUMENTOS.					
PS583- EPISTEMOLOGIA E HISTÓRIA DA GÊNESE DAS FUNÇÕES PSICOLÓGICAS	ELETIVO	60	0	60	4.0
PRÉ-REQUISITO: Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.					
CO-REQUISITO: Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.					
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA: Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.					
EMENTA: EMPIRISMO E POSITIVISMO. A PSICOLOGIA FISIOLÓGICA EM OPOSIÇÃO À INTROSPECÇÃO. A REVOLUÇÃO BEHAVIORISTA. O ESTUDO DA CONSCIÊNCIA. A GESTALT VERSUS OS ESTUDOS ELEMENTARISTAS. FONTES DE COMPARAÇÃO: O ANIMAL, A CRIANÇA E O PATOLÓGICO. A CONCEPÇÃO DE SUJEITO E DE CIENTIFICIDADE.					

SEM PERIODIZAÇÃO					
COMPONENTE CURRICULAR	TIPO	CH TEÓRICA	CH PRÁTICA	CH TOTAL	CRÉDITOS
PS581- EPISTEMOLOGIA E HISTÓRIA DA PSICANÁLISE	ELETIVO	60	0	60	4.0
PRÉ-REQUISITO: Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.					
CO-REQUISITO: Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.					
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA: Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.					
EQUIVALÊNCIA: Fórmula: PS291					

PS291- EPISTEMOLOGIA PSICANALÍTICA					
<p>EMENTA: PERCURSO DE FREUD NA DESCOBERTA DO INCONSCIENTE. RUPTURAS EPISTEMOLÓGICAS PSICANALÍTICAS: QUESTIONAMENTOS À FILOSOFIA, À PSIQUIATRIA, À PSICOLOGIA E A CIÊNCIA. DO MOVIMENTO À INSTITUIÇÃO PSICANALÍTICA E SEUS IMPACTOS EPISTEMOLÓGICOS. CONTRIBUIÇÃO DE OUTROS SABERES NA CONSTRUÇÃO DO SABER PSICANALÍTICO. PSICANÁLISE E A ORDEM ÉTICO-POLÍTICA.</p>					
PS582- EPISTEMOLOGIA E HISTÓRIA DAS TEORIAS PSICOSSOCIAIS	ELETIVO	60	0	60	4.0
PRÉ-REQUISITO: Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.					
CO-REQUISITO: Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.					
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA: Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.					
<p>EMENTA: AS TENSÕES DA PSICOLOGIA SOCIAL AO LONGO DE SUA HISTÓRIA. TEORIAS PSICOSSOCIAIS CONTEMPORÂNEAS E SEUS EMBATES FACE A DIFERENTES CONCEPÇÕES DE SUJEITO, A RELAÇÃO SUJEITO-SOCIEDADE E A RELAÇÃO INDIVÍDUO-COLETIVIDADE.</p>					
ET653- ESTATÍSTICA APLICADA À PSICOLOGIA	ELETIVO	60	0	60	4.0
PRÉ-REQUISITO: Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.					
CO-REQUISITO: Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.					
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA: Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.					
EQUIVALÊNCIA: Fórmula: ET222					
ET222- ESTATÍSTICA 4					
<p>EMENTA: NOÇÕES DE ANÁLISE EXPLORATÓRIA DE DADOS, FUNDAMENTOS DE TESTES ESTATÍSTICOS DE HIPÓTESES; PLANOS EXPERIMENTAIS COMPLETAMENTE ALEATORIZADO EM BLOCOS COMPLETOS; ANÁLISE DE TABELAS DE CONTIGÊNCIA. UTILIZAÇÃO DE RECURSOS COMPUTACIONAIS PARA O REGISTRO E TRATAMENTO DE DADOS.</p>					
CS004- FUNDAMENTOS DE SOCIOLOGIA	ELETIVO	60	0	60	4.0
PRÉ-REQUISITO: Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.					
CO-REQUISITO: Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.					
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA: Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.					

EMENTA: A SOCIOLOGIA E OUTRAS CIÊNCIAS. MODELOS DE ANÁLISE SOCIOLÓGICA. O SOCIAL E A SOCIEDADE. CONCEITOS SOCIOLÓGICOS BÁSICOS.					
AM120- INTERFACES DA ANTROPOLOGIA COM A PSICOLOGIA	ELETIVO	60	0	60	4.0
PRÉ-REQUISITO: Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.					
CO-REQUISITO: Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.					
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA: Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.					
EQUIVALÊNCIA: Fórmula: CS223					
CS223- ANTROPOLOGIA					
EMENTA: CULTURA. ETNOCENTRISMO. A CATEGORIA EU. EXPERIÊNCIA, NARRATIVA E PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO. DRAMA E RITUAL NA COMPREENSÃO DA EMERGÊNCIA DOS CONFLITOS E ENFRENTAMENTO DE CRISES. CORPOREIDADE E EMOÇÕES. MODALIDADES DE INTERAÇÕES SOCIAIS NÃO VERBAIS MEDIADAS CULTURALMENTE.					
PS598- INTERVENÇÕES PSICOSSOCIAIS	ELETIVO	60	0	60	4.0
PRÉ-REQUISITO: Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.					
CO-REQUISITO: Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.					
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA: Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.					
EMENTA: PERSPECTIVAS TEÓRICAS DA INTERVENÇÕES PSICOSSOCIAIS. ANÁLISE DE SITUAÇÃO, PLANEJAMENTO E INTERVENÇÃO COM COLETIVIDADES. ELABORAÇÃO DE MATERIAL DE INFORMAÇÃO E DE APOIO À INTERVENÇÃO PSICOLÓGICA. MONITORAMENTO E AVALIAÇÃO DE PROCESSOS INTERVENTIVOS. O PSICÓLOGO EM EQUIPES MULTIDISCIPLINARES.					
GN341- INTRODUÇÃO A GENÉTICA HUMANA	ELETIVO	30	30	60	3.0
PRÉ-REQUISITO: Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.					
CO-REQUISITO: Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.					
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA: Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.					
EQUIVALÊNCIA: Fórmula: GN211					
GN211- GENETICA HUMANA 2					

EMENTA: PRINCÍPIOS FUNDAMENTAIS DA GENÉTICA HUMANA. INTERAÇÃO ENTRE ASPECTOS GENÉTICOS E AMBIENTAIS NO COMPORTAMENTO HUMANO. ALTERAÇÕES GENÉTICAS E SUAS REPERCUSSÕES NO COMPORTAMENTO. TEMAS ATUAIS DE APLICAÇÃO DOS CONHECIMENTOS DA GENÉTICA DE INTERESSE PARA PSICOLOGIA.					
LE716- INTRODUÇÃO A LIBRAS	ELETIVO	60	0	60	4.0
PRÉ-REQUISITO: Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.					
CO-REQUISITO: Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.					
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA: Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.					
EMENTA: REFLEXÃO SOBRE OS ASPECTOS HISTÓRICOS DA INCLUSÃO DAS PESSOAS SURDAS NA SOCIEDADE EM GERAL E NA ESCOLA; A LIBRAS COMO LÍNGUA DE COMUNICAÇÃO SOCIAL EM CONTEXTO DE COMUNICAÇÃO ENTRE PESSOAS SURDAS E COMO SEGUNDA LÍNGUA. ESTRUTURA LINGUÍSTICA E GRAMATICAL DE LIBRAS. ESPECIFICIDADES DA ESCRITA DO ALUNO SURDO. NA PRODUÇÃO DE TEXTO EM LÍNGUA PORTUGUESA. O INTÉRPRETE E A INTERPRETAÇÃO COMO FATOR DE INCLUSÃO E ACESSO EDUCACIONAL PARA OS ALUNOS SURDOS OU COM BAIXA AUDIÇÃO.					
FL541- LÓGICA 1	ELETIVO	60	0	60	4.0
PRÉ-REQUISITO: Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.					
CO-REQUISITO: Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.					
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA: Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.					
EQUIVALÊNCIA: Fórmula: FL257					
FL257- LOGICA 1					
EMENTA: DE QUE TRATA A LÓGICA. QUE É ARGUMENTO. AS PROPOSIÇÕES QUE COMPÕE OS ARGUMENTOS. ARGUMENTOS DEDUTIVOS: CATÉGÓRICOS, HIPOTÉTICOS, INCOMPLETOS, E COMPOSTOS. VALIDADE DOS ARGUMENTOS CATEGÓRICOS E OS DIAGRAMAS DE VENN. ARGUMENTO INDUTIVO E A PROBABILIDADE INDUTIVA. A ENUMERAÇÃO, A ANALOGIA E					

SEM PERIODIZAÇÃO					
COMPONENTE CURRICULAR	TIPO	CH TEÓRICA	CH PRÁTICA	CH TOTAL	CRÉDITOS
GENERALIZAÇÃO ESTATÍSTICA. AS FALÁCIAS FORMAIS E INFORMAIS. A LÓGICA COMO INSTRUMENTO DA					

DESCOBERTA DA VERDADE: UMA VISÃO HISTÓRICA.					
PS610- PROCESSOS SENSORIO-PERCEPTIVOS	ELETIVO	60	0	60	4.0
PRÉ-REQUISITO: Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.					
CO-REQUISITO: Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.					
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA: Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.					
EQUIVALÊNCIA: Fórmula: PS271					
PS271- PSICOLOGIA 5A (PERCEPCAO)					
EMENTA: DEFINIÇÃO E RAÍZES HISTÓRICAS DA SENSAÇÃO E PERCEPÇÃO. ESTRUTURA E FUNÇÃO DOS SISTEMAS SENSORIO-PERCEPTIVOS. DESENVOLVIMENTO PERCENTUAL. MÉTODOS DE INVESTIGAÇÃO EM SENSAÇÃO E PERCEPÇÃO. TEORIAS E PESQUISA ATUAIS.					
PS590- PROJETO DE PESQUISA	ELETIVO	0	60	60	2.0
PRÉ-REQUISITO: Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.					
CO-REQUISITO: Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.					
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA: Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.					
EQUIVALÊNCIA: Fórmula: PS276					
PS276- PRATICA DE PESQUISA 1					
EMENTA: ELABORAÇÃO DE UM PROJETO DE PESQUISA.					
PS591- PRÁTICA DE PESQUISA	ELETIVO	0	60	60	2.0
PRÉ-REQUISITO: Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.					
CO-REQUISITO: Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.					
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA: Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.					
EQUIVALÊNCIA: Fórmula: PS277					
PS277- PRATICA DE PESQUISA 2					
EMENTA: REALIZAÇÃO DE PROJETO DE PESQUISA. ELABORAÇÃO DE ARTIGO CIENTÍFICO OU RELATÓRIO.					
PS588- PRÁTICAS DE INTERVENÇÃO EM GRUPOS	ELETIVO	60	0	60	4.0

PRÉ-REQUISITO: Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.					
CO-REQUISITO: Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.					
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA: Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.					
EQUIVALÊNCIA: Fórmula: PS270					
PS270- DINAMICA DE GRUPO E REL HUMANAS 2					
EMENTA: PROCEDIMENTOS DE INTERVENÇÃO INTRAGRUPAIS. DIFERENTES ABORDAGENS E TÉCNICAS NO MANEJO DE FENÔMENOS GRUPAIS. DIFERENCIAÇÃO DE TÉCNICAS EM RELAÇÃO A CONTEXTOS E OBJETIVOS ESPECÍFICOS.					
PS612- PSICOBIOLOGIA E PSICOFARMACOLOGIA	ELETIVO	60	0	60	4.0
PRÉ-REQUISITO: Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.					
CO-REQUISITO: Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.					
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA: Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.					
EMENTA: NEUROTRANSMISSORES E SUAS RELAÇÕES COM O COMPORTAMENTO HUMANO. ASPECTOS PSICOBIOLÓGICOS E AS INTERFERÊNCIAS DOS PSICOFÁRMACOS. SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS E SEUS EFEITOS SOBRE O COMPORTAMENTO. ASPECTOS BIOPSISSOCIAIS DAS ALTERAÇÕES COMPORTAMENTAIS.					
PS635- PSICOLOGIA - GÊNERO E SEXUALIDADE	ELETIVO	60	0	60	4.0
PRÉ-REQUISITO: Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.					
CO-REQUISITO: Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.					
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA: Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.					
EMENTA: TEORIAS FEMINISTAS E OS ESTUDOS DE GÊNERO. PERSPECTIVAS TEÓRICAS NO CAMPO DA SEXUALIDADE. OS SISTEMAS NORMATIVOS DE SEXO, GÊNERO, SEXUALIDADE E DESEJO E SUAS IMPRICAÇÕES NA PRODUÇÃO DAS SUBJETIVIDADES. VULNERABILIDADE EM DECORRÊNCIA DA INTERFACE DE GÊNERO E OUTROS MARCADORES SOCIAIS.					
PS622- PSICOLOGIA CLÍNICA DE BASE FENOMENOLÓGICA EXISTENCIAL	ELETIVO	60	0	60	4.0
PRÉ-REQUISITO: Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.					
CO-REQUISITO: Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.					

REQUISITO DE CARGA HORÁRIA: Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.					
EQUIVALÊNCIA: Fórmula: PS265					
PS265- TEO E TECNICAS PSICOTERAPICAS 3					
EMENTA: O FAZER CLÍNICO NA ABORDAGEM HUMANISTA, NA GESTALT TERAPIA E NA ABORDAGEM FENOMENOLÓGICA E/OU EXISTENCIAL. PERSPECTIVAS DA PRÁTICA CLÍNICA NO DEBATE ATUAL.					
PS628- PSICOLOGIA COMUNITÁRIA	ELETIVO	60	0	60	4.0
PRÉ-REQUISITO: Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.					
CO-REQUISITO: Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.					
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA: Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.					
EQUIVALÊNCIA: Fórmula: PS295					
PS295- PSICOLOGIA COMUNITARIA					
EMENTA: HISTÓRIA E PERSPECTIVAS TEÓRICAS DA PSICOLOGIA COMUNITÁRIA. ASPECTOS METODOLÓGICOS DO DESENVOLVIMENTO DE COMUNIDADE. ATUAÇÃO E PAPEL DO PSICÓLOGO NA COMUNIDADE.					
PS607- PSICOLOGIA DA ADOLESCÊNCIA E DA JUVENTUDE	ELETIVO	60	0	60	4.0
PRÉ-REQUISITO: Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.					
CO-REQUISITO: Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.					
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA: Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.					
EQUIVALÊNCIA: Fórmula: PS251					
PS251- PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO 2					
EMENTA: ADOLESCÊNCIA E JUVENTUDE: A CONSTRUÇÃO SOCIAL DO DESENVOLVIMENTO. MUDANÇAS BIOLÓGICAS E REPERCUSSÕES PSICOSSOCIAIS NA ADOLESCÊNCIA: SEXUALIDADE, GÊNERO, IDENTIDADE GRUPAL E RELAÇÕES FAMILIARES. EXPECTATIVAS SOCIAIS E ESCOLHA PROFISSIONAL. PRINCIPAIS TEORIAS E CONCEPÇÕES SUBJACENTES. PROCEDIMENTOS DE INVESTIGAÇÃO E CONSIDERAÇÕES ÉTICAS. QUESTÕES CENTRAIS NO DEBATE ATUAL.					

SEM PERIODIZAÇÃO					
COMPONENTE CURRICULAR	TIPO	CH TEÓRICA	CH PRÁTICA	CH TOTAL	CRÉDITOS
PS606- PSICOLOGIA DA INFÂNCIA	ELETIVO	60	0	60	4.0
PRÉ-REQUISITO: Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.					
CO-REQUISITO: Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.					
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA: Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.					
EQUIVALÊNCIA: Fórmula: PS250					
PS250- PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO 1					
EMENTA: O PROCESSO INTEGRADO DO DESENVOLVIMENTO INFANTIL EM SEUS ASPECTOS BIOLÓGICOS, COGNITIVO, EMOCIONAL E SOCIAL. O NASCIMENTO E OS PRIMEIROS ANOS DE VIDA. PRINCIPAIS ABORDAGENS TEÓRICAS DO ESTUDO DA CRIANÇA. PROCEDIMENTOS DE INVESTIGAÇÃO E CONSIDERAÇÕES ÉTICAS. QUESTÕES CENTRAIS NO DEBATE ATUAL.					
PS608- PSICOLOGIA DA VIDA ADULTA E DA VELHICE	ELETIVO	60	0	60	4.0
PRÉ-REQUISITO: Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.					
CO-REQUISITO: Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.					
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA: Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.					
EQUIVALÊNCIA: Fórmula: PS252					
PS252- PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO 3					
EMENTA: ASPECTOS BIOLÓGICOS E PSICOSSOCIAIS DA VIDA ADULTA E DA VELHICE. TEORIAS E ENFOQUES CONTEMPORÂNEOS. TRABALHO E APOSENTADORIA. RELAÇÕES INTERGERACIONAIS. DIFERENTES CONTEXTOS DE ENVELHECIMENTO. PROCEDIMENTOS DE INVESTIGAÇÃO E CONSIDERAÇÕES ÉTICAS.					
PS632- PSICOLOGIA DO ESPORTE	ELETIVO	60	0	60	4.0
PRÉ-REQUISITO: Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.					
CO-REQUISITO: Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.					
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA: Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.					

EMENTA: FUNDAMENTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS PARA ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO NO CONTEXTO DO ESPORTE E DO EXERCÍCIO. DIMENSÕES PSICOLÓGICAS NA PRÁTICA DE ATIVIDADES FÍSICAS. PARTICULARIDADES PSICOLÓGICAS INERENTES AO UNIVERSO DA COMPETIÇÃO. HABILIDADES MENTAIS E ALTO RENDIMENTO. ESPORTE E SAÚDE MENTAL.					
PS621- PSICOLOGIA E EDUCAÇÃO INCLUSIVA	ELETIVO	60	0	60	4.0
PRÉ-REQUISITO: Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.					
CO-REQUISITO: Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.					
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA: Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.					
EQUIVALÊNCIA: Fórmula: PS298					
PS298- PEDAGOGIA TERAPEUTICA					
EMENTA: A DIMENSÃO HISTÓRICA DA INCLUSÃO E A EDUCAÇÃO INCLUSIVA. PROCESSOS DE CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIAS. O PAPEL DO PSICÓLOGO NA INSERÇÃO DESSAS PESSOAS EM DIFERENTES CONTEXTOS.					
PS633- PSICOLOGIA E FAMÍLIA	ELETIVO	60	0	60	4.0
PRÉ-REQUISITO: Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.					
CO-REQUISITO: Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.					
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA: Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.					
EQUIVALÊNCIA: Fórmula: PS303					
PS303- PSICOLOGIA DA FAMILIA					
EMENTA: CONCEPÇÕES E CONFIGURAÇÕES FAMILIARES AO LONGO DA HISTÓRIA. FAMÍLIA, DIVERSIDADE DE CONTEXTOS SOCIAIS E DESENVOLVIMENTO HUMANO. REPRODUÇÃO, SEXUALIDADE E PARENTESCO. RELAÇÕES DE GÊNERO, FAMÍLIA E SOCIEDADE. PARENTALIDADE E CONJUGALIDADE. FAMÍLIA E SITUAÇÕES DE VULNERABILIDADE.					
PS599- PSICOLOGIA E GESTÃO DE PESSOAS	ELETIVO	60	0	60	4.0
PRÉ-REQUISITO: Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.					
CO-REQUISITO: Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.					
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA: Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.					

EQUIVALÊNCIA: Fórmula: PS304					
PS304- RECURSOS HUMANOS NA ORGANIZACAO					
EMENTA: ESTRUTURA, FUNCIONAMENTO E FATORES ORGANIZACIONAIS. EVOLUÇÃO HISTÓRICA DOS MODELOS DE GESTÃO DE PESSOAS. PRÁTICAS GERENCIAIS E SUAS REPERCUSSÕES SOBRE A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO. COMPORTAMENTO ORGANIZACIONAL. AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA, ACONSELHAMENTO E ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL. A PESQUISA EM PSICOLOGIA ORGANIZACIONAL E DO TRABALHO.					
PS634- PSICOLOGIA E INOVAÇÃO	ELETIVO	60	0	60	4.0
PRÉ-REQUISITO: Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.					
CO-REQUISITO: Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.					
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA: Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.					
EMENTA: CONCEPÇÕES DE INOVAÇÃO. CONTRIBUIÇÃO DOS ESTUDOS PSICOLÓGICOS PARA OS PROCESSOS DE INOVAÇÃO. O PAPEL DO PSICÓLOGO EM EQUIPES DE INOVAÇÃO. DESIGN THINKING E RESOLUÇÃO DE PROBLEMAS COMPLEXOS. O SUJEITO DO DESIGN CENTRADO NO USUÁRIO, CRIATIVIDADE E PRÁTICAS DE IDEAÇÃO. PRÁTICAS DE CONCEPÇÃO, PROTOTIPAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DE PROJETOS DE INOVAÇÃO. FUNDAMENTOS PSICOLÓGICOS PARA O DESIGN DE EXPERIÊNCIAS E INTERAÇÕES.					
PS627- PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL	ELETIVO	60	0	60	4.0
PRÉ-REQUISITO: Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.					
CO-REQUISITO: Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.					
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA: Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.					
EQUIVALÊNCIA: Fórmula: PS285					
PS285- PSICOLOGIA ESCOLAR 1					
EMENTA: A INSTITUIÇÃO ESCOLAR E SEUS DIFERENTES ATORES. ESCOLARIZAÇÃO, DESENVOLVIMENTO E SUBJETIVIDADE. ESCOLA NAS SOCIEDADES LETRADAS. FRACASSO ESCOLAR. ORIENTAÇÃO À QUEIXA ESCOLAR. PRÁTICAS RELACIONADAS À ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO NO CONTEXTO ESCOLAR E EDUCACIONAL.					
PS629- PSICOLOGIA HOSPITALAR	ELETIVO	60	0	60	4.0
PRÉ-REQUISITO: Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.					
CO-REQUISITO: Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.					

REQUISITO DE CARGA HORÁRIA: Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.
EQUIVALÊNCIA: Fórmula: PS288

SEM PERIODIZAÇÃO					
COMPONENTE CURRICULAR	TIPO	CH TEÓRICA	CH PRÁTICA	CH TOTAL	CRÉDITOS
PS288- PSICOLOGIA HOSPITALAR					
EMENTA: HISTÓRIA E CONCEITOS RELACIONADOS À PSICOLOGIA HOSPITALAR. RELAÇÃO SAÚDE-DOENÇA NO CONTEXTO HOSPITALAR. ATUAÇÃO E FERRAMENTAS DE INTERVENÇÃO DO PSICÓLOGO NO HOSPITAL E JUNTO À EQUIPE MULTIPROFISSIONAL DE SAÚDE. PROCESSOS PSICOSSOCIAIS DO SUJEITO HOSPITALIZADO. O PSICÓLOGO NOS PROGRAMAS DE PROMOÇÃO À SAÚDE.					
PS624- PSICOLOGIA JURÍDICA	ELETIVO	60	0	60	4.0
PRÉ-REQUISITO: Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.					
CO-REQUISITO: Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.					
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA: Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.					
EMENTA: ASPECTOS CONCEITUAIS E HISTÓRICOS DA CONSTITUIÇÃO DA INTERFACE DA PSICOLOGIA COM O DIREITO. DIFERENTES ÂMBITOS DE ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO NO JUDICIÁRIO. O TRABALHO EM EQUIPES INTERDISCIPLINARES. ELABORAÇÃO DE DOCUMENTOS ESCRITOS DECORRENTES DE AVALIAÇÕES PSICOLÓGICAS. CONSIDERAÇÕES ÉTICAS. QUESTÕES CENTRAIS NO DEBATE ATUAL.					
PS636- PSICOTERAPIA DE BASE FENOMONOLÓGICA EXISTENCIAL	ELETIVO	60	0	60	4.0
PRÉ-REQUISITO: Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.					
CO-REQUISITO: Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.					
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA: Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.					
EMENTA: TEORIA DA PSICOTERAPIA DE BASE FENOMENOLÓGICA EXISTENCIAL. TÉCNICA DO PROCESSO TERAPÊUTICO. PSICOTERAPIA. CA A					
PS637- PSICOTERAPIA DE BASE PSICANALÍTICA	ELETIVO	60	0	60	4.0

PRÉ-REQUISITO: Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.						
CO-REQUISITO: Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.						
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA: Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.						
EMENTA: TEORIA DA PSICOTERAPIA. O PROCESSO TERAPÊUTICO. TÉCNICA DA PSICOTERAPIA.						
PS623- TEORIA E TÉCNICA DA CLÍNICA PSICANALÍTICA	ELETIVO	60	0	60	4.0	
PRÉ-REQUISITO: Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.						
CO-REQUISITO: Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.						
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA: Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.						
EQUIVALÊNCIA: Fórmula: PS263						
PS263- TEO E TECNICAS PSICOTERAPICAS 1						
EMENTA: A MATRIZ DA TÉCNICA PSICANALÍTICA E SUAS DIFERENTES FORMAS DE ATUAÇÃO. ENTREVISTAS PRELIMINARES E CONTRATO TERAPÊUTICO. TRNSFERÊNCIA, RESISTÊNCIA E REPETIÇÃO. A INTERPRETAÇÃO PSICANALÍTICA. INTERVENÇÃO E MANEJO CLÍNICO EM DIFERENTES CONTEXTOS. TEMPO, PERLABORAÇÃO E ALTA. A ÉTICA DO CUIDADO EM PSICANÁLISE. ESTUDOS DE CASOS CLÍNICOS.						
PS626- TEORIA E TÉCNICA DA TERAPIA COGNITIVO-COMPORTAMENTAL	ELETIVO	60	0	60	4.0	
PRÉ-REQUISITO: Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.						
CO-REQUISITO: Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.						
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA: Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.						
EMENTA: PRESSUPOSTOS TEÓRICO-PRÁTICOS. PROCESSO TERAPÊUTICO:ETAPA D PSICODIAGNÓSTICO, ESTRATÉGIAS E INTERVENÇÃO. ANALISE DE CASOSS E CLÍNICOS. IMPLICAÇÕES ÉTICAS.						
PS640- TRABALHO - SOCIEDADE E RELAÇÕES INTERPESSOAIS	ELETIVO	60	0	60	4.0	
PRÉ-REQUISITO: Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.						
CO-REQUISITO: Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.						

REQUISITO DE CARGA HORÁRIA: Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.					
EMENTA: PODER, CONTROLE E SUJEIÇÃO. ASSÉDIO NO TRABALHO. FAMÍLIA, TEMPO TEÓRICO E LAZER. ABORDAGENS METODOLÓGICAS. CONSIDERAÇÕES ÉTICAS E QUESTÕES CENTRAIS NO DEBATE ATUAL.					
PS625- TRABALHO E SAÚDE	ELETIVO	60	0	60	4.0
PRÉ-REQUISITO: Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.					
CO-REQUISITO: Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.					
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA: Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.					
EQUIVALÊNCIA: Fórmula: PS299					
PS299- SAUDE E SEGURANCA NO TRABALHO					
EMENTA: MODELOS DE ORGANIZAÇÃO E DE GESTÃO: RELAÇÕES COM A SAÚDE DO TRABALHADOR. ABORDAGENS TEÓRICO-METODOLÓGICAS DA SAÚDE NO TRABALHO: RISCOS, ACIDENTES E PSICOPATOLOGIAS. PROMOÇÃO DA SAÚDE DO TRABALHADOR: LEGISLAÇÃO PROTETORA E PREVENTIVA.					
PS587- TÉCNICAS DE ANÁLISE QUALITATIVA DE DADOS	ELETIVO	60	0	60	4.0
PRÉ-REQUISITO: Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.					
CO-REQUISITO: Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.					
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA: Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.					
EMENTA: TÉCNICAS DE COLETA: OBSERVAÇÃO ETNOGRÁFICA E/OU PARTICIPANTE, ENTREVISTA, GRUPO FOCAL, HISTÓRIA ORAL, DIÁRIO DE CAMPO. TÉCNICAS DE ANÁLISE: ANÁLISE DE CONTEÚDO, ANÁLISE DE DISCURSO.					
PS638- TÓPICOS EM PSICOLOGIA 1	ELETIVO	60	0	60	4.0
PRÉ-REQUISITO: Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.					
CO-REQUISITO: Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.					
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA: Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.					
EMENTA: QUESTÕES TEÓRICAS, METODOLÓGICAS OU TEMÁTICAS DA PSICOLOGIA, DE CONTEÚDO VARIÁVEL, OFERTADA EM CARÁTER EXCEPCIONAL, PARA ATENDER ASPECTOS RELEVANTES NA FORMAÇÃO DO GRADUANDO.					

PS639- TÓPICOS EM PSICOLOGIA 2	ELETIVO	60	0	60	4.0
PRÉ-REQUISITO: Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.					
CO-REQUISITO: Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.					
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA: Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.					
EMENTA: QUESTÕES TEÓRICAS, METODOLÓGICAS OU TEMÁTICAS DA PSICOLOGIA, DE CONTEÚDO VARIÁVEL, OFERTADA EM CARÁTER EXCEPCIONAL, PARA ATENDER ASPECTOS RELEVANTES NA FORMAÇÃO DO GRADUANDO.					